

Caderno de **Questões 2002**



Caderno de Questões 2002



Vestibular nacional

UNICAMP

2003



A Unicamp Comenta

Suas provas

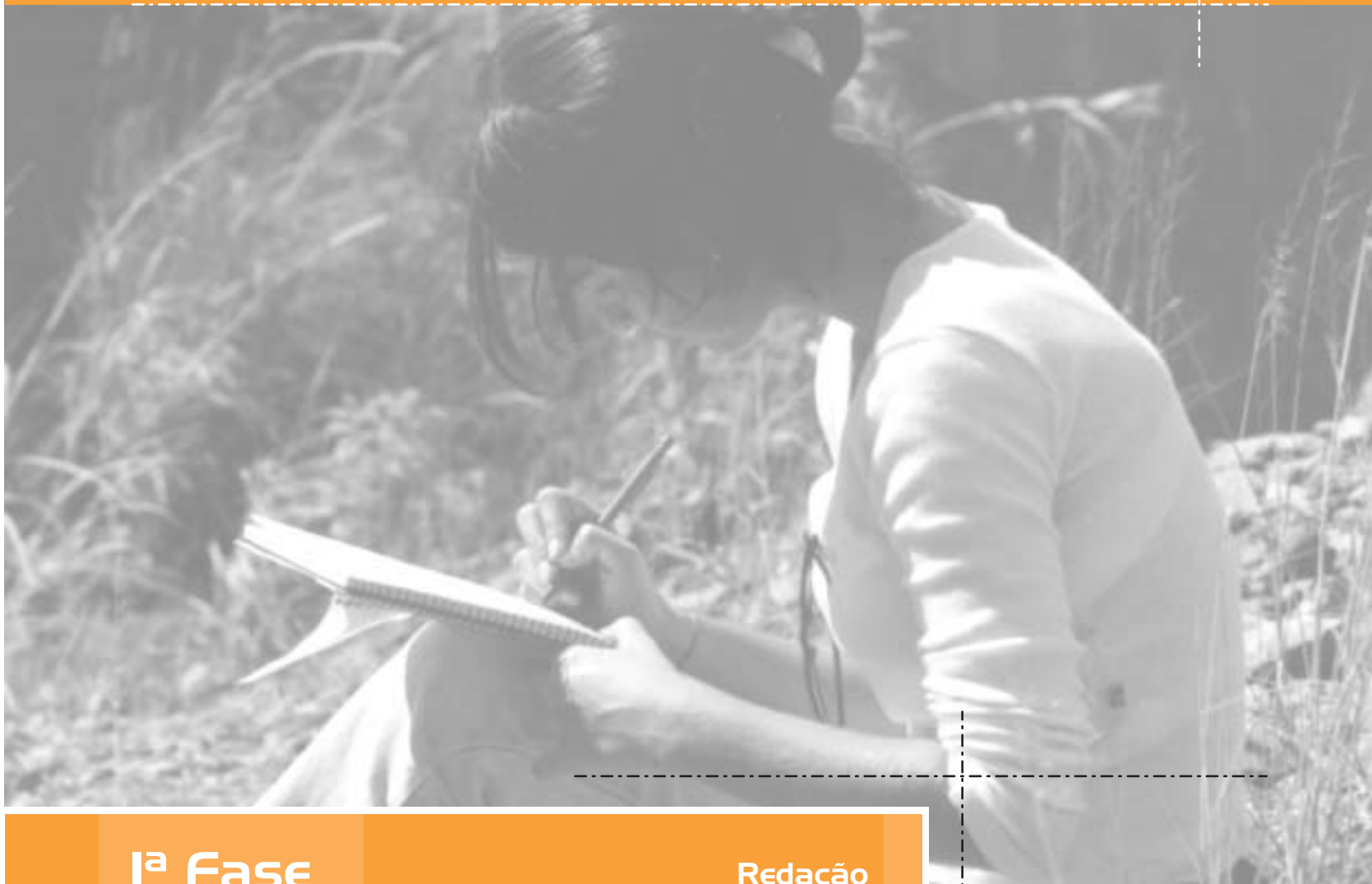


UNICAMP

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
COMISSÃO PERMANENTE PARA OS VESTIBULARES

banespa

Grupo Santander Banespa



I^a Fase

Redação



UNICAMP

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
COMISSÃO PERMANENTE PARA OS VESTIBULARES

banespa

Grupo Santander Banespa

Introdução

Como nos anos anteriores, *O Caderno de Questões: a Unicamp comenta suas provas de 2002*, depois de apresentar e comentar cada uma das três propostas do Vestibular 2002, apresenta algumas redações e destaca os principais aspectos considerados na avaliação.

Enfatizaremos, como nos anos anteriores, o uso que os candidatos fizeram ou poderiam ter feito da coletânea de cada proposta. Insistimos, sempre, no uso da coletânea de apoio, pois é através dele que podemos identificar – e consequentemente selecionar – aqueles candidatos que se caracterizam pela habilidade de ler criticamente um conjunto de textos e de relacioná-los de forma coerente, ou seja, os candidatos com o perfil desejado por nossa universidade. Ficará claro que valorizamos o trabalho dos candidatos e não sua eventual criatividade, suas ousadias, e, especialmente, sua letra ou seu conhecimento de detalhes gramaticais.

Insistiremos, também, na explicitação dos elementos considerados na avaliação dos critérios¹: Tema, Tipo de Texto e Coerência.

O Caderno de Questões: a Unicamp comenta suas provas do ano passado reproduziu as redações dos candidatos escaneadas – e não digitadas – no intuito de possibilitar ao leitor o contato com a imagem fidedigna dos textos dos candidatos. Como algumas ficaram pouco legíveis, porém, voltamos a apresentá-las digitadas, mas precedidas pela reprodução escaneada do início de cada uma, a fim de não frustrar totalmente aqueles que elogiaram a forma de apresentação anterior.

Esperamos que a leitura desta seção possa tornar mais transparente o processo de avaliação das redações e contribuir para que você se prepare com tranquilidade e eficiência para o Vestibular Unicamp.

Caso alguma dúvida a respeito da filosofia do Vestibular Unicamp ou especificamente a respeito da prova de Redação AINDA permaneça, ou se quiser ler tudo o que já foi publicado sobre a Redação no Vestibular Unicamp, segue uma lista das publicações:

Vestibular Unicamp, Redação, 1993 – Editora Globo, S/A;

Vestibular Unicamp, Questões Comentadas do Vestibular 94, 1994 – Editora Globo, S/A;

Vestibular Unicamp, Questões Comentadas do Vestibular 95, 1995 – Editora Globo, S/A;

Caderno de Questões, 97, 98, 99, 2000 e 2001.

Bom trabalho!

Tema A

O trabalho humano tem assumido múltiplas dimensões ao longo da história. As alternativas que têm sido postas à disposição ou que têm sido negadas aos indivíduos ou à espécie permitem amplo leque de avaliações. Encontra-se tanto uma defesa incondicional das virtudes da vida laboriosa quanto o elogio do ócio ou a defesa de um tempo de trabalho apenas indispensável à sobrevivência.

Levando em conta as pressões históricas, sociais e mesmo psicológicas que condicionam estas visões, exemplificadas nos textos desta coletânea, que permitem uma discussão da questão em seus aspectos contraditórios, escreva uma dissertação sobre o tema:

Trabalho: fator de promoção ou de degradação.

1. No inverno, as formigas estavam fazendo secar o grão molhado, quando uma cigarra faminta lhes pediu algo para comer. As formigas lhe disseram: "Por que, no verão, não reservaste também o teu alimento?" A cigarra respondeu: "Não tinha tempo, pois cantava melodiosamente". E as formigas, rindo, disseram: "Pois bem, se cantavas no verão, dança agora no inverno". (Esopo, *Fábulas Completas*, trad. de Neide Skolka, São Paulo, Moderna, 1994.)
2. Uma estranha loucura apossa-se das classes operárias das nações onde impera a civilização capitalista. Esta loucura tem como consequência as misérias individuais e sociais que, há dois séculos, torturam a triste humanidade. Esta loucura é o amor pelo trabalho, a paixão moribunda pelo trabalho, levada até o esgotamento das forças vitais do indivíduo e sua prole. Em vez de reagir contra essa aberração mental, os padres, economistas, moralistas sacrossantificaram o trabalho. Pessoas cegas e limitadas quiseram ser mais sábias que seu próprio Deus; pessoas fracas e desprezíveis quiseram reabilitar aquilo que seu próprio Deus havia amaldiçoado. (Paul Lafargue, *O direito à preguiça*, São Paulo, Kayrós, 2 ed., 1980.)
3. *Arbeit macht frei* (o trabalho liberta, divisa encontrada nos portões do campo de concentração de Auschwitz).

¹ Você já deve conhecer os aspectos considerados para a atribuição de pontos em cada um dos seis critérios de avaliação utilizados no nosso vestibular. Eles são descritos pormenorizadamente no *Manual do Candidato*.

4. Em 1995 o Brasil tinha cerca de 300 mil voluntários engajados no Terceiro Setor (fundações, associações comunitárias etc.) e mais 3 milhões espalhados por organizações religiosas de todo o tipo (espíritas, pastorais da Igreja etc.). A maioria são pessoas que mal se conhecem, mas que se dispõem a ajudar idosos, inválidos, mães sem recursos, crianças abandonadas, de dia ou de noite, em jornadas extras após o trabalho. (Miguel Jorge, "Voluntariado e cidadania", *O Estado de S. Paulo*, 18/6/2001.)
5. Fotografia de Sebastião Salgado: escadas nas minas de ouro de Serra Pelada. Brasil, 1986.
(http://www.terra.com.br/sebastiaoalgado/p_op1/p08w.html)



6. Começa a surgir e a tomar contornos de reivindicação trabalhista o "direito à desconexão": o direito para o assalariado de se desligar – fora do horário de trabalho, nos fins-de-semana, nas férias – da rede telemática, do arreio eletrônico que o liga ao patrão ou a sua firma. (Luiz Felipe de Alencastro, "A servidão de Tom Cruise, Metamorfoses do trabalho compulsório", *Folha de S. Paulo, Caderno Mais!*, 13/8/2000.)
7. A Nike é acusada de vender tênis produzidos em países asiáticos por mão-de-obra aviltada. Um levantamento feito junto a quatro mil trabalhadores de nove das 25 fábricas que servem à empresa na Indonésia revelou que 56% dos trabalhadores queixam-se de insultos verbais, 15,7% das mulheres reclamam de bolinas e 13,7% contam que sofreram coerção física no serviço. Esse estudo foi realizado sob o co-patrocínio da própria Nike. Outro levantamento, feito no Vietnã, mostrou que os trabalhadores ganham US\$ 1,60 por dia e teriam que gastar US\$ 2,10 para fazer três refeições diárias. Banheiros, só uma vez por dia. Água, duas vezes. O descumprimento das normas de uso do uniforme é punido com corridas compulsórias. Em outros casos, o trabalhador é obrigado a ficar de castigo, ajoelhado. A fábrica da localidade de Sam Yang trabalha 20 horas por dia, tem seis mil empregados, mas o expediente do médico é de apenas duas horas diárias. (Elio Gaspari, "O micreiro do MIT pegou a Nike", *Folha de S. Paulo*, 4/3/2001.)
8. "O trabalho danifica o homem" (declaração de Maguila, lutador de boxe, parodiando um conhecido provérbio).
9. O bom senso questiona: por que razão os homens dessas sociedades [...] queriam trabalhar e produzir mais, quando três ou quatro horas diárias de atividade são suficientes para garantir as necessidades do grupo? De que lhes serviria isso? Qual seria a utilidade dos excedentes assim acumulados? Qual seria o destino desses excedentes? É sempre pela força que os homens trabalham além das suas necessidades. E exatamente essa força está ausente do mundo primitivo: a ausência dessa força externa define inclusive a natureza das sociedades primitivas. Podemos admitir a partir de agora, para qualificar a organização econômica dessas sociedades, a expressão economia de subsistência, desde que não a entendamos no sentido de um *defeito*, de uma incapacidade, inerentes a esse tipo de sociedade e à sua tecnologia, mas, ao contrário, no sentido da recusa de um *excesso* inútil, da vontade de restringir a atividade produtiva à satisfação das necessidades. [...] A vantagem de um machado de metal sobre um machado de pedra é evidente demais para que nela nos detenhamos: podemos, no mesmo tempo, realizar com o primeiro talvez dez vezes mais trabalho que com o segundo; ou então executar o mesmo trabalho num tempo dez vezes menor. (Pierre Clastres, *A Sociedade contra o Estado*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1973.)

- 10.** É realmente muito triste para mim, hoje em dia, saber que os pastores não conhecem essa tremenda verdade. E é doloroso pensar que eles continuarão, uivando como cães, a disputar o “meu” e o “teu”, numa luta ferina e bestial. Continuarão a viver dilacerando-se uns aos outros e cuspidos sangue, tragicamente, em proveito de patrões que desconhecem. [...] Nosso sangue fervilhava no esforço, regava a terra, coagulava-se. E nós estávamos contentes. Como poderíamos desconfiar que o fruto de nosso sangue ia engordar as aves de rapina das cidades, luzidias e repousadas, em suas casas confortáveis? Cada um de nós, na mocidade, construía com vistas à velhice, sem saber que, numa sociedade como a nossa, a velhice, com ou sem olival, seria tragicamente desprezada pelos jovens! E cada um de nós entregava-se a esse demônio que derramava nos campos nossas energias, espalhando-as conforme seu capricho, tornando-nos felizes sem dilacerar assim nossa própria carne, esquecidos das calamidades e dos caprichos da natureza. (Gavino Ledda, Pai Patrão, Rio de Janeiro, Círculo do Livro, s.d.) [*Padre Padrone* é um romance de 1975, que deu origem ao filme dos irmãos Taviani, com o mesmo título. Trata da dura vida de trabalho do filho de um camponês da Sardenha.]
- 11.** O argumento é conhecido, justo e internacional: por lei, as crianças devem estar na escola, e não trabalhando 12 horas por dia; empresários inescrupulosos recorrem ao trabalho infantil, pagando salários indecentes; portanto, é preciso uma lei para impedir essas injustiças. A questão é: qual lei? No caso brasileiro, a lei pode levar as crianças a perder o emprego e a não ganhar nada em termos de aprendizado profissional. Portanto, para que se cumpra a lei, os menores de 16 anos deverão ser despedidos. [...] A verdadeira alternativa, para muitos adolescentes, não é estudar ou trabalhar, mas trabalhar ou não. As famílias pobres precisam dessa renda, que a lei acaba confiscando. (Adaptado de Carlos A. Sardenberg, “Boas intenções que matam”, *O Estado de S. Paulo*, 18/6/2001.)

Comentários

Para quem escolheu o tema A, a proposta da prova de redação do Vestibular 2002 da Unicamp solicitou aos candidatos uma dissertação em que o tema – “trabalho” – deveria ter sido analisado levando-se em conta fundamentalmente sua contraditória avaliação histórica. O enunciado “Trabalho: fator de promoção ou de degradação” sinaliza que duas possibilidades conflitantes entre si deveriam ter sido consideradas. O candidato poderia ter tomado partido pela tese de que o trabalho é um fator de promoção ou, alternativamente, pela tese de que o trabalho degrada. Poderia ainda ter adotado uma posição de meio-termo, considerando que no trabalho há tanto promoção quanto degradação. Em qualquer dessas hipóteses de desenvolvimento, entretanto, esperava-se que as duas posições tivessem sido claramente consideradas e comparadas, o que significa que o candidato deveria ter previsto possíveis contra-argumentos para sua tese e refutado possíveis objeções.

Esperava-se ainda que os candidatos tivessem percebido, a partir da leitura da coletânea de fragmentos, que, ao longo da história, diferentes (e, eventualmente, conflitantes) valores religiosos, sociais, econômicos e morais foram associados ao trabalho. Essa percepção deveria ter impedido que o candidato tivesse optado, por exemplo, por uma defesa incondicional (e, portanto, ingênua) do caráter dignificante do trabalho, sem considerar os aspectos que são ideológicos nessa visão positiva. Da mesma forma, ele não poderia ter optado por uma discussão particularizada do tema, considerando somente questões atuais em que o trabalho figura como fator de degradação. Enfim, para responder à proposta do Tema A, o candidato deveria ter apresentado sua posição como resultado de uma argumentação em que ficasse evidenciada a percepção da complexidade do tema e de suas múltiplas dimensões.

Apresentaremos a seguir alguns exemplos de redações de diferentes faixas de notas para que possamos analisar como os candidatos responderam à tarefa proposta. Na transcrição dos textos foi mantida a redação original dos candidatos.

Exemplo de redação abaixo da média

O povo e o trabalho

Desde a Revolução Industrial, advento histórico que consolidou o poder da burguesia no mundo capitalista, o trabalho tem sido a base da economia global. Nessa época, surgiram inúmeras leis, sindicatos e até religiões a fim de pregar o trabalho como essencial

O povo e o trabalho

Desde a Revolução Industrial, advento histórico que consolidou o poder da burguesia no mundo capitalista, o trabalho tem sido a base da economia global. Nessa época, surgiram inúmeras leis, sindicatos e até religiões a fim de pregar o trabalho como essencial para o ser humano e o lucro divino – doutrina calvinista. Entretanto junto a esse crescimento da mão-de-obra assalariada surgiram as péssimas condições a que eram submetidos homens, mulheres e inclusive crianças com jornadas duplas de serviço e uma remuneração deplorável, vivendo em profunda miséria, fato que sobreviveu aos tempos e ainda hoje é combatido.

Exemplo de redação abaixo da média

Deve-se observar, primeiramente, que a importância do trabalho vem crescendo absurdamente e, com isso, tem-se um mercado saturado procurando por pessoas as mais qualificadas possíveis excluindo a grande parte da população sem acesso a uma boa formação. Assim, surge a classe operária, pessoas que, geralmente por motivos financeiros, não possuíram oportunidade de estudar e conseqüentemente não permitem que seus filhos ingressem nas escolas, pois estes tem que ajudar com o faturamento ao mísero salário da casa.

Como conseqüência dessa ignorância e má formação dos trabalhadores, eles vivem em condições sub-humanas de exploração sendo encarregados de um serviço bruto e pesado por um período de serviço muito superior a seus chefes de maior qualificação, já o salário é inversamente proporcional a esta carga horária: quanto mais se trabalha, menos se ganha.

Além disso, ainda se deve ressaltar a prática ilegal do trabalho infantil. Facilmente se encontram nas ruas crianças no semáforo vendendo doces, meninos com menos de dez anos a engraxar sapatos, ou até mesmo vivendo em regimes de semi-escravidão no interior do país. Este fato é mais um resultado da pobreza em que o povo está mergulhado: os pais, sem opção, preferem fazer de seus filhos precoces trabalhadores ganhando cinco reais em média por dia a vê-los estudando e ganhando quinze reais mensais do governo por criança.

Concluindo, as pessoas de baixa renda trabalham sob condições precárias desde os primórdios do capitalismo industrial sendo o trabalho um fator necessário, porém degradante em suas vidas, pois se esforçam a vida toda para tentar obter no mínimo o sustento da família e tendo como resultado apenas marcas de uma vida sofrida e cruel, além de uma aposentadoria que não os dá nenhuma vantagem após um longo período de sacrifícios.

Comentários

O candidato defende, nesta redação, a tese de que o trabalho degrada, privilegiando a perspectiva negativa incluída no título da proposta: o trabalho é visto exclusivamente como fator de degradação. Note que, em nenhum momento, é mencionada a visão contrária, indicada pelo próprio título da proposta, de que o trabalho pode também ser percebido como fator de promoção. Como já foi dito no comentário geral do tema A, o candidato poderia ter tomado partido pela tese de que o trabalho degrada; o que se esperava, entretanto, é que, ao optar por essa via, ele não desconsiderasse a posição contrária, isto é, a avaliação do trabalho como atividade dignificante, ainda que somente para rebatê-la. Perceba que isso não foi feito.

Não se pode dizer, entretanto, que o candidato tenha descumprido inteiramente a tarefa proposta pelo tema. Ele considera o problema do trabalho, apresenta-o como atividade degradante, e usa elementos da coletânea em sua argumentação. No primeiro parágrafo, introduz o tema por meio de uma rápida abordagem histórica, em que se percebe uma leitura do fragmento 2. A Revolução Industrial é apresentada por ele como o evento histórico que teria consolidado o trabalho assalariado (e sua crescente exploração) como base da economia global. A partir do segundo parágrafo, o candidato passa a discutir situações concretas atuais em que o trabalho figura como atividade degradante. No segundo e terceiros parágrafos, apresenta um problema relativo à mão-de-obra desqualificada no mercado atual. No quarto parágrafo, focaliza a questão do trabalho infantil, apresentada pelo fragmento 11 da coletânea. No quinto parágrafo, a conclusão, retoma a idéia inicial de que a situação degradante do trabalhador assalariado, inaugurada nos "primórdios do capitalismo industrial", perduraria até hoje. Na verdade, o candidato não foi inteiramente bem sucedido na consideração da complexidade do tema, que demandava uma abordagem mais ampla, menos particularizada. Em nenhum instante o candidato supõe, por exemplo, que seu interlocutor possa não compartilhar de sua opinião a respeito do caráter degradante do trabalho. Seu texto não prevê um leitor que, diferentemente dele, possa interpretar o trabalho como atividade dignificante, circunstancialmente (e apenas circunstancialmente) prejudicada por práticas de espoliação que não estariam diretamente relacionadas à idéia do trabalho em si, mas à questão, antes histórica, da opressão de classes.

Além disso, podemos observar pelo menos dois outros problemas, derivados desse primeiro: a ingenuidade da argumentação e a gratuidade de alguns argumentos.

O candidato repete argumentos do senso comum ao contrapor, de forma excessivamente esquemática, padrões e empregados, afirmando, por exemplo, que "quanto mais se trabalha, menos se ganha". Ainda que essa afirmação possa encontrar respaldo na experiência cotidiana do candidato (e de todos nós), ela destoa de pelo menos dois fragmentos da coletânea, que denunciam que a escravização ao trabalho não está diretamente relacionada à classe social. O fragmento 2 (que introduz a idéia de "direito à preguiça") e o fragmento 6 (que menciona a "direito à desconexão") indicam que a degradação (potencialmente) exercida pelo trabalho não respeita hierarquia: atinge trabalhadores de diferentes grupos e qualificações. A simplificação evidência, pois, uma leitura apressada (ou muito superficial) da coletânea de apoio. Ora, como sempre insistimos, a qualidade da leitura dos textos fornecidos é um dos aspectos mais valorizados na atribuição de pontos no critério coletânea. Embora o candidato não fosse obrigado a utilizar todos os elementos da coletânea no desenvolvimento do seu texto, seria fundamental que os considerasse, pelo menos como balizadores da discussão. Caso ele optasse, conscientemente, por desconsiderar todos esses fragmentos, teria alternativamente de demonstrar uma boa leitura de pelo menos um dos fragmentos que pudessem ser usados para sustentar sua tese, como os fragmentos 5; 7; 8 e 10. Isso também não foi feito pelo autor deste texto.

Comentários

Observe que a evocação da Revolução Industrial não exerce nenhuma função argumentativa. Aparece apenas como ilustração, cujo objetivo seria localizar historicamente o início de um processo de degradação do trabalhador assalariado que, segundo o candidato, perduraria até os dias de hoje. A gratuidade se torna evidente porque os problemas por ele relatados – e em torno dos quais organizará toda a sua argumentação – já existiam mesmo antes da Revolução Industrial. O candidato explora principalmente duas situações em que o trabalho figura como atividade degradante: a exploração da mão-de-obra desqualificada e do trabalho infantil (Fragmento 11). No entanto, nenhuma dessas formas de exploração é consequência direta da Revolução Industrial, pois ambas constituem práticas observadas desde sempre. As “péssimas condições a que eram submetidos homens, mulheres e inclusive crianças com jornadas duplas de serviço e uma remuneração deplorável, vivendo em profunda miséria” não “surgiram” com a consolidação do “poder da burguesia no mundo capitalista”. Existiram, em todos os tempos, inclusive nos inúmeros regimes escravocratas que se sucederam ao longo da História.

A mesma gratuidade pode ser observada na referência ao calvinismo (doutrina protestante que pregava, entre outras coisas, o trabalho como uma forma de servir a Deus) A idéia, que poderia conduzir ao questionamento dos valores que foram historicamente agregados ao trabalho, acaba também por ficar sem nenhuma função no texto, já que não é desenvolvida, nem relacionada com a discussão do tema. O texto teria sido sem dúvida muito mais bem sucedido se o candidato tivesse explorado melhor os pontos históricos (Revolução Industrial, calvinismo) apontados na introdução e tivesse avaliado, por exemplo, quais forças (econômicas, sociais etc.) seriam responsáveis pela manutenção da situação de degradação do trabalhador nos dias atuais. Em resumo, a seleção e o uso de um determinado fragmento deveriam servir para sustentar uma determinada opinião ou posição, e não apenas para o cumprimento de uma tarefa, como parece ocorrer no texto deste candidato.

Além dos problemas relativos ao desenvolvimento do tema e à apropriação da coletânea, percebe-se que o candidato não domina integralmente a estrutura dos textos dissertativos. Sua dissertação pretende provar que o trabalho é degradante pela simples justaposição de exemplos ou situações concretas que ilustrariam sua hipótese. Não há uma exploração em profundidade dos exemplos apresentados, nem o confronto com possíveis contra-exemplos. Seu texto não progride, não avança argumentativamente: é repetitivo e redundante. Depois de já ter feito referência ao trabalho infantil no segundo parágrafo (“...não permitem [a classe operária] que seus filhos ingressem nas escolas, pois estes têm que ajudar com o faturamento ao mísero salário da casa.”), o candidato introduz novamente o assunto no quarto parágrafo como se a ele estivesse se referindo pela primeira vez (“Além disso, ainda se deve ressaltar a prática ilegal do trabalho infantil.”). Em alguns momentos, seja por inabilidade no uso de elementos coesivos (conjunções, locuções prepositivas, advérbios), seja pela ausência de uma relação lógica entre conteúdos, fica o leitor sem saber o que o candidato queria dizer exatamente. Qual seria, por exemplo, a relação entre o crescimento da importância do trabalho e a saturação do mercado, mencionada no início do segundo parágrafo? Não fica claro nem mesmo qual foi o raciocínio que o levou a afirmar que “a importância do trabalho vem crescendo absurdamente”. Num texto dissertativo, as afirmações devem ser apresentadas como resultado de um encadeamento de argumentos e não como idéias supostamente evidentes. Em outras palavras, é preciso que o leitor possa recuperar o caminho trilhado pelo autor do texto para chegar a sua tese, pois só assim ele poderá ser convencido, ou, pelo menos, reconhecer sua pertinência.

Se você ainda não estiver convencido de que a redação acima caracteriza um desenvolvimento abaixo da média da proposta, leia atentamente o próximo texto e faça uma comparação.

O Trabalho: novo instrumento de Degradação

Fábulas, provérbios, ditos populares. “O trabalho dignifica o homem”, “o trabalho liberta”. A referência ao trabalho é constante na literatura e em outras formas de expressão ideológica. O trabalho e o homem parecem eternamente ligados. A caracterização de um período histórico, de um modo de produção, da estrutura e da conjuntura de

O trabalho: novo instrumento de degradação.

Fábulas, provérbios, ditos populares. “O trabalho dignifica o homem”, “o trabalho liberta”. A referência ao trabalho é constante na literatura e em outras formas de expressão ideológica. O trabalho e o homem parecem eternamente ligados. A caracterização de um período histórico, de um modo de produção, da estrutura e da conjuntura de dada época passa necessariamente pela caracterização do tipo de trabalho realizado no período, tanto em relação à sua forma de recompensa – salário, casa ou chibata – quanto em relação à sua produtividade e eficácia. Aparentemente, o homem sempre manteve relações de trabalho. É essa expressão eternizada do trabalho que coíbe a reflexão quanto à validade do trabalho como atividade inerente ao homem.

Exemplo de redação acima da média

Exemplo de redação acima da média

Primitivamente, o trabalho apresentava-se como necessidade à sobrevivência e seu fruto era repartido coletivamente. O trabalho visto como atividade de mérito e remuneração individual, suprimindo qualquer ideário de comunidade e articulação social é criação recente. O trabalho passou de necessidade imposta para sobrevivência natural a necessidade imposta para sobrevivência social. Com a detenção dos meios de produção por uma única classe – não interessada em qualquer idéia de coletividade primitiva – o trabalho tornou-se a única “propriedade” do proletariado, sua mercadoria para a nova sociedade de classes, sua arma de sobrevivência.

Mas a aceitação do trabalho como atividade digna não foi imediata. Principalmente na sociedade brasileira, onde quem trabalhava (escravos) estava no último degrau da classificação social, e a elite era composta justamente pelos adeptos do ócio (os grandes proprietários).

A visão negativa do trabalho, típica da sociedade brasileira pré-republicana, é um claro exemplo da influência estrutural e ideológica na formação de um conceito definido de trabalho (como degradante ou dignificante). Portanto, até mesmo a visão atual de trabalho como necessidade na formação moral do ser humano nada mais é do que uma adaptação ideológica a determinada estrutura econômica e social que tem no trabalho e na produção de excedentes sua base de sustentação.

Nesse contexto, o trabalho para produção de excedentes se tornou a única opção para inserção social. Dessa forma, o trabalho dignifica o homem, sim, não por sua essência bruta, mas por ser condição obrigatória à não marginalização. Trabalhar é manter-se vivo. Os desempregados – exército de reserva ameaçador – servem como força externa para coerção do indivíduo a trabalhar cada vez mais, produzir o que não consome, receber cada vez menos, sujeitar-se ao “sistema.”

E o homem, ex-sujeito da história, tornou-se objeto do sistema. A tecnologia, as máquinas e robôs seriam nossa salvação, enfim a liberdade do homem em relação ao trabalho. Ilusão. Tornaram-se apenas novas formas de coerção, instrumentos mais eficazes para mastigar a dignidade e reproduzir a miséria humana. Talvez o movimento ludista estivesse certo: a máquina é inimiga do homem; a máquina, expressão máxima do desenvolvimento técnico humano, potencializa a ambição, geradora da miséria humana.

O resultado da assimilação da tecnologia aos meios de produção ilustra a relação atual do homem com o trabalho. Ao invés de utilizar-se da técnica para libertar-se da obrigação do trabalho, o homem utilizou-a para implementar a produção. O trabalho tornou-se obrigatório e instrumento de opressão e distinção social. O homem não mais trabalha para si, tornou-se escravo do trabalho, num ciclo de imposições sociais que mantém os trabalhadores, como gado, submissos à vontade do patrão. E esse, por sua vez, é uma marionete do sistema, do mercado, do monstro que o homem impôs a si mesmo: a ambição – a mesma que conduziu o conceito de trabalho de atividade dignificante para relação obrigatória e degradante.

Comentários

A idéia central desenvolvida pelo candidato nesta redação é apresentada já no próprio título: *O trabalho: novo instrumento de degradação*. Perceba, portanto, que o candidato explicita desde o início sua posição diante da proposta temática. Ela coincide com a do autor do texto anterior, ou seja, defende-se novamente a tese de que o trabalho degrada. No entanto, para preparar a aceitação de seu ponto de vista, este candidato, diferentemente do anterior, explora a contradição do tema. Ele chama a atenção do leitor, já no primeiro parágrafo, para o fato de que a aceitação do trabalho como uma “atividade inerente ao homem” impede que se reflita sobre sua validade. É exatamente essa caracterização do trabalho como atividade natural e dignificante do homem que o candidato se propõe a questionar.

A fim de defender sua tese, o candidato busca, num primeiro momento, pôr em questão algumas noções arraigadas e amplamente aceitas sobre o trabalho. No primeiro parágrafo, faz referência a “fábulas, provérbios e ditos populares”, em que o trabalho é apresentado como atividade dignificante, e os caracteriza como “expressões ideológicas”. Esse movimento revela uma leitura bastante crítica da coletânea, na medida em que relaciona ao fragmento 2 os fragmentos 1, 3 e 8 (respectivamente a fábula, o dito popular e o provérbio parodiado por Maguila), em que são evocados alguns dos mentores de ideologias referentes ao trabalho (“...padres, economistas, moralistas sacrossantificaram o trabalho”). O candidato foi capaz de estabelecer uma relação não evidente entre os fragmentos, e essa articulação caracteriza a capacidade de leitura que se espera encontrar no aluno da Unicamp.

Seguindo sua linha argumentativa, o candidato demonstra que a avaliação do trabalho como atividade dignificante ou degradante é historicamente construída a partir de interesses econômicos e de classes e que, portanto, qualquer julgamento de valor sobre o trabalho, longe de ser neutro, está carregado de valores ideológicos. A fim de comprovar a sua afirmação, ele nos lembra de que, há bem pouco tempo, “na sociedade brasileira pré-republicana”, o trabalho era visto como uma atividade degradante, já que era exercida pelos escravos que ocupavam o “último degrau na classificação social”, enquanto a elite (os grandes proprietários) “era adepta do ócio”. Note que, ao colocar em xeque a concepção de trabalho como atividade intrinsecamente digna, o candidato prepara o leitor para aceitar mais facilmente a tese de que o trabalho, tal como concebido e realizado na sociedade atual, ter-se-ia transformado em um “novo instrumento de degradação”.

Comentários

Afirma ainda que a visão do trabalho como "atividade de mérito e remuneração individual" é recente, já que antigamente o trabalho apenas cumpria a função de garantir a sobrevivência de uma coletividade. Assim, a mudança na relação homem/trabalho seria resultante de uma transformação histórica decisiva e de uma adequação a uma nova realidade econômica, que tem sua base de sustentação na produção de excedentes. Essa mudança teria resultado, segundo o candidato, na transformação do trabalho, de uma atividade digna, voltada para a sobrevivência da espécie, em uma atividade degradante, já que compulsória e opressiva. No momento em que apenas uma pequena parcela da população teria passado a controlar os meios de produção, o trabalho teria se tornado a única "propriedade" do trabalhador, e sua força de trabalho, uma "mercadoria". Este homem, que não trabalhava mais para si mesmo, teria sido transformado em "escravo" do sistema, e o trabalho, em "instrumento de degradação".

Neste ponto, percebe-se que o candidato trouxe, da leitura do fragmento 9 da coletânea, a idéia de que seria "sempre pela força que os homens trabalham além de suas necessidades", sugerindo que, na sociedade atual, essa "força" seria representada pelo sistema e pela ideologia. Dessa forma, o candidato retoma e justifica a idéia, apresentada no início do texto, de que a visão positiva do trabalho seria uma construção ideológica: a noção amplamente difundida de que o trabalho constitui um elemento necessário para "a formação moral do ser humano" nada mais seria do que "uma adaptação ideológica a determinada estrutura econômica e social que tem no trabalho e na produção de excedentes sua base de sustentação."

Percebemos, assim, que o candidato tem um projeto de texto claro. Poderíamos resumir seu projeto da seguinte forma: a organização econômica da sociedade contemporânea, responsável pela transformação do trabalho em atividade degradante, encontraria respaldo na superestrutura ideológica, que submete os indivíduos a discursos nos quais o trabalho é apresentado como uma atividade moralmente digna e necessária, o que ajudaria a garantir o funcionamento do sistema econômico atual, sustentado pela produção de excedentes, já que os que não se submetem à exploração são marginalizados e excluídos da sociedade. Consistente, não?

Concluindo sua avaliação negativa da atual relação homem/trabalho, o candidato afirma que até mesmo o desenvolvimento tecnológico, que prometia a libertação do ser humano da obrigação do trabalho, serviu apenas para "potencializar a ambição", transformando-se em mais um "instrumento de opressão" e de degradação do trabalhador. Perceba, neste ponto, mais uma vez, a leitura que o candidato fez do fragmento 9 da coletânea. O desenvolvimento tecnológico, metaforicamente representado pelo machado de pedra, poderia ser um aliado do homem, libertando-o da opressão, por permitir que um mesmo trabalho fosse realizado em um tempo dez vezes menor. Mas a ambição ("o monstro que o homem impôs a si mesmo") fez com que ele preferisse produzir dez vezes mais no mesmo espaço de tempo. Trata-se de uma argumentação muito bem construída e fundamentada. Ao contrário do candidato anterior, o autor deste texto demonstra ter compreendido a complexidade do tema e demonstra bastante maturidade ao desenvolvê-lo. Esperamos que não tenha restado dúvida de que se trata de uma redação bem acima da média.

Por fim, é importante lembrar que este é apenas um exemplo de bom desenvolvimento do tema, mas evidentemente, essa não é a única opção de desenvolvimento. Com isso estamos querendo dizer que, a partir da leitura do tema e da coletânea, os candidatos poderiam propor diferentes desenvolvimentos, uma vez que os textos da coletânea permitem diversos recortes da questão.

Vejamos a seguir um outro exemplo de desenvolvimento acima da média.

Exemplo de redação acima da média

Paradoxo contemporâneo: trabalho e alienação.

"O trabalho é a força que movimenta o homem". Essa máxima seria lida, pelo homem contemporâneo, da seguinte forma: "o trabalho proporciona o desenvolvimento ECONÔMICO ao homem". Mas nem sempre a paráfrase foi válida.

Paradoxo contemporâneo: trabalho e alienação

"O trabalho é a força que movimenta o homem." Essa máxima seria lida, pelo homem contemporâneo, da seguinte forma: "o trabalho proporciona o desenvolvimento ECONÔMICO ao homem". Mas nem sempre a paráfrase foi válida.

Nas sociedades "primitivas", o trabalho tinha todo um significado simbólico. Essas sociedades tinham no cerne de sua cultura os ritos, que englobavam o que conhecemos hoje como religião, trabalho e arte. Os homens celebravam a vida, a fertilidade, através de rituais que envolviam esses três aspectos. Não visavam a nenhum tipo de "acúmulo". Não faziam

Exemplo de redação acima da média

planos de lucros. Não tinham nem a visão de produção enquanto tal. Nem podiam, já que até a visão do tempo era diferente: ele era cíclico, como a natureza, e não irreversível como o vemos hoje. O trabalho, nessas sociedades, não tinha, de forma alguma, o objetivo de qualquer exploração. Não promovia nem a promoção nem a degradação: era simplesmente intrínseco ao homem, causa e consequência de sua vida em sociedade.

Com o passar do tempo, os ritos desmembraram-se nas três vertentes já citadas e o trabalho – assim como a arte e a religião – ganhou um significado diferente. O homem passou a ter consciência dos seus vários planos de existência. Enquanto a arte passa a ser “necessária pela magia que lhe é inerente” (FISCHER, Ernest. A necessidade da Arte.), o trabalho passa a fazer parte da realidade chamada IMEDIATA. Esse quadro passa a ser “patológico” quando o “imediatismo” domina toda a relação humana. O trabalho vira, assim, mercadoria. Nesse momento, o trabalhador passa a estar totalmente separado daquilo que produz. Segundo Guy Debord, com essa separação vem a formação de uma imensa massa de indivíduos iguais entre si, porém distantes, imersos cada um na sua alienação. Até a religião passa a contribuir para esse fenômeno, desvirtuando-se de seu significado primitivo e essencial – o de promover ao homem um outro tipo de existência, distanciando-o do imediatismo. O Calvinismo prega o trabalho como salvação – isso não significa nada se comparado à mercantilização da fé, consequência direta da alienação, e causa de sua perpetuação. O Calvinismo dizia que o trabalho promove, mas o uso do trabalho para a compra e venda da fé, certamente degrada.

Na sociedade atual, tudo perdeu seu significado essencial. É a “Sociedade do espetáculo”, de Guy Debord, em que a aparência é vivida como se fosse verdade. A partir do momento em que o homem viu-se separado – do que produz, do seu semelhante e de si mesmo – houve uma mudança geral no significado do trabalho. Ele, em si, virou mercadoria. Não existe mais o valor de uso – só o valor de troca (usando as idéias de Marx). Institui-se a realidade imediata como única. E o imediatismo como lei suprema de todas as coisas. E, para tornar o contexto ainda mais consolidado e irreversível, tirou-se do trabalhador toda a sua consciência. Na sua forma atual, o trabalho é causa direta da alienação. E a alienação é o maior dos males, fator primeiro da degradação humana. E a grande peste contemporânea. Nega ao homem a consciência de sua realidade (pode-se dizer que nega-lhe a vida!), de seus problemas. E nega, assim, qualquer capacidade que ele teria de combatê-los.

Comentários

A tese defendida pelo candidato nesta redação é a de que o trabalho, na sua forma atual, é alienante e, por isso mesmo, fator de degradação do homem. Para defender sua tese, o candidato selecionou da coletânea idéias dos fragmentos 2 e 9, articulando-as com outras de que ele demonstra conhecimento.

Da leitura do fragmento 9, o candidato trouxe a idéia de que a avaliação negativa do modo de produção (subsistência) de sociedades primitivas seria, no mínimo, questionável, já que a produção de excedentes não é uma exigência universal, mas cultural e histórica. E é este questionamento que ele desenvolverá ao longo do texto, demonstrando que o trabalho tornou-se degradante a partir do momento em que foi descaracterizado como atividade intrínseca ao homem, isto é, como “resultado natural de sua vida em sociedade”. O candidato tem o mérito de perceber que a relação entre “trabalho” e “promoção”, ou entre “trabalho” e “degradação”, é historicamente constituída, ou seja, que houve contextos históricos em que não faria sentido dizer que o trabalho servia seja à promoção seja à degradação do ser humano. O candidato revela-se, portanto, capaz de distanciar-se da proposta imediata do tema, de deslocar-se das propostas de encaminhamento do desenvolvimento, para interrogar-se sobre a própria relevância da discussão. Ao afirmar que o trabalho “não promovia nem a promoção nem a degradação: era simplesmente intrínseco ao homem, causa e consequência de sua vida em sociedade”, o candidato, em certa medida, questiona o próprio tema e mostra que também ele é historicamente constituído, sem no entanto recusar que a questão se revela hoje pertinente.

Nas sociedades primitivas, segundo o candidato, o trabalho, assim como a religião e a arte, tinha um caráter ritualístico, que ligava o homem àquilo que ele produzia. A ruptura teria se dado com a separação dessas três vertentes da vida em sociedade e a subsequente transformação do trabalho em “mercadoria”, que marcou a “separação do homem daquilo que ele produzia”, causando sua “alienação”. (É interessante perceber que o fragmento 9 foi utilizado de forma diferente pelo candidato do texto anterior. Um mesmo fragmento pode se prestar, como se vê, a diferentes leituras e articulações, dependendo do recorte que se queira fazer do tema e da linha argumentativa do texto.)

Observe que, apesar de se tratar de um desenvolvimento do tema muito acima da média, o texto apresenta alguns problemas, dos quais passaremos a tratar. O candidato não explora suficientemente no segundo parágrafo o processo de transformação do significado do trabalho, e sua separação da religião e da arte. Existem nesse ponto dois problemas. O primeiro é a suposição de que os argumentos sejam evidentes, ou de que o leitor possa resgatar o percurso argumentativo sem a necessária explicitação da passagem entre as várias afirmações do texto. O candidato parece supor que todo leitor tem a obrigação de compartilhar as referências utilizadas no texto. Evidencia-se, assim, um problema de interlocução, na constituição da imagem do leitor universal, que deveria marcar a produção de textos argumentativos dessa natureza.

Um outro problema diz respeito ao excesso de citações, que pode – ao invés de contribuir para a clareza do texto – tornar obscura a discussão, já que muitas vezes seu sentido só se completa se o leitor puder recuperar o contexto de

Comentários

onde foram extraídas. Não estamos com isso condenando o recurso às citações; apenas queremos reforçar que, além de não constituírem uma exigência da prova de redação do Vestibular Unicamp, não devem substituir o trabalho de elaboração do próprio candidato. A citação, como argumento de autoridade, deve servir para reforçar uma idéia desenvolvida no próprio texto.

A falta de uma maior coesão argumentativa entre algumas passagens do texto pode ser exemplificada com a referência, aparentemente gratuita, ao calvinismo, no final do terceiro parágrafo, em uma discussão cujo objetivo seria indicar a transformação do trabalho em mercadoria. O candidato não constrói de forma articulada a relação entre o calvinismo e a mudança de significado do trabalho. Assim, o que poderia ter sido utilizado como recurso que muito beneficiaria o texto, acaba por perturbá-lo, na medida em que o leitor se vê jogado abruptamente de um argumento a outro, sem que tenha havido a necessária preparação do percurso argumentativo. Teria sido mais interessante que o candidato tivesse explicitado, de alguma forma, que trouxe do fragmento 2 a idéia de que a religião – através da secularização da doutrina protestante de Calvino – teria contribuído para a reforçar a alienação e a exploração do trabalhador. Nesse contexto, não só o trabalho mas até mesmo a religião teriam sofrido um desvirtuamento de seu significado primitivo, passando a integrar aquilo que ele chamou de realidade imediata.

Perceba, por fim, que há alguma contradição em afirmar que o trabalho, a princípio atividade intrínseca ao homem, teria passado à condição de parte de uma realidade imediata. O imediatismo parece caracterizar melhor o trabalho em seu estágio primitivo, dado que o homem, nessa fase, estaria de tal forma integrado à natureza que, como afirma o próprio candidato, não concebia “planos” de acúmulo. Caberia, portanto, o detalhamento (ou uma explicação mais cuidadosa) dessa acepção de “imediatismo”, para que o leitor não precisasse recuperar sozinho o sentido pretendido.

Esses problemas, no entanto, não impedem que se reconheça, neste texto, um trabalho indiscutivelmente bem sucedido de desenvolvimento do tema. O candidato resgata o processo de “mercantilização” do trabalho, associando-o à idéia de “alienação”, reforçada pela rede de referências simbólicas (como a religião), que servirá de esteio para sua argumentação posterior. No último parágrafo, o candidato recupera a idéia de que a transformação do trabalho em mercadoria, seria o elemento desencadeador do processo de alienação, em si mesmo degradante. Posiciona-se, então, definitivamente, a favor da idéia de que, pelo menos atualmente, o trabalho é fator de degradação

Não devem restar dúvidas, portanto, de que estamos diante de um desenvolvimento muito bom do tema. O candidato leu criticamente a proposta temática e a coletânea, elaborou uma tese e soube argumentar com propriedade em sua defesa. Este texto também foi considerado acima da média no universo de redações avaliadas.

Vejamos ainda outra redação considerada acima da média.

Exemplo de redação acima da média

O Ócio Digno

Ciro Marcondes já citou várias vezes em seus livros que vivemos “a sociedade pós-moderna do prazer”. Não há mais o “projeto pessoal do trabalho”, apenas uma absorção contínua do que podemos viver e consumir. Curiosamente, nunca

O Ócio Digno.

Ciro Marcondes já citou várias vezes em seus livros que vivemos “a Sociedade Pós-Moderna do Prazer”. Não há mais o “projeto pessoal do trabalho”, apenas uma absorção contínua do que podemos viver e consumir. Curiosamente, nunca estivemos tão entregues às imposições do trabalho, particularmente depois que os telefones celulares, computadores e “escritórios-digitais-em-casa” acabaram com o cartão de ponto. Estamos vivendo um aparente paradoxo da admiração pelo ócio e sua doentia conversão em trabalho. O primeiro, cada vez mais valorizado nos cantores de pagode da T.V., e nos “craques” do futebol, mas condenado no “mundo real”, quando convertido em mais trabalho, realimenta um ciclo que nos escraviza.

Estamos num tempo de transição quanto aos valores que se tem sobre o trabalho. A nossa cigarrinha do trecho 1 pode agora receber os mais fervorosos aplausos das formigas na “TV-formigueiro”. É um “ócio digno”. A igreja não oferece mais dogmas tão fortes sobre o “sofrimento do trabalho que dignifica” (embora religiões protestantes nos países norte-americanos ainda exerçam grande influência na relação do cidadão com seu trabalho). Aprimoramos a técnica. Produzimos tempo livre. Produzimos “ócio digno”! Poderíamos ter a tão prometida liberdade que a técnica traria (embora Marx tenha sido cético quanto a isso), e agirmos como verdadeiros “pós-modernos”. Poderíamos ser os Eloys de H.G.

Exemplo de redação acima da média

Wells! Mas não é o que fazemos. Convertamos nosso “ócio digno” em trabalho, “com apenas alguns cliques”. E o pouco que sobra dele é convertido em aplausos aos que “têm mais ócio”. E quando somos nós os “conversores”, agimos com tanta ambição, libertos pela inexistência de “lucro máximo permitido pela sociedade”, que convertamos o ócio dos outros em mais trabalho – portanto mais lucro – usando institucionalizadamente o mito de que o “ócio é ruim”.

Somos escravos dessa incapacidade de enxergar nosso “lucro de tempo”, fruto da técnica aprimorada, como outra coisa que não “potencial lucro monetário”. Mas como todo escravo tem um feitor, quem é o nosso? Parece existir um “moto-contínuo” que realimenta esse paradoxo: aquele que transforma o “ócio convertido em dinheiro” em placebos para nossas ansiedades pós-modernas de prazer – os produtos de consumo. Eles nascem dessa conversão do “ócio digno” em mais lucro, mais trabalho, e nos alimenta de prazeres materiais. E intensifica também a cobiça, a atitude doentia capitalista, chegando aos extremos de exploração do trabalho infantil e regimes de trabalho semi-escravocratas.

Mas qual seria a solução? O mundo estabelecer o conceito de “lucro máximo”? Juntamente com a técnica, isso nos forçaria a trabalhar menos, e o “ócio resultante” seria visto finalmente com bons olhos. Mas aí estaríamos falando de uma economia planificada, e tangenciando o lado dialético da questão, mostrando que dentro desse paradigma mora o próprio germen de sua destruição.

Nesse instante eu acabo de receber o atestado de trabalho que solicitei à fiscal no início da prova. É curioso pensar como todo ócio precisa ser justificado, ainda que esse ócio seja causado pelo estudo. Vivemos um tipo de escravidão sutil, inconsciente. Uma submissão que me faz recordar de um outro “texto” pós-modernista: Matrix. Por um pouco de prazer consumista vendemos nosso ócio, e aceitamos alimentar o “moto-contínuo” do sistema. Mas às vezes “acordamos”, e não há nenhuma “nave” lá fora para voltarmos e combatermos. Não foi à toa que Durkheim foi feliz em apontar a relação entre a segunda-feira e as estatísticas de suicídio. Pequenas formigas acordando e percebendo que queriam ser cigarras.

Comentários

O projeto de texto de “O ócio digno” consiste em, a partir da leitura de praticamente todos os fragmentos da coletânea (1, 2, 5, 6, 7, 9 e 11), tratar de uma questão paradoxal: a valorização extrema do ócio e a incapacidade de aproveitá-lo. Além de explicitar muito bem esse paradoxo, o candidato tem o mérito de se propor a analisar sua causa. O que alimentaria esse paradoxo, segundo o candidato, é aquele “moto-contínuo” que “transforma o ‘ócio convertido em dinheiro’ em placebos para nossas ansiedades pós-modernas de prazer”. Ao concluir seu texto, o autor afirma que o sistema capitalista é o responsável pela escravização do homem, e aponta para uma solução no penúltimo parágrafo, que, no entanto, o próprio autor, pelo que afirma nesse mesmo parágrafo, duvida que venha a ser adotada algum dia.

Este candidato demonstra domínio muito acima da média em relação aos demais, de diferentes aspectos considerados na avaliação de um texto. Um deles é o da modalidade escrita da língua portuguesa padrão; perceba como a escolha lexical contribui para o texto do candidato, o que pode ser observado, por exemplo, na escolha da palavra digno para qualificar o ócio de que ele trata; e nas escolhas de: placebo; planifica; tangenciando; realimenta; paradoxo etc.

O domínio do tipo de texto dissertativo também se destaca. Além das contribuições que o texto recebe das escolhas vocabulares precisas, os argumentos são devidamente desenvolvidos (explicados e exemplificados) e em nenhum momento o candidato perde de vista seu objetivo central.

A discussão do tema é, sem dúvida, bastante crítica e tem sustentação, assim como é muito crítica/madura a leitura dos fragmentos da coletânea. Repare, no primeiro parágrafo, a leitura que o candidato fez dos fragmentos 6 e 9. Do 6º, há, por um lado, uma paráfrase – fácil de ser feita – (“Curiosamente, nunca estivemos tão entregues às imposições do trabalho, particularmente depois que os telefones celulares, computadores e ‘escritórios-digitais-em-casa’ acabaram com o cartão de ponto”) e, por outro, uma leitura sutil e quase não encontrada nos textos dos demais candidatos da “reivindicação trabalhista do direito à desconexão” – presente na primeira linha. Esse desejo da desconexão é traduzido em “admiração pelo ócio”. Nesse momento, a leitura (também bastante crítica) do fragmento 9 é apresentada: “a conversão doentia do ócio em trabalho”. Percebe-se também, sobretudo pelos exemplos trazidos (“cantores de pagode e ‘craques’ do futebol”) que, subjacente a este texto, está o conhecimento de uma paródia do fragmento 1; é como se o candidato estivesse dialogando com outra versão – mais moderna – da fábula de La Fontaine: a de que a cigarra volta a passar em frente ao mesmo formigueiro, invernos depois do primeiro encontro, num carro do ano e com um casaco de pele. Nesse momento, as formigas pedem para que, caso a cigarra encontre “um tal de” La Fontaine – em suas idas a Paris –, encaminhe-o para o mesmo lugar para o qual nosso Joaquim (do tema B) mandou Luiz e o pedinte...

Além disso, ainda no primeiro parágrafo podemos perceber que foi uma outra leitura crítica – portanto questionadora – do fragmento 9 que levou o candidato à conclusão de que há algo que alimenta o que ele chama de paradoxo: o culto excessivo ao ócio e a conseqüente impossibilidade de usufruí-lo. Veja que no 9º trecho da coletânea, P. Clastres além de se perguntar “de que serviriam aos homens os excedentes de produção” e de afirmar que os que trabalham além de suas necessidades o fazem por serem forçados, enaltece as sociedades tidas como primitivas nas quais, por não haver essa “força externa”, trabalhava-se apenas o suficiente para satisfazer as suas necessidades básicas. O candidato parece não ter ficado satisfeito com a tese de Clastres a respeito dessa “força externa” e, a partir desse questionamento, elabora sua própria tese, exposta no primeiro parágrafo deste comentário.

Comentários

Você deve ter notado que, como a redação anterior, também esta é recheada de citações. Veja, porém, como as citações, neste texto, cumprem uma função bastante diferente daquela do outro texto; aqui, o leitor não precisa conhecer as referências para compreender o texto. Isto é, toda a argumentação é desenvolvida pelo próprio candidato, que não recorre às citações para que elas digam o que ele não conseguiu dizer.

Esse tipo de citação, embora beneficie o texto, não é exigido dos nossos candidatos, pois requer um universo de leitura e um amadurecimento que – sabemos – a imensa maioria dos nossos bons candidatos ainda não atingiu. A nota recebida por este texto foi equivalente à recebida pelo “O trabalho – novo instrumento de degradação”, que praticamente não recorreu a citações (com exceção das menções ao “exército de reserva” e ao “movimento ludista” – estas, freqüentes nos textos acima da média deste ano).

Cabe dizer que o candidato poderia ter tido o mesmo êxito sem recorrer a algumas citações; a primeira delas, por exemplo poderia ter sido suprimida; o candidato poderia, ao invés de trazer seu conhecimento da obra de C. Marcondes, usar o próprio fragmento 6 – a busca pelo prazer poderia ter vindo como um desdobramento da busca pela desconexão.

Este texto tem uma outra peculiaridade que deve ter chamado sua atenção. Há dois indícios no texto (um no segundo e outro no último parágrafo) que demonstram que o candidato é tão autor, tão dono do seu texto que se sentiu livre o suficiente para ousar. Como você verá a seguir, suas ousadias só não prejudicaram sua nota final porque, em vários momentos, o candidato demonstrou cumprir a tarefa exigida de uma maneira acima da média.

A primeira ousadia consiste na menção à coletânea da prova: “A nossa cigarrinha do trecho 1 pode agora receber os mais fervorosos aplausos das formigas na ‘TV-formigueiro’ e a segunda, na menção à situação do vestibular, vivida pelo candidato: “Nesse instante eu acabo de receber o atestado de trabalho que solicitei à fiscal no início da prova.”

As duas merecem o seguinte comentário: o candidato se arriscou. E poderia ter sido penalizado por conta desses riscos, pois o que se espera é que os textos produzidos sejam autônomos, isto é, embora os candidatos devam produzir seus textos a partir da leitura da coletânea, eles não podem contar com o conhecimento dessa coletânea por parte de seu leitor/corretor. Isso significa que o texto deve ser escrito como se o fosse para um leitor que desconheça a coletânea.

O mesmo ocorre em relação a menções à situação da produção e/ou da avaliação do texto – elas não devem fazer parte do texto. “O ócio digno” estaria conforme o padrão esperado se, no segundo parágrafo, contivesse: “A nossa cigarrinha da tão conhecida fábula de La Fontaine pode agora...” A forma de transformar o início do último parágrafo em algo mais tradicional seria generalizar a necessidade de atestados e levar essa generalização para depois do trecho “causado pelo estudo”, como um exemplo para a noção que está sendo desenvolvida.

O que pretendemos, ao tecer esses comentários, é evitar que alguém, a partir de uma leitura superficial ou rápida, infira que foram essas liberdades tomadas pelo candidato as responsáveis pelas boas notas que atribuímos ao seu texto. Sua boa nota se justifica por tudo o que se disse antes de iniciar o comentário a respeito da aqui chamada “ousadia do candidato”. Este candidato não se prejudicou com suas ousadias, porque já tinha provado dominar bastante bem – como já enfatizamos – as regras de produção de um texto dissertativo, além de ter lido muito bem a proposta. Freqüentemente, os candidatos que optam por ousar não demonstram tal domínio e podem por isso receber notas menores do que as que receberiam se não tivessem introduzido no texto elementos irrelevantes ou inadequados ao gênero proposto.

Sem tratar dessas ousadias, passaremos, agora, a analisar dois outros exemplos de equívocos cometidos, infelizmente, com alguma freqüência por outros candidatos. O primeiro deles acarreta a anulação da redação.

Exemplo de redação anulada

Nossas atitudes: Um problema para nós
Atualmente no Brasil, estamos nos deparando diante de um problema que vem preocupando muito a sociedade brasileira, que é a exploração quanto ao trabalho infantil.
Ao discutirmos sobre esse problema nos damos conta de que ele é um dos agravantes da situação em que se

Nossas atitudes: Um problema para nós

Atualmente no Brasil, estamos nos deparando diante de um problema que vem preocupando muito a sociedade brasileira, que é a exploração quanto ao trabalho infantil.

Ao discutirmos sobre esse problema nos damos conta de que ele é um dos agravantes da situação em que se encontra o país.

Exemplo de redação anulada

Devemos ter em mente que por trás de inocentes crianças, encontra-se um adulto, que tem por finalidade receber um capital, sem que esse dependa de seus próprios esforços. Certas atitudes exdrúxulas de adultos exploradores faz com que o futuro de nosso país (que são nossas crianças) vá imergindo num "oceano" de problemas, onde a solução para tais equívocos fique mais distante do que já se encontra.

Certa forma de se acabar com isso é, por exemplo, não dar esmolas em semáforos, ou mesmo nas ruas do centro da cidade, pois com certeza o dinheiro dado a essas crianças, irá parar na mão de um adulto. Uma outra forma, seria ocupar o tempo dessas crianças com atividades culturais, esportivas, enfim que sirvam de certa maneira para proveito das mesmas.

Para corrigirmos um dos problemas de nosso país, é necessário a compreensão de todos, é preciso rever nossas atitudes, seria muito útil também investirmos em projetos educacionais para abriremos caminho para essas crianças. Afinal investir em nossas crianças, é investir no futuro da nossa cidadania e conseqüentemente no futuro de nosso país.

Comentários

O grande equívoco do candidato foi redefinir o tema a partir da leitura completamente isolada de um dos fragmentos da coletânea. Esperamos que tenha ficado óbvio para você que a coletânea da prova serve de base para a discussão – obrigatória – do tema proposto. Não é pelo fato de haver um fragmento – o de número 11 – que trata, especificamente, de trabalho infantil, que o candidato poderia considerar adequado produzir um texto que abordasse apenas a situação de crianças no Brasil.

Observe que o candidato demonstra ter desconsiderado a leitura de toda e qualquer informação precedente ao 11º fragmento da proposta do tema A – inclusive do tema... Foi a leitura desse fragmento, apenas – uma leitura, por sinal, muito superficial – que motivou sua dissertação. O candidato sequer se centrou na discussão do fragmento; não tratou, por exemplo, dos indecentes salários recebidos por crianças que trabalham cerca de doze horas por dia, muito menos chegou perto do questionamento (central ao fragmento) de Carlos A. Sandenberg: o de que a lei que proíbe o trabalho infantil, na verdade, barra a única possibilidade de sustento de muitas crianças e de suas famílias. O candidato só utilizou esse fragmento como pretexto para enveredar para a crítica à doação de esmolas e encerrar o texto com uma das conclusões mais freqüentes no discurso do senso comum – a de que o Brasil precisa investir em educação. Este texto foi anulado no critério Tema.

Exemplo de equívoco

Consequências e contradições do trabalho
 Assuntos como trabalho voluntário, a relação entre patrão e empregado e a exploração infantil, fazem parte de nosso cotidiano e são, com certeza, muito discutidos.
 A indecência do salário pago às crianças, que deveriam, por lei, estarem nas escolas é muito injusto e frustrante; mas a ver.

Consequências e contradições do trabalho

Assuntos como trabalho voluntário, a relação entre patrão e empregado e a exploração infantil, fazem parte de nosso cotidiano e são, com certeza muito discutidos.

A indecência do salário pago às crianças, que deveriam, por lei, estarem nas escolas é muito injusto e frustrante, mas a verdadeira alternativa para elas, não é estudar ou trabalhar, mas trabalhar ou não. Isso faz com que as pessoas se revoltam, pois sabem que estas crianças precisam desta renda para ajudarem suas famílias.

Há trabalhadores queixando-se de insultos verbais, coerção física e castigos feitos no serviço por patrões inescrupulosos. Pessoas humildes que precisam de um salário digno para sobreviver são submetidas a todo tipo de insulto.

Apesar de todos esses aspectos negativos, ou não, temos mais de 300 mil voluntários engajados em fundações e associações comunitárias. A maioria são pessoas que mal se conhecem, mas que se dispõem a ajudar deficientes e idosos em jornadas extras após dias exaustos de trabalho.

Só conseguiremos obter um bom desempenho se conscientizarmos ainda mais a população sobre as leis trabalhistas e tudo que as engloba e se incentivarmos ainda mais as organizações voluntárias.

Comentários

Esta redação, embora não tenha sido anulada, recebeu uma nota muito baixa, porque apresenta um equívoco muito grave. A esta altura da leitura deste *Caderno de Questões*, você provavelmente conseguirá identificá-lo. Confira: o candidato não demonstrou ter interpretado primeiramente a coletânea para, em seguida, elaborar seu texto; ao invés disso, ele trouxe, praticamente copiados, “colados” (de colagem, não de cola...), partes dos fragmentos 4, 7 e 11 da coletânea, como pode ser facilmente verificado: o segundo parágrafo do texto corresponde a uma parte do 11º fragmento, o terceiro parágrafo a uma parte do 7º e o quarto parágrafo a uma parte do 4º. Com isso, não só o uso da coletânea foi inadequado, como o próprio tema deixou de ser discutido. Esta redação só não foi anulada em tema porque aproveitou, minimamente modificados, os fragmentos 7 e 11, que apontam para aspectos degradantes do trabalho.

Resumindo, o candidato não demonstrou um trabalho de leitura da coletânea, nem o de relacionar os fragmentos entre si e, muito menos, o de relacioná-los com o tema proposto – exatamente as tarefas esperadas pela Unicamp.

Tema B

Leia o texto abaixo, parte de um depoimento de “Luiz Castilhos, branco, natural do Estado do Rio, de 42 anos, solteiro, sabendo ler e escrever”, em que ele relata a briga que teve com “Joaquim de Souza, mulato, de 32 anos, casado, analfabeto”. O depoimento consta nos autos do processo criminal no qual foi réu este último, no Rio de Janeiro, em 1910.

“[declara] que trabalhava no trapiche Comércio à rua da Saúde, onde também trabalhava Joaquim Antonio de Souza; que o trabalho que na ocasião faziam o declarante, Joaquim e outros era pesar carne-seca; que então ali chegando um homem que não é vagabundo pediu a Joaquim um pedaço de carne para comer; que Joaquim como resposta disse ao homem que pedia que fosse pedir à puta que o pariu; que o declarante fazendo ver a Joaquim que havia muita carne e que por consequência um pedaço que desse ao homem para comer em nada prejudicaria ao dono da mercadoria, Joaquim voltando-se para o declarante mandou-o também à puta que o pariu; que em vista do mau humor de Joaquim o declarante retirou-se do trapiche visto como naquele momento terminaria o trabalho do dia; que em seguida o declarante foi à pagadoria receber a sua diária; que ao voltar da pagadoria Joaquim desfechou-lhe quatro ou cinco tiros [...]” (Extraído de Sidney Chaloub, *Trabalho, Lar e Botequim: O Cotidiano dos Trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*, São Paulo, Brasiliense, 1986, p.105.)

O depoimento acima transcrito contém elementos que permitem a construção de uma narração: personagens, uma situação problemática e um desfecho.

Inspirando-se nos dados desse depoimento, escreva uma narração

- em terceira pessoa;
- com personagens e elementos da situação construídos com base no texto;
- que contenha, além do desfecho constante no depoimento, um segundo desfecho, com fatos ocorridos posteriormente aos relatados e que tenham **alguma relação com trabalho**.

Não esqueça que você pode valer-se de informações da coletânea geral e dos enunciados das questões desta prova para escrever sua narração.

Comentários

A proposta da narrativa do Vestibular 2002, com exceção da forma como os dados da coletânea foram apresentados (através de um depoimento), foi tradicional: foram fornecidas características suficientes de duas personagens (Joaquim e Luiz), um elemento que desencadeia um desentendimento entre essas duas personagens (o pedinte, ou seu pedido) e um primeiro desfecho para esse conflito (os tiros disparados por Joaquim em Luiz). Além desses dados fundamentais, o candidato tinha à disposição diversos elementos de cenário e outros que indicavam a época em que o fato aconteceu.

A tarefa do candidato que optasse por este tema seria: construir um texto cujo foco narrativo estivesse em terceira pessoa, no qual considerasse – obrigatoriamente – os dados do depoimento (ou seja, da coletânea) e propor um segundo desfecho obrigatoriamente relacionado a trabalho (tema eixo de toda prova da primeira fase).

Abaixo, mostraremos como alguns candidatos se desincumbiram dessa tarefa e procuraremos indicar quais foram os motivos que levaram cada redação comentada a enquadrar-se na faixa de nota indicada.

Vejam os que levou o texto abaixo a ter recebido uma excelente nota.

Exemplo de
redação acima
da média

Aquele cheiro. Luiz já havia se acostumado com ele. Pra dizer a verdade, nem o incomodava mais. Parecia que só podia senti-lo se realmente desejasse, como quem prova de uma especiaria repugnante, mas inconvenientemente presente no prato de todo dia. Havia aprendido a ignorá-lo, e nunca teria lembrado dele não fossem as duas senhoras que passavam naquele momento à frente do trapiche, protegendo seus róseos rostos com a face contrária das mãos, como se tentassem manter-se puras perante tão causticante perfume. Havia interrompido seu trabalho por alguns instantes,

Aquele cheiro. Luiz já havia se acostumado com ele. Pra dizer a verdade, nem o incomodava mais. Parecia que só podia senti-lo se realmente desejasse, como quem prova de uma especiaria repugnante, mas inconvenientemente presente no prato de todo dia. Havia aprendido a ignorá-lo, e nunca teria se lembrado dele não fossem as duas senhoras que passavam naquele momento à frente do trapiche, protegendo seus róseos rostos com a face contrária das mãos, como se tentassem manter-se puras perante tão causticante perfume. Havia interrompido seu trabalho por alguns instantes, enquanto acompanhava com os olhos as duas observadoras que, ao sentirem-se observadas, aceleraram o passo, procurando deixar para trás o inconveniente local. Cruzaram a frente de uma mercearia do outro lado da rua, cujo reflexo da vitrine cegou o trabalhador por alguns instantes, levando-o a perdê-las de vista. Foi neste instante que notou o sol, intenso e ardil como de todos os dias, que insistia em assá-los como se fossem eles as peças de carne-seca. O brilho e calor opressores do sol haviam dado à sua pele um tom avermelhado, que ardia ferozmente todos os dias e provocava noites terríveis. Ardência esta agravada pelo sal residual das carnes, que tornava qualquer corte provedor de dores massacrantes. Havia seu lado bom: o sol e o trabalho essencialmente braçal haviam dado-lhe uma aparência desgastada, porém saudável e robusta, escondendo o branco de seus cabelos com o acobreado queimado de sol. Luiz não era forte; mas, do alto de seus quarenta e dois anos, achava-se em melhor situação que muitos homens mais jovens que conhecia.

Não era o caso de Joaquim. Mulato e dotado de um arquétipo físico diferente de seu companheiro, tinha recebido dos anos árduos de trabalho um perfil esguio, porém bem forte. Não era letrado, como seu amigo mais velho, mas a grande maioria dos que conhecia também não o era. Havia dedicado toda sua vida ao trabalho e, apesar de livre, sentia-se um eterno escravo. Aquela rotina havia se tornado tudo para ele e, agora mais do que nunca, sua sobrevivência dependia dela. Os grillhões pesavam cada vez mais e feriam mais e mais seus pulsos. Sua esposa estava esperando um filho seu, e o dinheiro que não era suficiente para dois teria que alimentar três. Tanto sofrimento havia tornado-o um jovem amargurado e rancoroso, que vivia a resmungar suas chagas aos quatro ventos.

Tão compenetrado estava em seu trabalho e pensamentos quem nem notou a figura trôpega que se aproximava, Luiz, que neste momento repousava ao lado da balança de carnes, limpou os olhos embaçados de suor a tempo de observar a aproximação do estranho. Era um homem baixo, magro, encurvado, como um galho retorcido ao sol. A primeira vista parecia uma mancha escura; uma observação mais atenta revelava olhos amarelos envoltos por um rosto enrugado e marcado pela idade, escurecido pelo que parecia ser graxa ou fuligem negra. Usava como manto o que há tempos poderia ter sido um cobertor, e tropeçava em direção ao ocupado Joaquim. Estancou ao lado do trabalhador e, quando sua boca se abriu, o azedume de seu hálito cortou o odor já costumeiro do lugar como uma flecha. Havia pedido algo. Queria comida.

Nada mais comum. Porém, o que nada teve de comum foi a reação inesperada de Joaquim. Para surpresa de Luiz, seu companheiro virara-se como um trovão para o inusitado visitante, encarando-o. Naquele momento, parecia que a Terra havia parado e só os três estavam conscientes. O cheiro, o calor, nada mais importava. Como uma tempestade, o trabalhador de ébano encharcou a figura com as mais chulas barbáries, fazendo com que o visitante os deixasse em direção ao nada de onde havia surgido. Luiz, tomado de uma raiva intensa perante tal injustiça, explodiu em direção ao bárbaro de ébano, dizendo que não teria sido tão dispendioso se eles tivessem sacrificado um único pedaço da carne que pesavam ao necessitado transeunte. A tempestade furiosa e ruidosa fizera outra vítima: Luiz fora enxotado pelos mesmos malefícios que atingiram o pobre visitante. Inebriado pela fúria e impotência, viu que nada mais podia fazer e, já que o mal estava feito, restava-lhe retirar-se e deixar Joaquim à sua própria ignorância. Deixou-o lá e, já que seu dia de trabalho estava chegando ao fim, dirigiu-se à pagadoria para receber o que lhe era de direito. Joaquim, porém, quando sozinho foi deixado, teve sua mente inundada por uma enxurrada de idéias desconexas. Não era claro para onde Luiz teria ido. Havia ele ido relatar sua barbárie à pagadoria? Não podia. Aquilo não estava acontecendo. Ele precisava daquele emprego mais do que de qualquer coisa. Mais do que qualquer um. Embriagado em sua própria ira, procurava em meio às peças de carne uma resposta para os problemas que inebriavam sua visão quando, ao erguer os olhos, viu que Luiz se aproximava. Teria ele contado algo? Iria ele perder tudo? Durante segundos que pareceram décadas, sua cabeça girou em tonturas agonizantes, fazendo Joaquim procurar os joelhos, que tremiam sobre ele. Foi quando lembrou-se da arma que trazia na cintura. Luiz só ouviu o primeiro disparo. O cheiro de pólvora seca tomou o lugar. Algo havia picado sua coxa, e logo depois o seu ombro. Tudo tornava-se vermelho, quente, úmido. Gritos foram ouvidos, e a dor lancinante tirou-lhe a consciência.

Exemplo de redação acima da média

Epílogo

Novamente os grilhões apertam, pesam e machucam os punhos de Joaquim. Mas ele não pode trabalhar. Luiz fora socorrido, mas ninguém ouvira os gritos de Joaquim. Ninguém ouvira que aquele fora seu pedido de socorro. E agora, que fora julgado e condenado, ninguém mais vai ouvir. Nunca mais.

Comentários

É interessante notar, em primeiro lugar, que todas as exigências da proposta foram cumpridas neste texto: o candidato lançou mão dos dados do depoimento para construir sua narrativa, feita em terceira pessoa, que contém um segundo desfecho relacionado ao tema “trabalho”.

De todos os dados do depoimento, apenas um foi modificado: o pedinte – que no depoimento é apresentado como não sendo um vagabundo – aparece no texto usando “como manto o que há tempos poderia ter sido um cobertor”. Essa caracterização não traz nenhum prejuízo para o texto, pois alguma modificação dos dados menos importantes apresentados na coletânea é aceita, desde que não produza uma incoerência. Costumam-se aceitar pequenas alterações referentes a cenário, por exemplo, a fim de que o candidato sintam-se com alguma liberdade para lidar com os elementos centrais – estes, inalteráveis – da maneira que melhor lhe convier.

Todos os demais elementos foram considerados como tais e, mais do que isso, desenvolvidos de forma a contribuir para o texto produzido. Pode-se observar claramente o excelente uso que o candidato fez dos elementos de cenário; a partir de “um trapiche no Rio de Janeiro em que se vendia carne-seca”, o candidato inferiu outros elementos: “o calor” “a dor” e “o cheiro” – todos introduzidos no primeiro parágrafo. Dois deles (o calor e a dor) – com os quais Luiz já se acostumara – voltam a ser utilizados no primeiro desfecho da narrativa: “Tudo tornava-se vermelho, quente, úmido. Gritos foram ouvidos, e a dor lancinante tirou-lhe a consciência”. O outro (o cheiro) permeia todo o texto, contribuindo para sua unidade narrativa. O calor característico do Rio de Janeiro torna mais saliente o “causticante” cheiro do trapiche, cheiro que dá lugar, primeiramente, ao “azedume do hálito do necessitado transeunte” e, por fim, ao “cheiro de pólvora seca que toma o lugar”.

Como o leitor fica sabendo no segundo desfecho, Luiz é socorrido, diferentemente de Joaquim. A diferença entre os dois é, por sinal, trabalhada de maneira extremamente interessante durante todo o texto: Luiz é conformado com sua situação – tanto que, para que perceba o forte cheiro do trapiche, e mesmo o calor do sol, é necessário que outras pessoas – “as duas observadoras de róseos rostos” do primeiro parágrafo – chamem sua atenção para eles. Já Joaquim é bem diferente: trata-se de um inconformado, à beira da revolta, como se pode conferir no final do terceiro parágrafo: “Tanto sofrimento havia tornado-o um jovem amargurado e rancoroso, que vivia a resmungar suas chagas aos quatro ventos”. Foi o trabalho de construção das duas personagens nos dois primeiros parágrafos do texto que nos levam a compreender perfeitamente suas diferentes reações ao pedido de um pedaço de carne por parte de uma terceira personagem.

Os tiros que Joaquim disparou em Luiz também foram plenamente justificados no texto: repare que é essa a função do seguinte trecho: “Aquela rotina havia se tornado tudo para ele e, agora, mais do que nunca, sua sobrevivência dependia dela. Os grilhões pesavam cada vez mais e feriam mais e mais seus pulsos. Sua esposa estava esperando um filho seu, e o dinheiro que não era suficiente para dois teria que alimentar três”. É esse trecho que o candidato retoma, através “da enxurrada de idéias desconexas” de Joaquim, momentos antes dos tiros: “Havia ele ido relatar sua barbárie à pagadora? Não podia. Aquilo não estava acontecendo. Ele precisava daquele emprego mais do que de qualquer coisa. Mais do que qualquer um”.

Com base na explicitação da relação estabelecida entre os elementos utilizados pelo candidato no seu texto, esperamos que tenha ficado claro que ele se preocupou com os mínimos detalhes do seu projeto de texto, de forma a atribuir uma função bastante significativa a cada um deles.

Pode ter chamado sua atenção o fato de o candidato ter destacado o segundo desfecho que deu à sua história, separando-o do restante do texto através do “Epílogo”. Sua função, provavelmente, é chamar a atenção do leitor (no caso, do corretor) para o cumprimento de uma das exigências – a de que o texto contivesse um segundo desfecho. Além disso, denota que o candidato tem familiaridade com textos narrativos, sabe que o fim desse tipo de texto é denominado epílogo. Esse destaque, no entanto, não era necessário e em nada alterou a nota atribuída ao texto.

Cabe ressaltar que esse texto é bem acima da média, e os comentários aqui feitos não dão conta de todos seus aspectos. Uma análise mais aprofundada mostraria ainda outros elementos construídos e relacionados de forma interessante por seu autor. Como não cabe fazer tal análise neste Caderno de Questões, deixamos essa incumbência para você. Um bom começo talvez seja observar as duas menções – a primeira metafórica – dos grilhões nos pulsos de Joaquim.

Exemplo de
redação acima
da média

Chagas

O dia transcorria calmo e morno. No velho trapiche Comércio, à rua da Saúde, Joaquim suava, e Luiz Castilhos suava. Suavam ambos, irmanados na lida diária de pesar a carne-seca, coletar os trocados que obtinham no serviço ao fim do dia, na pagadoria.

Chagas

O dia transcorria calmo e morno. No velho trapiche Comércio, à rua Saúde, Joaquim suava, e Luiz Castilhos suava. Suavam ambos, irmanados na lida diária de pesar a carne-seca, e coletar os trocados que obtinham no serviço ao fim do dia, na pagadoria.

Eram irmãos na sina, outros na vida. Joaquim, dez anos mais novo que Luiz, tinha mulher para sustentar, e leitura... "Leio não, seu moço. Leio não, que não tive ensino de escola, nem de mãe." Joaquim, mulato. "Vida difícil, seu moço." Fumava – aliás, "puxava um pito", como dizia, com fumo de corda "do bão". A mãe morrera num canavial pouco antes da Princesa Isabel assinar o tal papel – não sentiu o gosto duvidoso da liberdade. "Liberdade? Que liberdade é essa, que ninguém vê?"

Luiz Castilhos. A sorte não lhe sorria muito na vida. Era branco, solteiro – afinal, que moça respeitável iria aceitar a corte de um "funcionário de trapiche"? Mas Luiz se arranjava, mulher não haveria de faltar enquanto não lhe faltasse dinheiro... E dinheiro, graças a Deus, conseguia no seu trabalho... difícil, mas honesto. Aprendera com a mãe, juntamente com as primeiras letras, que trabalho honrado não é desgraça. Não pôde estudar na escola, mas nunca matou e nunca roubou. Tinha até bom coração, emprestava dinheiro aos companheiros sem cobrar juros. Tinha emprestado uns mil-réis ao Joaquim, há coisa de duas semanas atrás. O mulato nem agradeceu: olhou-o ressentido como se recebesse esmola, como se lhe devesse um favor.

Terminado o trabalho, iriam cada qual para seu canto: Joaquim, para o cortiço do Romão, onde o esperava a mulher, grávida de cinco meses; Luiz, para o quartinho alugado da pensão – cama, criado-mudo, espelho e bacia.

Tudo teria seguido seu curso natural se não fosse um pequeno incidente, logo ao fim do dia de trabalho. Pois enquanto Joaquim e Luiz suavam a pesar a carne-seca, aproximou-se todo sem jeito um homem baixo, moreno, suado também, a roupa velha e maltratada pelo uso constante. O homem tinha lá seus trinta, trinta e poucos anos, e pediu a Joaquim um pedaço de carne. Pediu assim, de graça mesmo, pois não tinha como pagar. Disse que era casado, a esposa estava grávida, não conseguia achar trabalho.

Joaquim mandou o homem para a puta que o pariu – se fosse para pedir, ele também pediria. Ele, que mais do que ninguém sabia o que era a miséria. Mas não falou nada ao sujeito; apenas desferiu o insulto como se redimisse com isso toda a sua pena.

Luiz olhou-o com assombro: que Joaquim fosse um tanto fechado, sisudo, de poucos amigos, bem, era fato perdoável... mas que tratasse assim uma criatura de Deus, assim desvalido como eles... Sugeriu que não havia mal algum em ajudar o sujeito: o patrão não daria pela falta do produto, era questão de respeito, caridade.

Joaquim mandou-o também à puta que o pariu. Desentenderam-se, Joaquim se exaltava. O homem que pedia, ao perceber o ocorrido, afastou-se, o chapéu surrado entre as mãos, o passo lento e arrastado varrendo a poeira dos paralelepípedos irregulares da rua da Saúde.

O dia terminava, Luiz não quis insistir. Deixou Joaquim a resmungar e foi receber a féria do dia. Estava esquecido o problema, resolvida a questão.

Mas Joaquim remoía. A chaga latejava-lhe na alma, aquela discussão fora sal sobre suas feridas abertas. A carne pulsátil do seu coração – dura, seca, empedernida, curtida pelo sol do trabalho sem vida. O que sabia Luiz daquilo tudo – o branco, letrado, almofadinho...? O que sabia da miséria?

Joaquim revoltou-se. Precisava agir – matar, para não morrer. Morte de dentro. Foi para casa, apanhou o revólver que guardava há anos sob o colchão, encontrou Luiz.

Deu-lhe cinco tiros, confusão, gritaria. Gente correndo pelas ruas, polícia, cadeia. Processo, prisão. Ficou enjaulado por quatro anos, apanhava. Acabou saindo depressa, disseram-lhe os guardas. Fora por Deus que o Luiz não morrera, senão seria processo por homicídio, e aí...

O filho nasceu quando Joaquim estava na prisão. Sem dinheiro para se sustentar, a mulher primeiro tentou trabalhar, depois foi pedir nas ruas. Acabou achando um sujeito que lhe deu casa e comida, a ela e ao filho, em troca de certos "serviços".

Exemplo de redação acima da média

Joaquim voltou novamente à prisão, por assalto à mão armada e latrocínio. Trabalho, não havia. Quem haveria de contratar ex-prisioneiro, mulato...?

Um branco no mercado ofereceu-lhe serviço, só para a época da colheita, num canavial.

Canavial...? Joaquim lembrou-se da mãe, sangrou o homem, levou-lhe o dinheiro.

Pegou vinte anos, morreu na prisão. Foi enterrado em vala comum, como indigente.

Comentários

Esta redação, assim como a anterior, é acima da média no universo dos candidatos. Nosso objetivo, na análise deste texto, é mostrar os principais motivos pelos quais ele é considerado acima da média, de forma que fique mais claro o que se espera de um texto narrativo.

Como você deve ter percebido pelos comentários já feitos, sempre buscamos, num texto, os elementos utilizados a partir da leitura da coletânea e verificamos como foram relacionados/integrados para a execução das tarefas referentes ao tema e para a construção do próprio tipo de texto.

Em relação ao texto anterior, ressaltamos o uso dos elementos de cenário extraídos da coletânea. No texto agora analisado, embora alguns elementos de cenário sejam bastante relevantes (e um deles também consiste no calor do Rio de Janeiro – “o dia calmo e morno” que provocou o suor de Joaquim, de Luiz e também do pedinte), não é no cenário que o candidato foi buscar os elementos centrais para o texto, mas nas características que mais distinguem Joaquim de Luiz: a cor e alfabetização.

É verdade que um elemento importantíssimo para a construção deste texto não está explicitamente presente na coletânea. O candidato lançou mão de seu conhecimento para – a partir dos elementos apresentados na coletânea, sobretudo a “cor” e a “alfabetização” – inferir os pensamentos e as crenças que mais se adequassem ao Joaquim e ao Luiz daquela época, daquela cidade. Essas crenças aparecem muitas vezes, no texto, em transcrições de frases feitas, de lugares-comuns e têm a função de salientar as diferenças entre os dois protagonistas. Seguem alguns exemplos: “Leio não, que não tive ensino de escola, nem de mãe.”; “Vida difícil, seu moço”; “E dinheiro, graças a Deus, conseguia no seu trabalho... difícil, mas honesto”.

Embora irmãos na lida e no sofrimento, a diferente formação dos dois vai ser crucial para o desenrolar do texto. Observe como é importante a reação que Joaquim tivera na ocasião em que Luiz lhe emprestara dinheiro: “O mulato nem agradeceu: olhou-o ressentido como se recebesse esmola, como se lhe devesse um favor.” Tanta relutância em aceitar um favor de um amigo mostra que essa é mais uma – talvez a principal – de suas crenças: cada qual deve conseguir seu sustento através de esforço próprio. Essa justificativa é suficiente para que o leitor aceite como natural o palavrão que Joaquim dirige ao pedinte.

É extremamente relevante o fato de ter sido justamente Luiz aquele que tinha dinheiro e disposição para emprestá-lo. A disposição justifica a reação de Luiz ao insulto que Joaquim lança ao pedinte; o dinheiro – como fica claro num momento posterior do texto – é apenas mais um dos motivos que fazem com que Joaquim se sinta inferiorizado em relação a Luiz: “O que sabia Luiz daquilo tudo – o branco, letrado, almofadinho...? O que sabia da miséria?” É esse sentimento, que se percebe ter crescido ao longo da convivência dos dois “na lida diária de pesar a carne-seca”, que justifica, aos olhos do leitor, os tiros que Joaquim veio a disparar em Luiz. Observe que, mesmo depois dos tiros, as frases que denotam algumas crenças se fazem presentes: “Fora por Deus que o Luiz não morrera, senão seria processo por homicídio, e aí...”; “Quem haveria de contratar ex-prisioneiro, mulato...?” A vida de Joaquim reflete os olhos preconceituosos de uma sociedade que, no final, o vê como indigente, ou melhor, nem o vê.

Quanto à função de cada elemento da coletânea utilizado no texto, salta aos olhos a importância de um elemento do segundo parágrafo: “A mãe morrera num canavial pouco antes da Princesa Isabel assinar o tal papel – não senti o gosto duvidoso da liberdade”. “Liberdade? Que liberdade é essa, que ninguém vê?” Esses dados, além de demonstrarem a leitura extremamente atenta que o candidato fez da coletânea (observe a relação entre a data do depoimento e a data da abolição da escravatura), são cruciais para o desfecho da narrativa: é a história de Joaquim (o fato de ser filho de escrava e de ter presenciado o sofrimento da mãe) que, juntamente com as dificuldades que ele enfrentava no presente, o tornam uma pessoa amarga e revoltada. Essa história pregressa de Joaquim parece ser a responsável pela sua “chaga” (trauma), que retorna com tanta intensidade quando lhe oferecem trabalho no canavial. Esse mesmo trauma justifica também o ressentimento – já comentado – em relação ao branco (representado por Luiz), o sentimento de inferioridade, a revolta de se perceber tão escravo quanto a mãe... Nota-se que a construção da personagem Joaquim, e de todo o enredo, tem como elemento motivador a “herança” materna e o drama da escravidão.

Você deve ter percebido que, além de se tratar de uma narrativa muito bem construída, todas as exigências da proposta foram cumpridas.

Exemplo de
redação de
nota médiaIronia

Joaquim, rapaz miúdo, morava no interior do Rio de Janeiro. Ajudava sua mãe, uma velha lavadeira que sustentava a casa. Seu pai era doente, não enxergava bem desde um castigo sofrido quando ainda era escravo. (Com)

Ironia

Joaquim, rapaz miúdo, morava no interior do Rio de Janeiro. Ajudava sua mãe, uma velha lavadeira que sustentava a casa. Seu pai era doente, não enxergava bem desde um castigo sofrido quando ainda era escravo.

Com os pais velhos e não vendo muita prosperidade em seu futuro, o rapaz tomou a decisão de ir para a capital a procura de emprego e prometeu aos dois: quando eu comprar uma casinha, volto para buscar vocês.

Chegando no Rio de Janeiro encontrou a senhora Ana, dona de cortiço e que emprestou um pequeno quarto para passar a noite. Como não sabia ler, ele pedia para que Ana lesse os anúncios de emprego nos jornais. Precisava de dinheiro. Algumas noites, seus roncos se confundiam com os roncos do estômago vazio.

Até que em uma manhã, Dona Ana acordou Joaquim contando que o trapiche ao lado estava precisando de um atendente. No mesmo dia, começou a trabalhar no novo emprego. Ganhara pouco, mas o suficiente para comprar comida para a janta.

Dois meses depois, Joaquim já havia feito amigos e se apaixonara por Renata, uma freguesa pobre do trapiche e resolveram se casar. A moça veio a morar junto com o rapaz no cortiço.

Mas, em um ano, a situação de Joaquim tornou a ficar difícil, pois, com o nascimento de seu filho, o dinheiro já não era suficiente. Numa tarde, ele criou coragem e pediu para seu chefe se podia levar um pequeno pedaço de carne pois não tinha mais dinheiro. Recebeu uma resposta mal-educada e a ameaça de perder o emprego. Essa resposta ficou marcada em Joaquim.

Semanas depois, coincidentemente, um rapaz, de certo modo bem vestido pediu um pedaço de carne seca para comer. Com raiva, Joaquim negou rispidamente. Luiz, o balconista criticou a atitude, alegando que havia muita carne lembrando da atitude de seu chefe, Joaquim foi ríspido também com o balconista. Este, vendo-se ofendido, insultou Joaquim, fazendo referência ao seu salário maior e ao fato de que o mulato era analfabeto, e depois se retirou. Foi à pagadoria retirar o pagamento. Quando Luiz retornou, mostrou seu comprovante de salário com orgulho, causando em Joaquim uma cólera que resultou numa ação impensada: pegou a arma que ficava escondida sob o balcão e desferiu quatro tiros em Luiz.

Os ferimentos não foram fatais. Mas Joaquim foi condenado a cinco anos de prisão. Sua esposa pediu divórcio e desapareceu com o filho.

Ao completar o tempo da pena, Joaquim voltou a procurar empregos. Mas além das dificuldades iniciais, ele era mulato e analfabeto, tinha também agora passagem pela polícia. Joaquim não conseguiu mais emprego e foi encontrado enforcado numa árvore de um bosque. Seus pais vieram para o enterro.

Comentários

Este é um exemplo de texto que cumpre as exigências da proposta e faz uso dos elementos fornecidos pela coletânea: um rapaz humilde, analfabeto e mulato trabalha no trapiche com Luiz, um balconista alfabetizado, que critica Joaquim por negar um pedaço de carne-seca a um rapaz, "de certo modo bem vestido" (ou seja, que não era vagabundo, conforme a coletânea); Luiz vai à pagadoria e, ao voltar, recebe quatro tiros não fatais de Joaquim; o texto apresenta também um segundo desfecho relacionado ao trabalho. O fato de o candidato ter cumprido as exigências da proposta foi suficiente para que a nota de sua redação fosse uma nota média; o que significa que sua nota foi menor do que as dos dois textos recém analisados.

Vamos, a partir de agora, mostrar o que faltou a este texto para que ele merecesse uma nota próxima das dos outros dois.

Repare que o autor se preocupou em elaborar um projeto de texto. Isso pode ser observado, por exemplo, na conclusão ("seus pais vieram para o enterro"), que demonstra que o início do texto (a ida de Joaquim para a Capital com a promessa de voltar para buscar os pais – final do 2º parágrafo) havia sido planejado; é exatamente essa "ironia" que justifica o título. Apesar disso, o candidato não se preocupou em elaborar justificativa para um momento crucial de seu texto – a reação de Joaquim às críticas e às ofensas de Luiz, isto é: essa personagem – o Joaquim – não havia sido construída de forma a preparar uma atitude tão drástica, a tornar essa atitude suficientemente esperada pelo leitor.

Comentários

Mais do que isso: a relação entre Joaquim e Luiz não havia sido construída. Luiz, por sinal, surge no texto apenas quando surge também o pedinte. Em outras palavras: Luiz não mereceu, no texto, a relevância necessária para que o desfecho fosse plenamente verossímil.

Esperamos que você tenha percebido a diferença entre essa redação e as duas anteriores no que se refere à construção da verossimilhança – elemento fundamental aos textos narrativos. Quando um texto é inverossímil – isto é, quando alguns acontecimentos ou ações de personagens são contraditórios ou causam estranhamento, o texto perde pontos significativos na avaliação. Não foi o caso deste texto: embora algumas atitudes não tenham sido preparadas, elas não comprometem a verossimilhança, porém impedem que sua nota seja maior.

Há outro elemento característico das narrações (as personagens) cuja construção, neste texto, também apresenta altos e baixos que podem ser exemplificados a partir da leitura do 3º parágrafo. Nele, percebemos um elemento da coletânea – o fato de Joaquim ser analfabeto – usado de forma a contribuir para o tipo de texto: esse elemento é o responsável por “Joaquim pedir a Ana que lesse os anúncios de emprego nos jornais”. Logo em seguida, porém, o texto diz: “Algumas noites, seus roncos se confundiam com os roncos do estômago vazio”. Essa comparação em nada contribui para o texto do candidato: saber que Joaquim passava fome é relevante para o texto, mas que ele roncava não, já que seus roncos não são, em nenhum momento, retomados no texto, e, portanto, não têm função nele.

Outros elementos que não têm função no texto são as duas mulheres, Ana e Renata. O trabalho de construção da personagem Ana no início do texto leva o leitor a imaginar que ela se relacionará com Joaquim de alguma forma mais intensa: serão grandes amigos (já que Ana era “a senhora Ana”) ou, quem sabe, namorados. Afinal, ela foi tão gentil com Joaquim: emprestou um pequeno quarto para que ele passasse a noite – na verdade, foram várias noites; lia os anúncios dos jornais para ele e, mais do que isso, foi ela quem “acordou Joaquim contando que o trapiche do lado estava precisando de um atendente”. O que Ana mereceu em troca de tanta gentileza? Foi completamente abandonada.

Joaquim “se apaixonara por Renata, uma freguesa pobre do trapiche”, casou-se com ela e levou-a para morar com ele no cortiço. De Renata só sabemos isso, que teve um filho e que, depois do crime, “pediu divórcio e desapareceu com o filho”. E de Ana? Não sabemos mais nada; desapareceu do texto. O texto teria tido mais êxito se, ao projetá-lo, o candidato tivesse optado ou por unir as duas personagens numa só – e Joaquim poderia ter se casado com aquela que tanto o ajudou – ou por desenvolver mais cada uma das duas, atribuindo-lhes papéis mais relevantes, de forma que nenhuma fosse esquecida ao longo do texto, ou que uma delas aparecesse meramente para contemplar um dado da coletânea da prova, no caso, o de que Joaquim era casado.

Resumindo, embora este texto tenha cumprido as exigências da proposta, sua nota é inferior às dos dois anteriores porque seu autor, diferentemente daqueles outros, deixou de se preocupar em atribuir função para cada um dos elementos presentes no texto e justificar cada atitude das personagens.

Exemplo de redação anulada

João, 49 anos, casado e pai de cinco filhos, sai mais uma vez para trabalhar, é a rotina do dia-dia; acordar às 5 da manhã, pegar o ônibus e ir ganhar o sustento da família. Maria sua esposa, não tinha condições de trabalhar pois fica em casa cuidando de cinco crianças pequenas. Toda vez que João saia para trabalhar, se despedia da família como -

João, 49 anos, casado e pai de cinco filhos, sai mais uma vez para trabalhar, é a rotina do dia-dia; acordar às 5 da manhã, pegar o ônibus e ir ganhar o sustento da família. Maria sua esposa, não tinha condições de trabalhar pois fica em casa cuidando de cinco crianças pequenas. Toda vez que João saia para trabalhar, se despedia da família como se fosse a última vez que o vissem, isso por causa da cidade onde mora, a grande e perigosa São Paulo.

A família não gostava de morar nessa cidade, moravam em um barraco na beira de um barranco na periferia da cidade, eram pobres, humildes, todo o dinheiro para o sustento da família vinha da pequena barraquinha de cachorro quente do João, que ficava no centro da cidade. Todo dia era a mesma luta, esperar que alguém compre um “hot dog” do seu João, e ele ficava ali até tarde da noite para poder tirar um dinheiro bom no final do mês garantindo o sustento da família.

Seu João já estava acostumado com os assaltos que via ali no centro da cidade, o medo existia mas se ele sáisse dali correria o risco de não tirar a quantia suficiente no final do mês, e ali ficou até a morte que lhe chegou cedo.

Exemplo de redação anulada

Certo dia, houve um assalto em um banco próximo à barraquinha do João, a polícia toda estava lá cercando os ladrões até que um deles fugiu e à metros do banco pegou seu João como refém, foram horas de negociação para a libertação do humilde trabalhador, mas não adiantou, o ladrão disparou dois tiros na cabeça de João e foi morto em seguida pela polícia. O Brasil inteiro viu pela TV a tragédia e ficaram chocados com a violência.

Esse foi o triste final da vida de um simples vendedor de cachorro quente, que acordava todos os dias cedinho para ir trabalhar e foi vítima da violência. Sua esposa e seus filhos ficaram sem estrutura pois era João que trazia o dinheiro para casa. Maria começou a trabalhar de doméstica e os filhos viraram marginais nas ruas, largaram a escola e mal apareciam em casa, a mãe já não tinha como educar os filhos porque ela tinha que trabalhar, e com isso o grande assaltante de banco destruiu uma família, fazendo surgir mais cinco marginais nas ruas.

Comentários

Podemos perceber que há algumas relações entre o texto acima e a proposta. São elas: trata-se de uma narrativa sobre um trabalhador; a forma como o texto é iniciado se assemelha à apresentação das características de Luiz e de Joaquim na proposta; há o relato de um ato de violência. No entanto, observe que o autor deste texto desconsiderou totalmente os elementos fornecidos pela coletânea. Desconsiderou o cenário proposto, as características das personagens, a relação entre as três personagens. Não há, neste texto, dois colegas de trabalho, não há um pedinte, a personagem criada não é nem Joaquim, nem Luiz, nem o pedinte; note que não se trata de nenhum deles não porque tem outro nome – João – mas porque não tem as características de nenhum deles, não se porta como nenhum deles.

Por mais que a palavra *inspirando-se* presente no trecho "*Inspirando-se nos dados desse depoimento, escreva uma redação*" indique que o candidato poderia se desprender um pouco dos elementos fornecidos pela proposta (lembre-se de que algumas modificações foram permitidas, como as já tratadas no comentário sobre a primeira narrativa analisada), ele não poderia ter fechado os olhos para as exigências que vieram explicitadas logo em seguida à palavra *inspirando-se*. Dentre elas está a de que são os dados do depoimento apresentado que devem constituir o ponto de partida para a "inspiração".

Note que o depoimento foi totalmente esquecido pelo autor deste texto. A única exigência cumprida pelo candidato foi a que se refere ao foco narrativo (por isso a anulação não foi no critério Tipo de Texto). Isso, no entanto, não foi suficiente para que o texto fosse "salvo". Foi anulado nos critérios Tema e Coletânea.

Exemplo de redação anulada

De trabalhador à Assassinato.

Um certo dia trabalhando no Trapiche Comércio, local bastante conhecido na rua da Saúde, eu Luiz Castilho, nascido e criado no Estado do Rio de Janeiro, tenho pois 42 anos, sou solteiro e com pouco estudo sei ler e escrever.

De trabalhador à Assassinato

Um certo dia trabalhando no Trapiche Comércio, local bastante conhecido na rua da Saúde, eu Luiz Castilho, nascido e criado no Estado do Rio de Janeiro, tenho pois 42 anos, sou solteiro e com pouco estudo sei ler e escrever.

O lugar onde eu e mais três funcionários, sempre de bom humor dia após dia, nos encontrávamos naquele recinto de trabalho, nossa função era somente de pesar carne seca, um serviço fácil moderado, onde já se fazia 4 anos que já exercia esta profissão.

Sempre procurei respeitar meus companheiros e manter a paz a união, para que tudo ocorra bem seja em qualquer lugar essas qualidades são importantes. Um de meus melhores amigos que se chama Joaquim de Souza de 32 anos, um homem bastante sofrido desde a sua infância, pois desde que perdera os seus pais, passou a morar com seus tios, não teve uma boa formação Educacional era pois analfabeto, devido aos acontecimentos de sua vida sempre notei uma diferença entre Joaquim e outros amigos, ele pois era mais nervoso, por qualquer coisa arruma logo uma confusão.

Em um dia de trabalho, um certo homem trabalhador pediu um pedaço de carne a Joaquim, mas o homem ficou triste com a sua resposta, pois Joaquim foi estúpido chingando-o. Eu e os outros companheiros não aceitamos a forma com que Joaquim falara aquele homem, porque naquela mercadoria de modo algum um pedaço de carne não ia fazer

Exemplo de redação anulada

falta, mas Joaquim revidou chingou eu e outros também, e quando esta cena aconteceu logo aquele homem que outrora queria um pedacinho de carne fora embora.

Para mim já tinha terminado o dia, pois o que eu acaba de ouvir, e na minha frente relatar esse grande acontecimento fiquei bastante chateado com Joaquim, saindo eu dali do trapiche, dirigi-me até a pagadoria receber o meu dia, mas não esperava o que podia acontecer, mas aconteceu, Joaquim desfechou-me com quatro ou até cinco tiros, logo virou notícia que trabalhador assassina a um pobre coitado que não lhe devia nada.

Posso eu observar o ponto com que levou a Joaquim a praticar tal ato seja, a de um homem bruto, maldoso, violento, ou seja pela vida que desde menino levava trouxe-lhe remórdios, depressão, ódio. O depoimento está desde 1910 no Rio de Janeiro constatado no Processo Criminal.

Comentários

O autor deste texto, infelizmente, não prestou atenção a uma das exigências fundamentais da proposta: a de que sua narração deveria, obrigatoriamente, ser feita em 3ª pessoa. O uso de foco narrativo que não o estipulado pela banca elaboradora do tema B configura o descumprimento de uma das exigências – a primeira delas – que aparecem em destaque na apresentação da proposta. Esse descumprimento leva à anulação da redação no critério Tipo de Texto.

Afora o fato que levou o texto a ser anulado, cabe comentar alguns outros aspectos que, caso o texto tivesse recebido nota (isto é, caso ele tivesse sido escrito em 3ª pessoa), fariam com que ela fosse baixa. O texto apenas diz quais as qualidades importantes num ser humano e quais são desprezíveis ou lamentáveis. É essa a sensação que temos ao ler o início do 3º parágrafo e o último parágrafo do texto. Além disso, não há trabalho como os elementos cruciais numa narrativa: não há construção de personagens, trabalho com cenário e com o tempo,

Alguém poderia nos questionar dizendo que há personagens no texto – há Luiz (o “narrador”) e Joaquim, além dos outros colegas de trabalho mencionados no texto. Responderíamos que não basta atribuir nome, sexo e idade a alguém sobre quem se irá falar e dizer o que essa pessoa faz para construir uma personagem. Um depoimento, por exemplo, costuma conter todas essas informações e nem por isso é um texto narrativo. O texto acima praticamente não se diferencia de um depoimento, a não ser pelo fato de o narrador expor, com alguma freqüência, seus sentimentos. Nem isso, porém, constitui um trabalho adequado com uma personagem; não basta dizer “Fulano ficou muito triste, chateado, irritado etc” para garantir que se está construindo uma narrativa. É necessário atribuir às personagens atitudes condizentes com seus sentimentos, de forma a dar-lhes vida própria. O leitor precisa sentir que há realmente alguém se movimentando no cenário e no tempo do texto.

Repare, por fim, o quanto é inverossímil o narrador ser assassinado e continuar, no último parágrafo, expondo sua opinião a respeito de Joaquim.

Tema C

Considerando especialmente as informações contidas na matéria jornalística transcrita abaixo, escreva uma carta a um interlocutor de sua escolha (por exemplo, a um sindicalista, a um político, a um empresário) sugerindo que ele se empenhe na aprovação de um projeto de lei que acabe com as horas extras.

Nesta carta, você deverá, necessariamente, especificar os principais pontos do projeto de lei que gostaria de ver aprovado.

Lembre-se de que você deverá identificar claramente seu destinatário e organizar seus argumentos, a fim de convencê-lo a acatar sua sugestão.

Não esqueça que você pode valer-se de informações da coletânea geral e dos enunciados das questões desta prova para escrever sua carta.

Ao assinar a carta, use iniciais apenas, de forma a não se identificar.

PRODUÇÃO: Horas extras impedem a criação imediata de 4,9 milhões de empregos no país, calcula economista

Cresce prática de hora extra na economia de SP

Segundo pesquisa Seade-Dieese, 40,3% dos assalariados já ultrapassam a jornada de 44 horas semanais

SÃO PAULO. A recuperação da economia vem se sustentando em boa parte com o uso de horas extras no trabalho. Segundo pesquisa da Fundação Seade e do Dieese, 40,3% dos assalariados da Região Metropolitana de São Paulo trabalharam, em março, além da jornada de 44 horas semanais fixada na Constituição, contra 35,6% no mesmo mês de 2000. No comércio, foram nada menos do que 52,3%; e na indústria 40,9% prolongaram o expediente. No setor de serviços, o percentual foi de 36,2%.

O economista Mário Pochmann, secretário extraordinário do Trabalho de São Paulo, calcula que se a jornada fosse cumprida seriam criados imediatamente 4,9 milhões de postos de trabalho no país, mais do que o suficiente para acabar com o contingente de 1,02 milhão de desempregados das seis regiões metropolitanas

FIESP: contratar tem custo alto

Pochman utilizou dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (Pnad), do IBGE, realizada em 1999. Esta indicou que cerca de 27 milhões de brasileiros, de um total de 70 milhões de ocupados à época, trabalhavam mais que a jornada legal.

– No Brasil, a exceção virou regra e comprometeu a criação de novos postos de trabalho – diz o Presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), João Felício.

Essa cultura sobrevive tanto em tempos de economia aquecida quanto de recessão. Para as empresas, o recurso das horas extras evita o risco de contratações em momentos de incerteza, além de reduzir custos trabalhistas.

– Os custos de contratação e demissão são muito altos no Brasil – justifica o empresário Roberto Faldini, diretor da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

A legislação prevê que um trabalhador faça até duas horas adicionais por dia útil, além de oito no sábado e oito no domingo, num total de até 26 horas extras semanais. Mas a maioria dos trabalhadores encara esse expediente como forma de complementar renda e aceita propostas de aumento de jornada.

– Isso derruba qualquer tentativa dos sindicatos de desestimular a prática das horas extras – afirma o diretor-técnico do Dieese, Sérgio Mendonça.

Paulo Roberto Garcia Silva Júnior, de 20 anos, metalúrgico de São Paulo, é um exemplo dessa tendência. Há oito meses, foi contratado para trabalhar das 6h às 15h30m, por R\$ 370,00 mensais. Hoje, no entanto, consegue quase o dobro fazendo horas extras diárias e folgando só um domingo por mês.

– Procuo fazer o máximo de horas extras para ganhar mais – diz o operário.

O excesso não é uma prática exclusiva dos empregadores. No fim do ano passado, o presidente da Força Sindical, Paulo Pereira da Silva, o Paulinho, descobriu que os cerca de 700 funcionários do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo faziam mais de cinco mil horas extras por mês. Paulinho proibiu essa prática no Sindicato e a qualidade do atendimento, segundo ele, não diminuiu. Agora, o sindicalista quer propor ao ministro do Trabalho, Francisco Dornelles, que adote medidas restringindo o uso de horas extras pelas empresas.

Além de comprometer a geração de empregos, as horas extras também prejudicam a produtividade, aumentando os riscos de acidentes de trabalho. De acordo com o levantamento mais recente do Ministério da Previdência e Assistência Social, o número de mortes em acidentes de trabalho em 1999 foi de 3.923, representando um aumento de 3,6% em relação a 1998.

(Marcelo Rehder, *O Globo*, Caderno Economia, 8/5/2001, p.25.)



No Tema C-2002, pedia-se ao candidato que escrevesse uma carta argumentativa a um interlocutor de sua escolha (a um sindicalista, a um político, a um empresário, por exemplo), a fim de convencê-lo a se empenhar na aprovação de um projeto de lei que acabasse com as horas extras. Além disso, o candidato deveria, necessariamente, especificar os principais pontos do projeto de lei.

Em primeiro lugar, é preciso observar que a caracterização do interlocutor é extremamente importante em uma carta. A carta argumentativa é um tipo de texto em que deveria ser observada a presença de pelo menos dois interlocutores muito bem caracterizados: o remetente e o destinatário. A caracterização desses interlocutores é o que, aliás, distingue a carta de uma dissertação, com que poderia, em última instância, compartilhar o mesmo desenvolvimento temático e os mesmos propósitos comunicativos (convencer o leitor da verdade das idéias do autor). Na dissertação, no entanto, tanto o leitor quanto o autor do texto são abstrações, idealizações, cuja suposta ausência antes fortale-

ceria o poder da argumentação, na medida exata em que emprestaria, ao texto, um tom universalizante, objetivo, aparentemente não contaminado por interesses pessoais, como se quem falasse fosse a própria voz da razão. A carta argumentativa, no entanto, respeita outra lógica. A ausência da figura do destinatário ou do remetente, longe de emprestar maior credibilidade ao texto, compromete a sua pressuposta singularidade. Uma carta que se destina a um destinatário abstrato, não caracterizado, não é propriamente uma carta; o mesmo se dirá de um texto que, mesmo trazendo cabeçalho, saudação, despedida e assinatura, não promova uma efetiva caracterização do remetente. Em ambos os casos, o leitor prontamente identifica o engodo, e a carta perde talvez a mais importante parte de sua força argumentativa, proveniente do contato (supostamente) direto – e, por este mesmo motivo, cúmplice – entre quem escreve e quem lê.

A escolha e a caracterização do interlocutor são, portanto, fundamentais no desenvolvimento desse tipo de texto, e deveriam constituir o ponto de partida para o planejamento de todo o texto, de modo a torná-lo mais eficaz e persuasivo.

O fato de a proposta do tema C deste ano ter deixado a cargo do candidato a escolha do destinatário não o desobriga de construir um perfil, o mais acabado possível, de seu interlocutor. Por isso, o candidato deveria ter escolhido um interlocutor para quem fizesse sentido pedir o empenho na aprovação do projeto, seja porque esse interlocutor teria poder de interferir diretamente em decisões políticas (no caso de um político ou de um sindicalista), seja porque representaria uma classe específica a quem interessaria convencer (no caso de empresários, que lucram com as horas extras de seus empregados). Para construir a imagem de seu interlocutor, o candidato poderia, por exemplo, tê-lo associado a algum partido político, a alguma tendência (nacionalista, desenvolvimentista, humanista, moderna etc.) ou ainda a algum sindicato ou central sindical (se o destinatário fosse um sindicalista).

Uma vez definido o interlocutor, o candidato deveria ter selecionado da coletânea argumentos que contribuísem para a tarefa de persuadi-lo a se empenhar na aprovação do projeto de lei que acabasse com as horas extras. A reportagem de Marcelo Rehder, que constitui a coletânea do tema C, fornece dados estatísticos e apresenta diferentes opiniões e propostas que, juntamente com outros fatos do conhecimento do candidato, poderiam e deveriam ter sido aproveitados de acordo com a estratégia argumentativa por ele adotada. Seria interessante que o candidato, dependendo de seu interlocutor, não apenas tivesse apresentado argumentos favoráveis ao fim das horas extras, mas também tivesse refutado os argumentos favoráveis a sua manutenção, que seguramente poderiam ser evocados pelos seus supostos beneficiários (empresas e alguns trabalhadores). Embora não exigido nas instruções relativas ao tema, seria desejável, pois, que o candidato tivesse considerado, além da posição de seu interlocutor, os demais interesses envolvidos.

As principais informações trazidas pela coletânea e que poderiam ter sido utilizadas pelo candidato em sua argumentação são as seguintes:

- 40,3 % dos assalariados já trabalham mais do que 44 horas semanais;
- esse índice vem aumentando;
- a hora extra impede a criação de novos empregos (seria possível criar 4,9 milhões de postos de trabalho no país com o fim das horas extras);
- os custos de contratação e demissão de funcionários são muito altos no Brasil;
- o recurso das horas extras evita o risco da contratação de novos empregados em momentos de incerteza econômica, além de reduzir os custos trabalhistas;
- a hora extra, que deveria ser excepcional, tornou-se regra, e não é utilizada apenas em períodos de expansão da economia, mas também nos de recessão;
- a maioria dos trabalhadores encara a hora extra como forma de complementar a renda e aceita usualmente propostas de aumento de jornada;
- a hora extra prejudica a produtividade e aumenta o risco de acidentes no trabalho;
- a eliminação das horas extras não prejudica a qualidade do trabalho nem a produção.

Além de escrever para um interlocutor específico e tentar persuadi-lo a tomar uma determinada posição, uma terceira tarefa² deveria ter sido cumprida: a especificação dos principais pontos do projeto de lei pelo fim das horas extras. Novamente, o candidato poderia valer-se de algumas informações da própria coletânea, além de seus próprios conhecimentos, para formular suas sugestões. Ele poderia, por exemplo, propor, com base em informação da coletânea, que os custos de contratação fossem reduzidos de forma a incentivar a contratação de novos funcionários. Poderia, por outro lado, propor a supervalorização da hora extra, de forma a desestimular os empresários a adotar esse expediente. Poderia ainda propor multas para as empresas que adotassem o sistema e benefícios para aquelas que contratassem novos funcionários. Essas são apenas algumas possibilidades entre as inúmeras que poderiam ter sido exploradas pelos candidatos.

Vejamos a seguir como alguns candidatos cumpriram as tarefas propostas pelo Tema C.

² Essa exigência não é uma novidade na prova de redação do Vestibular Unicamp. No tema C do Vestibular 2000 foi solicitado aos candidatos que, além de argumentarem em favor da criação da Agência Nacional da Água, sugerissem pontos de um programa a ser executado por ela.

Exemplo de
redação abaixo
da média

Campinas, 25 de novembro de 2001

Prezado Presidente da Força Sindical,
Senhor Paulo Pereira da Silva

Em entrevistas lida em jornais pude observar sua opinião sobre as horas extras no trabalho, e venho agora expressar-lhe minha opinião.

Campinas, 25 de novembro de 2001

Prezado Presidente da Força Sindical,
Senhor Paulo Pereira da Silva

Em entrevistas lida em Jornais pude observar sua opinião sobre as horas extras no trabalho, e venho agora expressar-lhe minha opinião.

Percebi que o senhor se preocupou com a situação que os trabalhadores estão, uma vez que estes andam realizando jornadas de trabalho com mais das 44 horas semanais prevista pela Constituição.

Creio que a criação de um projeto de lei que beneficie tanto o trabalhador como o empregador seja uma saída considerável para esta situação.

Percebo que alguns pontos sejam principais nesse projeto como tornar as horas extras inviáveis economicamente, assim desestimulando os trabalhadores, sendo que esses vêm como um complemento na renda.

Diminuir os custos de contratação e demissão também ajudaria, pois os empregadores prefeririam isto à horas extras, aumentando assim o número de empregos, já que foi comprovado em pesquisa realizada pelo economista Márcio Pochmann, que se houvesse essa troca surgiriam 4,9 milhões de empregos.

E o que seria fundamental no projeto é a criação de uma rigorosa fiscalização nos setores de trabalho para garantir que a legislação seja cumprida, aplicando multas severas, e se necessário o encaminhamento à Justiça.

Sei que como presidente sindical, o senhor presa pela qualidade de trabalho, além do que é de direito dos trabalhadores, por isso acredito que seria necessário de sua parte observarmos um grande empenho para vermos esse projeto de lei aprovado.

Assim acredito que cada vez mais as forças sindicais, representantes dos trabalhadores do nosso país, ganham credibilidade em frente aos "órgãos competentes" do nosso governo.

Atenciosamente,
J.P.S.

Comentários

O candidato que escreveu este texto cumpriu a tarefa mínima exigida pelo tema: definiu um interlocutor, escreveu uma carta argumentativa pedindo que ele se empenhasse na aprovação de um projeto que acabasse com as horas extras e propôs pontos para esse projeto. O candidato escolheu para seu interlocutor um sindicalista, mais precisamente, o presidente da Força Sindical, Paulo Pereira da Silva, uma figura pública cujas idéias e posição política são amplamente divulgadas pela mídia. Essa poderia ser uma escolha acertada, já que o candidato não teria o trabalho adicional, como acontece no caso de um interlocutor desconhecido, de "criar" a imagem de seu destinatário. Assim, esperávamos que a escolha do sindicalista como interlocutor tivesse sido o resultado de uma decisão calculada e que suas posições – política, ideológica, discursiva – tivessem sido consideradas como base para a construção da argumentação. No entanto, não foi isso o que aconteceu. O candidato parece não conhecer inteiramente a posição ocupada por seu interlocutor na sociedade: dizer que o Presidente da Força Sindical "preocupa-se" com a "situação dos trabalhadores" e com "a qualidade de trabalho" é dizer o óbvio. Na verdade, ele parece ignorar até mesmo o real significado da função de sindicalista. Esse desconhecimento evidencia-se na própria escolha dos argumentos usados para o convencimento do interlocutor. Perceba que não faz o menor sentido (pelo menos não sem nenhuma argumentação ou justificativa prévias) propor a um sindicalista que se empenhe na aprovação de um projeto que, entre outras coisas, reduza o valor das horas extras ("...tornar as horas extras inviáveis economicamente, assim desestimulando os trabalhadores.."). Em resumo, o candidato não explorou coerentemente a imagem do seu interlocutor, nem sequer a levou em consideração para

Comentários

selecionar argumentos adequados. No terceiro parágrafo, propõe a criação de um projeto de lei que beneficie tanto o trabalhador como o empregador. No entanto, não se percebe nas propostas feitas nenhum benefício para os trabalhadores. Poderíamos trocar o interlocutor por um deputado, por exemplo, sem que fosse necessário alterar os argumentos. Se o Paulinho já não tivesse uma opinião contrária à hora extra, você acha que ele ficaria convencido, a partir da leitura da carta do candidato, a se empenhar na aprovação do projeto?

Além dos problemas relativos à construção da imagem do interlocutor, em nenhum momento o candidato preocupou-se em contextualizar a discussão para o leitor. Ele simplesmente assume como compartilhadas as informações da coletânea. No primeiro parágrafo, diz que tomou conhecimento, a partir da leitura do jornal, da “opinião” do sindicalista, mas não explicita qual seria essa opinião. Esse é, infelizmente, um equívoco bastante recorrente nesse tipo de texto. Redigir uma carta argumentativa é uma tarefa de natureza muito diferente da que realizamos quando escrevemos uma carta pessoal. Embora o destinatário seja definido, como na carta pessoal, o texto deve ter autonomia, isto é, deve fazer sentido para qualquer leitor, mesmo para os que desconheçam as informações contidas na coletânea. Para que isso fique mais claro é preciso entender que uma carta argumentativa deve ter autonomia suficiente para que possa, por exemplo, ser publicada num jornal. Portanto, embora ela se dirija a um interlocutor específico, é necessário que contenha todas as informações necessárias para que outros leitores possam compreendê-la, mesmo os que não tiverem tido acesso ao artigo que a motivou. O candidato que escreveu esta carta parece não ter uma idéia clara da natureza desse tipo de texto. Além de não ter explorado a imagem de seu interlocutor, ele não se preocupou em retomar as opiniões citadas na coletânea, ainda que somente para confirmá-las, e deixou o leitor se perguntando, afinal, qual seria a “opinião” do sindicalista.

Perceba, por fim, que o candidato parece ter se apoiado no fato de que o sindicalista é favorável à restrição das horas extras para se abster de argumentar em favor do projeto. Por tudo isso, o desempenho deste candidato foi considerado abaixo da média.

Exemplo de redação acima da média

CAMPINAS, 25 DE NOVEMBRO DE 2001

ESTIMADO SINDICALISTA JOÃO FELÍCIO,

NA ÁRDUA LUTA PELA DIGNIDADE DO TRABALHADOR MAIS UMA BATALHA SE FAZ NECESSÁRIA: CONTRA O RECURSO, POR PARTE TANTO DE EMPRESÁRIOS QUANTO DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES, À HORA EXTRA. É NESTA LUTA NÃO SÃO OS EMPRESÁRIOS, NEM TAMPONCO (O QUE SERIA ABSURDO) OS TRABALHADORES, Nossos ADVERSÁRIOS, MAS O GOVERNO, DEVORADOR DE IMPOSTOS; URGE, PORTANTO, QUE NOS EMPENHEMOS, REPRESENTADOS

Campinas, 25 de Novembro de 2001

Estimado sindicalista João Felício,

Na árdua luta pela dignidade do trabalhador mais uma batalha se faz necessária: contra o recurso, por parte tanto de empresários quanto dos próprios trabalhadores, à hora extra. E nessa luta não são os empresários, nem tampouco (o que seria absurdo) os trabalhadores, os nossos adversários, mas o governo, devorador de impostos; urge, portanto, que nos empenhemos, representados em tua honesta figura, por fazer aprovar novas leis, um projeto que estimule a contratação, que encoraje os empresários, sempre acovardados em suas poltronas, a fazer uso da imensa quantidade de mão-de-obra ociosa disposta a produzir para eles. E é bom que o façamos logo, antes que essa mesma mão se disponha a – destruir.

Companheiro, bem sabemos que a classe dominante não distribui renda porque é caridosa: fazem-no somente quando lhe é vantajoso; nem o governo voraz abre mão de um osso se não lhe acenamos com um filé. Sabemos, também, a quem de fato representam os congressistas em sua (necessária) maioria: a si mesmos. Seríamos, por conseguinte, ingênuos em querer simplesmente fazer passar uma lei proibitória do recurso às horas extras: nem mesmo os trabalhadores (que são, por vezes, também eleitores) a aceitariam, pois vêem com bons olhos, olhos gordos, a degradante possibilidade de ter aumentados seus salários às custas do ócio, da saúde, da segurança. É preciso mais que proibir.

Para a alegria do empresariado, sugiro que esse projeto de lei tenha por fundamento a redução dos custos de contratação e de demissão; e, como complemento a essa medida, que sejam aumentados sensivelmente os custos da

Exemplo de redação acima da média

utilização de hora extra: que a hora extra seja imensamente bem remunerada, e que tenha embutida em si uma alta carga tributária. De tal modo onerada, comprar horas extras se torna inviável; e a contratação, barateada, se torna desejável por parte do empresariado. Para compensar o governo pela perda de arrecadação decorrente da redução dos custos de contratação e de demissão sugiro que lhe seja permitida a punição severa de empresas envolvidas em acidentes de trabalho. E quanto à quase metade dos trabalhadores formais, que engorda o parco salário vendendo seu cansaço? É preciso que compreendam, ainda que de barriga vazia, que fazer hora extra não é uma solução adequada para eles: é solução adequada aos interesses covardes dos que sobre nós se apóiam para erguer sua riqueza (mas isso, digamos em voz baixa: que não poderemos estar cansados no dia da revolução dos trabalhadores contra os proprietários).

Companheiro, eu quis trazer aqui minha opinião sobre a hora extra que desagrega minha família, que destrói minha saúde, porque ganho mal e não vejo alternativa; sei que tomo a vaga de alguém quando faço hora extra, e esboço aqui minhas vagas idéias sobre um projeto que, acredito, debes abraçar como legítimo representante não só dos que trabalham como também dos que querem trabalhar. Não são idéias luminosas, são expressão humilde de quem ignora as leis e sua feitura; tem paciência com elas.

De quem muito te estima,
J. F. K

Comentários

O candidato redige uma carta a um interlocutor específico (o sindicalista João Felício, presidente da CUT), sugerindo que ele se empenhe na aprovação de um projeto que acabe com as horas extras. Não se trata, evidentemente, apenas de um pedido. O candidato provê seu interlocutor de estratégias de ação, ao municiá-lo com argumentos de que ele poderia fazer uso para atingir o objetivo proposto (a aprovação de um projeto de lei que acabe com as horas extras).

O texto é visivelmente beneficiado pela qualidade da argumentação apresentada. O candidato traça um perfil bastante acurado de cada um dos envolvidos que, em princípio, poderiam se opor à aceitação de sua proposta: o trabalhador (que amplia a sua massa salarial com a venda de horas extras), o empresariado (que poupa as despesas relativas à contratação e à demissão de trabalhadores) e o governo (que arrecada os impostos e contribuições sociais correspondentes). A partir da demonstração de um completo conhecimento das dificuldades que possivelmente seriam enfrentadas pelo sindicalista, passa a sugerir estratégias discursivas e práticas que ajudariam seu interlocutor a superá-las. Para que o empresariado não se sinta prejudicado, propõe a redução dos custos de contratação e demissão de trabalhadores. Chega mesmo a sugerir um argumento a ser usado para o convencimento do empresariado: é preciso empregar a mão de obra ociosa antes que “essa mesma mão se disponha a (...) destruir”. (É interessante notar que esse argumento, na verdade, não traduz o ponto de vista do operário nem do sindicalista, mas o ponto de vista do próprio empresariado, o qual muitas vezes adota o discurso social-democrata que defende – para usar os mesmos termos do candidato – que se entregue os ossos para não perder o filé.) Para que o governo não perca em arrecadação, sugere que a compensação seja feita através da cobrança de multas significativas de empresas envolvidas em acidentes de trabalho. Reconhece, por fim, que o trabalhador poderia se sentir prejudicado pela perda de uma renda extra. A esse respeito, propõe a conscientização, a mesma conscientização que permitiu a ele, operário e oprimido, enxergar sua opressão e contra ela se rebelar. Perceba a observação em tom de brincadeira de alguém que compartilha com seu interlocutor a crença de que a luta pela defesa de interesses imediatos dos trabalhadores é apenas uma etapa no processo de libertação da classe operária, que só acontecerá de fato com a superação do regime capitalista, numa “desejada” revolução socialista (“mas isso, digamos em voz baixa: que não poderemos estar cansados no dia da revolução dos trabalhadores”).

O candidato sabe que não precisa convencer seu interlocutor da importância do projeto de lei, já que se trata do presidente da CUT, alguém comprometido ideológica e profissionalmente com a defesa dos interesses dos trabalhadores. Por isso, concentra sua argumentação na sugestão de estratégias que o ajudem a alcançar o objetivo comum. Perceba, contudo, que, ao contrário do que ocorre no texto anterior, a posição do interlocutor não foi pressuposta. Ainda que o leitor não conhecesse a posição político-ideológica do destinatário, ao final da leitura ele teria formado uma imagem bem definida do sindicalista ou, pelo menos, da imagem que o candidato (usando uma máscara³ de operário) construiu para o sindicalista. Para construir a imagem de seu interlocutor, o candidato usa estratégias discursivas bastante sofisticadas. Em nenhum momento o candidato interrompe o fluxo argumentativo para dizer: “o senhor, um socialista, comprometido ideologicamente com os interesses da classe trabalhadora ou um revolucionário comprometido com a causa socialista”, por exemplo. As informações sobre o posicionamento ideológico do destinatário, e do próprio remetente, são inferíveis pelo leitor a partir de referências compartilhadas por ambos. O próprio uso de um certo jargão (“companheiro”, “classe dominante”) contribui para a formação da imagem dos dois. A máscara de “operário politizado” adotada pelo candidato permitiu-lhe explorar uma relação de cumplicidade, que autoriza e reforça o pedido de empenho na aprovação do projeto.

³ Entende-se por máscara a utilização de um remetente fictício cuja caracterização possa auxiliar o desenvolvimento argumentativo do texto.

Comentários

O remetente/operário se apresenta como conhecedor da lógica capitalista e dos diversos interesses políticos e econômicos envolvidos. Ele sabe que seria ingênuo propor a proibição sumária da prática das horas extras: uma lei desta natureza não passaria pelo congresso, pois, além de contrariar os interesses da elite, que lucra com a exploração do trabalhador, seria contrária também aos interesses imediatos dos trabalhadores que recorrem à hora extra para complementar seus baixos salários. No jogo de interesses e forças políticas envolvidos na questão, o candidato não deixa de considerar nem mesmo os congressistas, responsáveis pela aprovação do projeto, apontando para o fato de que, como políticos, não apoiariam uma lei impopular, que implicasse a perda de votos. Ao analisar, de forma detalhada, a posição de cada um dos interlocutores de seu interlocutor, o candidato demonstra ter consciência de que a eficácia argumentativa está diretamente relacionada 1) à manifestação do conhecimento de causa e 2) à proposição de estratégias factíveis de ação. Trata-se, portanto, de uma carta argumentativa bem sucedida, em que a interação entre os interlocutores não é sentida pelo leitor como artificial – mero preenchimento de posições argumentativas pré-definidas, com o objetivo único de cumprir uma tarefa do vestibular – mas como uma real tentativa de interlocução.

É preciso, entretanto, chamar atenção para um pequeno “deslize” no final do texto do candidato. Ao se despedir do sindicalista, o operário se apresenta como um humilde e sofrido trabalhador, que ignoraria os processos envolvidos na execução do projeto de lei. Essa imagem de pobre coitado e ignorante destoa da imagem de operário politizado e bem informado tão bem construída no restante do texto e não se pode inferir, pelo texto, que se trate de uma estratégia argumentativa do candidato. Se fosse esse o caso, ele deveria ter explicitado essa intenção, dizendo, por exemplo, que, diante de um interlocutor tão bem informado e preparado como o presidente da CUT, suas sugestões não passariam de “idéias vagas de quem ignora as leis e sua feitura.” Essa pequena quebra na construção da imagem do remetente não prejudicou a nota final desta redação, pois, como já demonstramos, o trabalho de construção da imagem dos interlocutores é excelente. Esta redação foi considerada bem acima da média no universo dos candidatos que desenvolveram o Tema C.

Exemplo de redação de nota média

Campinas; 25 de novembro de 2001.

Senhor Deputado:

Sou economista e, ao observar o crescente aumento do uso de horas extras, resolvi escrever-lhe, pois acredito esta tem-nos sido prejudicial e que o senhor possa fazer algo a respeito.

Campinas, 25 de novembro de 2001

Senhor Deputado,

Sou economista e, ao observar o crescente aumento do uso das horas extras, resolvi escrever-lhe pois acredito que esta tem-nos sido prejudicial e que o senhor possa fazer algo a respeito.

Como economista, venho fazendo pesquisas relacionadas as jornadas de trabalho dos brasileiros, constatei em meus estudos um crescimento bastante significativo no uso de horas extras, o qual acredito ser bastante danoso para a economia e principalmente para os trabalhadores. Senhor deputado, o largo uso de horas extras impede a criação de milhares de empregos, pois se um empregado prolonga a sua jornada, torna-se desnecessária a contratação de novas pessoas, agravando ainda mais a situação de desemprego no país, que como o senhor sabe, já é bastante complicada. Constatei ainda que a prática indiscriminada de horas extras prejudica a produtividade e aumenta os riscos de acidente de trabalho, pois as pessoas acabam trabalhando cansadas e desatentas, o que o senhor deve concordar, não é interessante nem para a empresa nem para o trabalhador.

Porém, analisando os dados atentamente, pude inferir que o uso da hora extra cresce devido a aceitação dos trabalhadores. Como deputado o senhor está informado de que, em geral, os trabalhadores no Brasil são mal remunerados, daí o motivo pelo qual aceitam as horas extras: como forma de complementar a renda. Outro motivo que os empresários alegam para esta prática é o custo das contratações, desse modo é preferível, por ser mais lucrativo, pagar as horas extras a contratar novos empregados.

Exemplo de redação de nota média

Por todos esses motivos gostaria que o senhor, sendo deputado, se empenhasse na criação e aprovação de um projeto de lei que fosse mais rígido em relação as horas extras. Acredito que deva constar do projeto uma lei que acabe com essa prática, melhorando a produtividade e reduzindo significativamente os acidentes. Gostaria de sugerir também a diminuição dos custos trabalhistas para que novas contratações sejam viabilizadas. Além disso seria importante também um aumento nos salários, para que os trabalhadores não precisem recorrer a mecanismos como o da hora extra para obterem melhores rendimentos.

Espero que o senhor, como um político de visão ampla, perceba a necessidade de um projeto como este. Além de melhorar as condições trabalhistas do país, estaremos dinamizando a economia, ao melhorar a produtividade e gerar novos empregos.

Grata pela sua atenção,
M.C.

Comentários

Também este candidato recorreu ao uso de uma máscara argumentativa: um economista que estaria desenvolvendo pesquisas relativas à jornada de trabalho do brasileiro. A utilização dessa máscara confere autoridade ao remetente e poderia ter sido mais bem explorada, por exemplo, se o candidato se valesse dela para trazer outros dados, além dos apresentados na coletânea. Da forma como o candidato usou a máscara de economista, não faria muita diferença se ele tivesse dito que leu, em um artigo publicado, por exemplo, n'O Globo, as informações a que alude. Ou seja, o candidato constrói uma máscara que não se sustenta. Usa informações extraídas do senso comum, sem considerar que um economista diria coisas diferentes daquelas que ele disse. Um verdadeiro economista saberia diferenciar, por exemplo, o óbvio (repisado cotidianamente nos jornais e nas revistas) e o incomum (alguma informação adicional, em certa medida inusitada, que pudesse vir a justificar a sua interferência em favor do convencimento de alguém para a causa). Com isso, estamos querendo chamar a sua atenção para o fato de que não basta construir uma máscara, é preciso que a escolha contribua efetivamente para o objetivo de persuadir e convencer o interlocutor.

Além disso, embora o candidato tenha apresentado uma argumentação coerente, não se preocupou em definir seu interlocutor, isto é, em construir uma imagem específica para seu destinatário: trata-se de um deputado cujas opiniões, tendência política etc., desconhecíamos e continuamos desconhecendo, mesmo depois da leitura do texto. O fato de que se tenha deixado a cargo do candidato a escolha e a definição do interlocutor parece ter feito com que alguns entendessem que tal escolha não era importante e endereçassem seus textos a uma função abstrata (senhor deputado, senhor empresário etc.), como neste caso. Perceba, porém, que identificar o interlocutor não significa apenas nomeá-lo: o interlocutor tanto pode ser uma figura pública do mundo real como um "personagem" fabricado. O importante é que a imagem criada seja consistente e levada em consideração para a construção da argumentação. Assim, embora se encontrem no texto marcas de interlocução, os argumentos, neste caso, seriam válidos para qualquer interlocutor e não apenas para o deputado a quem se escreve. O candidato que escreveu o texto acima poderia ter alcançado um resultado bem melhor se tivesse identificado melhor o deputado e construído sua argumentação com base nessa imagem. Esta redação foi considerada apenas mediana no universo de textos analisados.

Exemplo de redação acima da média

Campinas, 25 de novembro de 2001

Prezado Sr. Eduardo Suplicy,

Vivenciando uma situação limite e de sérias implicações à minha saúde, decidi recorrer ao Senhor, que é o meu representante direto no Senado, para solicitar que se empenhe, bem como divulgue para os outros senadores, a real necessidade da aprovação do projeto de lei, que será votado na próxima quinzena, que pretende acabar com as horas extras.

Exemplo de
redação acima
da média

Prezado senhor Eduardo Suplicy.

Vivenciando uma situação limite e de sérias implicações à minha saúde, decidi recorrer ao senhor, que é meu representante direto no Senado, para solicitar que se empenhe, bem como divulgue para os outros senadores, a real necessidade da aprovação do projeto de lei, que será votado na próxima quinzena, que pretende acabar com as horas extras.

Brasileira, 30 anos, divorciada e mãe de 3 filhos em idade escolar, trabalho há 5 anos em uma grande editora na área de produção. Nos últimos 3 anos a situação tornou-se insustentável, pois por causa de um pretensão aumento nas exportações, temos sido submetidos a uma rigorosa e coerciva prática de horas extras. Como se não bastassem as 8 horas diárias de trabalho, com pausa de apenas 1 hora para o almoço, já nos adaptamos a "rotina" de estender as nossas atividades para até 5 horas a mais, quase que diariamente. Desconhecemos o significado das palavras "final de semana" e "feriado". Tem sido muito comum sair de casa às 6:30 h e voltar por volta das 23h.

A exaustão desse ritmo de trabalho me levou a rever uma série de questões relacionadas que considero essenciais a minha vida hoje. Se anteriormente acreditava que com a prática de horas extras estaria complementando o meu salário, hoje vejo que as coisas não ocorrem bem assim. Além de gastar financeiramente muito mais para manter o que já se tornou um estilo de vida da maioria dos trabalhadores da economia globalizada (pois tenho que arcar com as despesas de alguém que cuide de meus filhos à noite e aos finais de semana), tenho perdido algumas das mais preciosas oportunidades que são o convívio em família, a possibilidade de gozar de descanso decente diariamente, assim como de momentos de lazer, ou ainda dar continuidade aos meus estudos cursando uma faculdade à noite.

No ambiente de trabalho é comum ouvir de nossos superiores que todos devem "vestir a camisa da empresa" e é aí que a prática das horas extras se torna coerciva, pois quem não adere não é digno de fazer parte da equipe. Além dessa disfarçada coerção, vivemos sob o signo do desemprego, que agrava a tensão a que nós trabalhadores estamos submetidos. Não existe alternativa: ou trabalhamos até o limite imposto ou engrossamos as estatísticas de desemprego.

Mas como ir contra a prática de hora extra se a própria legislação trabalhista é totalmente favorável ao empregador? Por outro lado a classe trabalhista também favorece a atual situação, ao encarar que as horas extras são uma oportunidade de se "ganhar mais". Aqui faço um contraponto com o projeto de lei que pretende substituir as horas extras pela participação nos lucros da empresa de forma mais significativa. Embora um ponto bastante polêmico, indicadores econômicos mostram que o empresariado não ficará em desvantagem. Em países subdesenvolvidos ainda existe a cultura no meio empresarial do acúmulo de capital de forma egoísta e insana, o que tem gerado as mais absurdas estatísticas de distribuição de renda e implicações diretas em crises sociais.

O projeto de lei propõe que a extinção da hora extra incentivará a criação de novos postos de trabalho. Com índices de desemprego reduzidos é possível reaquecer o mercado e se pensar numa real inserção do Brasil na economia global.

Senhor Suplicy, gostaria de deixar o depoimento de uma trabalhadora, no mercado desde os 13 anos de idade, com o intuito de comovê-lo verdadeiramente, a fim de se esforçar pela aprovação do projeto. Acredito que o homem só será um ser pleno quando seus potenciais criativo, produtivo, emocional e intelectual, não estiverem concentrados em um único viés, o trabalho. Sendo aprovado, o projeto abrirá um importante espaço de discussão para repensarmos o trabalho no mundo contemporâneo. Essa discussão é mais do que oportuna, uma vez que sinaliza para questões como o aumento da produtividade, a diminuição dos índices de doenças típicas como o stress e a depressão, e o aumento nos índices de escolaridade.

Finalizo, desculpando-me pela letra que o forço a decifrar. Contrariando ordem médica, escrevi essa carta apesar das dores horríveis que tenho sentido em meu braço esquerdo, fruto de trabalho repetitivo e de muitas "horas extras". Mas não se preocupe, porque daqui a um mês, quando o projeto já tiver sido votado, terei sido submetida a uma cirurgia que, segundo os médicos, devolverá os movimentos naturais do braço e das articulações.

Atenciosamente,
H.C.O.

Comentários

No texto acima, o candidato optou por escrever para o senador Eduardo Suplicy; entretanto, percebe-se que o destinatário poderia ter sido também qualquer outro político ou personagem da vida política brasileira. Não há, no texto, nenhuma indicação de um destinatário individualizado, exceto pelas referências a ele sob a forma do vocativo. Assim, Eduardo Suplicy, como leitor do texto, nele não se reconheceria como destinatário legítimo, mas apenas como uma posição burocraticamente preenchida. Sem esse reconhecimento, não haveria a necessária cumplicidade com o autor ou com a reivindicação, com prejuízo para o convencimento em relação à validade ou não dos argumentos da remetente. (Se a escolha do senador como destinatário da carta pode parecer em si mesma emblemática – Eduardo Suplicy tem se destacado, em sua atuação política, exatamente por se ocupar de reivindicações pessoais relacionadas a problemas sociais (como seria o caso das horas extras) – a não explicitação desse fato pelo candidato impede que atribuamos à escolha em si algum mérito.) A ausência de uma maior elaboração da imagem do interlocutor, entretanto, é em certa medida compensada pelo esforço de caracterização do remetente do texto. Sabemos todos não só que se trata de uma “brasileira, 30 anos, divorciada e mãe de 3 filhos em idade escolar”; também podemos acompanhar, passo a passo, o relato minucioso (e bastante plausível) de seu drama. O poder de seus argumentos deriva de uma experiência pessoal: em vez de amparar-se apenas em argumentos gerais (como “é importante mesclar trabalho e lazer”) de validade discutível, a remetente se ocupa também de seu universo particular. O terceiro parágrafo de seu texto é exemplar neste ponto: as horas extras a impedem de conviver com a família, de gozar o descanso e de investir em estudo.

Para contrabalançar esses argumentos pessoais, a remetente inclui outros mais gerais (e vantagens da adoção da proposta). Justifica a necessidade de um projeto de lei que acabe com as horas extras argumentando que essa prática não é uma opção do trabalhador, seja porque ela deixou de ser excepcional e passou a fazer parte dos aviltados salários, seja porque ele é submetido a uma coerção disfarçada em discursos como o de “vestir a camisa da empresa”. Antecipando os interesses que poderão se opor à aprovação do projeto, ela propõe, para compensar as perdas salariais do trabalhador, um outro projeto de lei que aumente a participação nos lucros das empresas. Consciente do caráter polêmico de tal projeto, sugere ao seu interlocutor dados e argumentos a serem usados para o convencimento do empresariado. Em primeiro lugar, afirma que a cultura empresarial de acúmulo de capital e concentração de rendas é típica de países subdesenvolvidos, e que tem sido responsável pelas crises sociais que afetam a todos, inclusive os empresários. Em segundo lugar, aponta para o fato de que a extinção das horas extras incentivará a criação de novos postos de emprego, o que reaquecerá o mercado e compensará as eventuais perdas com os aumentos salariais.

É preciso perceber, contudo, que esses outros argumentos parecem secundários diante de seu drama pessoal, retomado no último parágrafo. Há argumentos teóricos a favor da extinção da hora extra. Mas há sobretudo argumentos empíricos e factuais, de que a remetente nos dá o testemunho. No entanto, é inevitável não reconhecer no texto, neste último parágrafo, o problema do apelo fácil (e por isso mesmo de pouca eficácia argumentativa) da tragédia. Ao pedir desculpas ao deputado pela caligrafia ilegível (derivada das “dores horríveis”, fruto de “trabalho repetitivo” e de “muitas horas extras”), o candidato incorre no melodrama e no exagero. Perceba que, o texto – em função dessa última parte – perde parte de sua anterior força persuasiva. Afastamo-nos do texto na medida exata em que recusamos, como inadequada, a estratégia de sermos convencidos a adotar esta ou aquela posição, não por argumentos que apelam à razão, mas à emoção. É preciso admitir que esse pedido de misericórdia e compaixão – derivados da autocomiseração da remetente – denunciam o subjetivismo por trás da argumentação anterior.

No entanto, isolada esta última parte, a figura da remetente é nítida e consistentemente construída, e é impossível não simpatizar com sua causa, que percebemos ser, ela mesma o afirma, a causa de milhares de brasileiros. A precisa caracterização da remetente acaba, pois, por assegurar ao texto um poder de persuasão, e de sedução política, apesar da ausência de uma referência mais bem construída do destinatário. Trata-se de um caso em que o “desabafo”, complementado com a lógica, produz o efeito que se espera em uma carta argumentativa, distanciando-a, definitivamente, de um cunho dissertativo, ou meramente expositivo. Perceba, porém, que o texto funciona apenas porque mescla a caracterização – bastante pessoal – do remetente com argumentos de validade intersubjetiva, que não estão diretamente relacionados ao sentimento de ninguém. Incidissem o candidato apenas na expressão do seu drama pessoal, terminaria não por redigir uma carta argumentativa, mas uma súplica, um pedido de misericórdia; tivesse ele optado por suprimir toda e qualquer referência à sua própria situação, não teria feito igualmente uma carta, mas uma dissertação. Como o candidato acertou nas proporções, sua redação foi considerada acima da média no universo de textos avaliados.

Exemplo de
redação
anulada

Marque uma hora extra para sua vida

"Homem primata capitalismo selvagem"
Titãs

Já é sabido, que grande parte dos trabalhadores empregados preferem fazer horas extras a fim de que ao final do mês, o montante recebido pelo seu trabalho seja cada vez maior, chegando até a dobrar. No mundo

Marque uma hora extra para sua vida

"Homem primata capitalismo selvagem"
Titãs

Já é sabido, que grande parte dos trabalhadores empregados preferem fazer horas extras a fim de que ao final do mês, o montante recebido pelo seu trabalho seja cada vez maior, chegando até a dobrar. No mundo as horas extras são usadas como soluções para alguns problemas, já no Brasil o uso de horas extras, já faz parte do salário.

Ao estar fazendo horas extras, abre-se mão das suas horas de lazer, descanso e até mesmo abre-se mão da companhia da sua família, tudo isso com o objetivo que ao final do mês o salário seja um pouco maior do que o de costume, com isso acaba "roubando" possíveis empregos que poderiam ser melhor organizado para que pudéssemos reduzir os índices de desemprego tão evidentes nos dias atuais.

As empresas preferem que seus funcionários façam horas extras à ter que contratar novos funcionários, é mais viável incentivar com que os seus funcionários façam horas extras a ter de admitir novos custos. Isso só atrapalha o crescimento da economia, pois cada vez mais, haverá desempregados, e os mesmos não faram com que a economia continue crescendo e se desenvolvendo.

Com tudo isso fica evidente, que fazer horas extras só trás problemas à economia e a nação, em questões financeiras, profissionais e até de saúde. Devemos aprender com os países grandes como por exemplo os Estados Unidos da America, para que possamos aprender como se deve crescer para que um dia possamos ser finalmente um país grande economicamente.

Comentários

Esperamos que, depois de tudo o que foi dito a respeito da carta argumentativa, você tenha sido capaz de perceber a total inadequação desta redação em relação ao tipo de texto pedido. Embora o candidato tenha considerado em seu desenvolvimento a proposta temática e a coletânea do Tema C, não cumpriu as exigências específicas de uma carta argumentativa. A total ausência de marcas de interlocução e a presença de um título (e até de uma epígrafe) não deixam dúvidas quanto ao equívoco cometido pelo candidato: ele desenvolveu uma dissertação! Neste caso, infelizmente, não nos resta alternativa: anulação em tipo de texto.

Um exemplo
à parte

O trabalho tem levado as pessoas a cometer loucuras. Loucuras como as de Joaquim de Souza, mulato, de 32 anos, casado, analfabeto, que pesava uma carne com seu companheiro de trabalho, Luiz. Um homem que devia estar desempregado e com fome.

Exemplo à parte

O trabalho tem levado as pessoas a cometer loucuras

Loucuras como as de Joaquim de Souza, mulato, de 32 anos, casado, analfabeto, que pesava uma carne com seu companheiro de trabalho, Luiz. Um homem que devia estar desempregado e com fome surgiu pedindo-lhes um pedaço da carne. Luiz querendo ser caridoso, viu que um pedaço da carne retirado daquele monte, não faria falta, mas Joaquim, não gostando da idéia, mandou Luiz para à puta que o pariu.

O que parecia ter acabado ali mesmo, não acabou. Mais tarde, depois da cansativa jornada de trabalho, o estressado Joaquim acabou dando alguns tiros em Luiz.

O trabalho em excesso, as horas extras todos os dias, a busca do dinheiro, leva as pessoas a cometer tais atos.

Nesse mundo capitalista o que mais interessa é dinheiro. Mas tê-lo nos bolsos ninguém tem.

O próprio sistema nos força a gastar todo o dinheiro, seja com alimentos, transporte, e quando sobra alguma coisa, vem o governo e arranca na forma de impostos.

Nesse país não adianta trabalhar demais. Todos estão se matando no trabalho em troca de nada.

Na semana passada, quando alguns grevistas reivindicavam aumento de salários, o governo tentou fechar um acordo que aumentava de oito horas diárias, para doze horas a jornada de trabalho. Um abuso! O governo quer criar verdadeiros robôs.

Comentários

Há 4 anos, toda a prova da 1ª fase do Vestibular Unicamp e, portanto, também as propostas de redação, têm sido elaboradas em torno de um mesmo tema. Neste ano, como você já sabe, o eixo central foi o tema "trabalho".

Sobretudo quando uma prova é temática, é compreensível e aceitável que se use informação de uma questão – ou de outra proposta de redação – para resolver outra questão ou na própria redação. Isso tem ocorrido com alguma frequência e não interfere na nota do candidato. O uso de outras informações presentes no restante da prova é autorizado, como se pode conferir na Orientação Geral da prova de Redação e nos quadros destacados dos temas B e C.

O equívoco do texto acima não está no fato de o candidato ter trazido dados de um tema para exemplificar uma discussão que ele pretendia fazer em outro tema, mas no fato de que ele deixou de desenvolver o que esta proposta pedia. Observe que o texto acima, embora se pareça mais com um texto dissertativo e lide com a noção de que trabalhar, no Brasil, tem sido degradante, não usa praticamente nenhuma informação da coletânea do tema A; com algum esforço, podemos interpretar o penúltimo parágrafo como uma menção ao fragmento de número 7.

Podemos ver que o candidato utilizou dados dos temas B e C mas, obviamente, não está desenvolvendo nem um nem outro, ou seja, seu texto não é nem uma narração nem uma carta argumentativa.

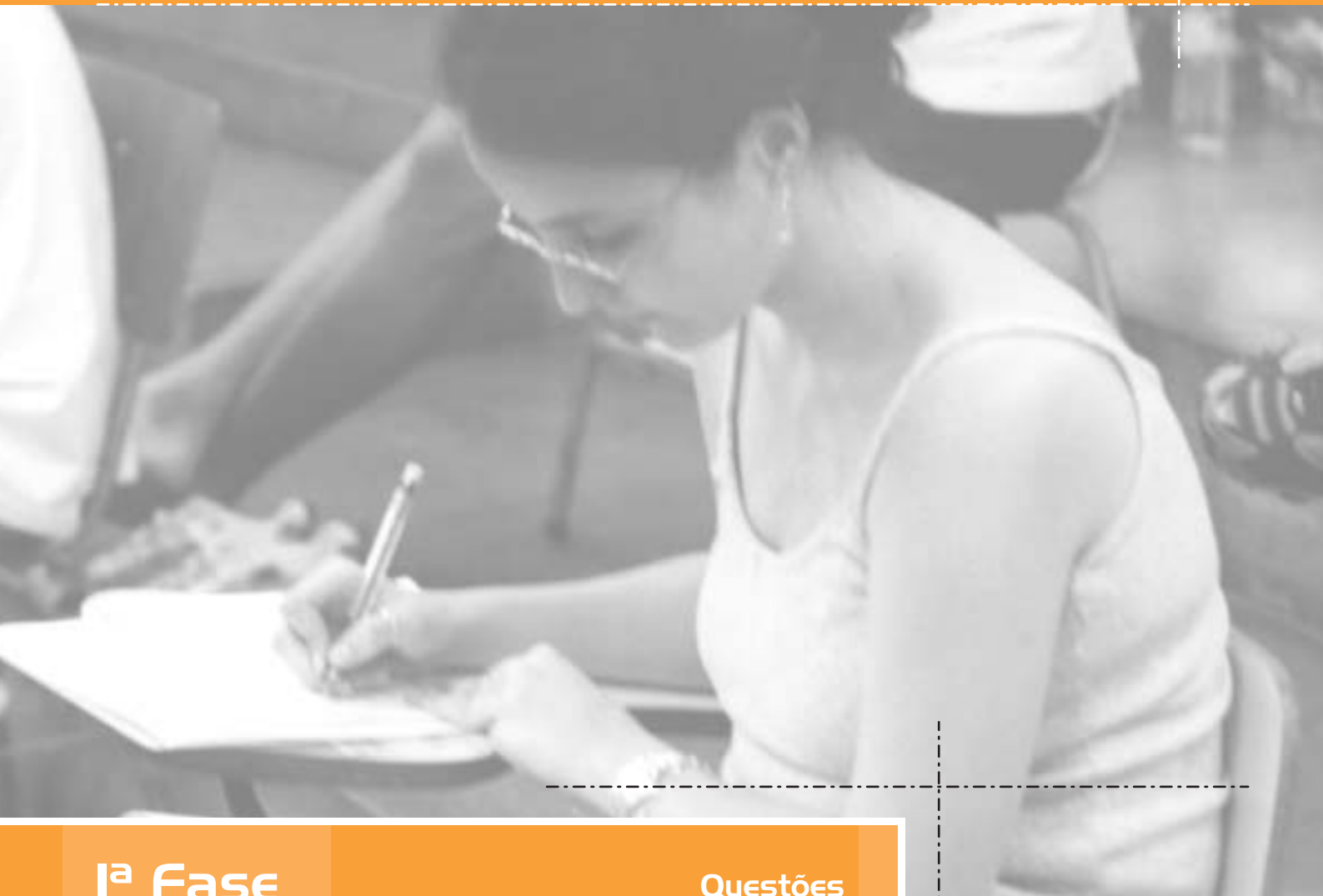
A "mistura" que o candidato fez das três propostas é tanta que chega a deixar dúvidas a respeito do tema que ele teria pretendido desenvolver, e isso em hipótese alguma pode acontecer: você deve escolher uma das propostas, cumprir todas as exigências nela presentes e, se julgar útil, usar dados de outras propostas ou questões. Isso, se a prova for temática, ou se nela houver elementos que se relacionem.

Da mesma forma, dados e informações não fornecidos na prova são sempre bem-vindos, desde que desempenhem a função de exemplificar ou contribuir com determinada argumentação relacionada ao tema proposto.

Você deve ter notado nossa insistência, ao longo dos comentários sobre as três propostas, em explicitar que, na avaliação das redações, se requer que todos os elementos utilizados no texto tenham uma função. Para garantir tal função, é fundamental que, antes de começar a redigir sua redação, você elabore um projeto de texto. É nesse momento que você verá quais elementos da coletânea melhor se relacionam a quais outros, qual maneira e ordem de apresentá-los é mais interessante etc.

Esperamos que as informações desta seção tenham trazido a tranqüilidade necessária para que você tenha um ótimo desempenho quando chegar a sua hora!

Boa redação!



1ª Fase

Questões



UNICAMP

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
COMISSÃO PERMANENTE PARA OS VESTIBULARES

banespa

 Grupo Santander Banespa

Introdução

O conjunto das doze questões gerais que constituem, juntamente com a redação, a prova da 1ª fase do Vestibular Unicamp tem como objetivo avaliar se os candidatos possuem as habilidades indispensáveis para cursar o ensino superior. Esta prova tem caráter interdisciplinar e através de temas gerais e atuais procura selecionar os candidatos que possuam o perfil de aluno desejado para esta Universidade. Além de verificar se há domínio de conceitos básicos das disciplinas do núcleo comum do Ensino Médio – Matemática, Física, Química, Biologia, História e Geografia, procura-se com estas questões verificar se o candidato sabe ler, compreender, interpretar e relacionar os dados que lhe são apresentados nas diferentes linguagens e se consegue redigir sua resposta com clareza e coerência.

Desde o Vestibular Unicamp 1999, a prova da nossa primeira fase tem seguido um eixo temático, o que permite uma maior articulação entre as três propostas de redação, entre várias das 12 questões e, por consequência, entre as propostas de redação e as questões. No vestibular 2002, o tema central da primeira fase foi *O Trabalho*; as três propostas de redação e pelo menos uma das questões de cada disciplina foram elaboradas em torno deste tema.

As duas primeiras questões da prova foram de História. A primeira delas – constituída sobre fragmentos presentes na proposta do tema A – serviu de ligação entre a prova de redação e as questões dissertativas; nela, o tema do trabalho foi apresentado em perspectivas diferentes: partindo de suas imagens contraditórias na sociedade capitalista, propunha-se sua percepção histórica em outras sociedades. Além disso, abordou as difíceis condições de trabalho tanto em setores tecnologicamente avançados, como naqueles onde o processo de produção está baseado no trabalho braçal. A comparação dessas duas situações extremas de condições de trabalho procurou incentivar uma leitura crítica por parte dos candidatos, fazendo com que eles percebessem que desenvolvimento tecnológico não é sinônimo de boas condições de trabalho. A segunda questão fez referência aos movimentos sociais e políticos contemporâneos, principalmente àqueles relacionados às revoltas rurais, revoluções políticas e movimentos contra a discriminação racial. Movimentos sociais que ocorreram em sociedades em vias de modernização ou mesmo em sociedades plenamente desenvolvidas, como é o movimento negro nos Estados Unidos. O enunciado da questão utilizou o trecho de uma música de Chico Science, compositor conhecido pela juventude como crítico do sistema de valores vigentes, que exclui e discrimina amplos setores da população brasileira.

As questões de Biologia enfatizaram alguns aspectos do conhecimento biológico com o objetivo de verificar a capacidade do vestibulando de compreender informações, relacioná-las e aplicá-las no seu cotidiano. A questão 3 buscou avaliar aspectos do trabalho biológico utilizando conteúdos básicos e introdutórios do programa de Biologia do ensino médio como moléculas, compostos orgânicos e estocagem de energia. A questão 4, por sua vez, exigiu dos candidatos conhecimento sobre outro “trabalho biológico”, isto é, o relacionado com o modo de vida de dois grupos de insetos – as cigarras e as formigas. Para isso, utilizou-se a fábula infantil de *La Fontaine*, também presente na proposta do tema A.

As duas questões de Física tiveram como objetivo comum avaliar a capacidade de o candidato manipular equações elementares. Ambas, também de acordo com o eixo temático, envolveram conceitos de trabalho e potência. A questão 5 apresenta uma estimativa da eficiência da substituição do trabalho humano por uma máquina simples (o monjolo), relevante na história do desenvolvimento econômico do Brasil. A questão 6 também apresenta um contexto histórico importante e relacionado a trabalho: um dos primeiros saltos tecnológicos no início da Revolução Industrial. Um dos itens dessa questão permite avaliar a relação entre o progresso tecnológico e o aumento do consumo de energia.

As questões de Geografia – 7 e 8 – também tematizaram as relações de trabalho no período contemporâneo e tiveram por objetivo estimular nos candidatos a conjugação dos conhecimentos gerais abordados no ensino médio, com alguns conhecimentos específicos da ciência geográfica e com conteúdos de conhecimento geral apresentados na mídia, especialmente na imprensa escrita e televisionada. As duas questões apontaram para a importância da estruturação socioespacial local, estabelecida especialmente por meio da organização das relações de trabalho, impostas pelas determinações econômicas hegemônicas em suas diversas formas de regionalização.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de Matemática enfatizam a importância da “resolução de problemas” e, mesmo reconhecendo o papel da abstração, do raciocínio lógico e das demonstrações rigorosas, sugerem o uso de situações reais e contextualizadas na seleção dos problemas a serem abordados. As questões 9 e 10 da primeira fase do Vestibular da UNICAMP, além de atenderem às recomendações dos PCN’s, procuram avaliar a capacidade de compreensão de textos específicos de matemática, a habilidade para executar operações matemáticas simples, o uso de diversas formas de representação e o cuidado no uso de unidades apropriadas.

As duas últimas questões – de Química – abordaram a temática da produção de açúcar e de álcool.

Veja a seguir todas as questões da primeira fase, com suas respectivas respostas esperadas e pontuações, exemplos de resolução e comentários feitos pelas bancas. Note que são apresentadas apenas as respostas esperadas. Outras respostas que não as apresentadas receberam pontuação integral ou parcial, dependendo das variações em relação à expectativa. Por falta de espaço não é possível apresentar todas as variações admitidas. Cumpre, ainda, observar que o nível de exigência das respostas está relacionado ao nível dos candidatos egressos do ensino médio. Os exemplos apresentados de algumas respostas dadas por candidatos foram selecionados de forma a exemplificar um desempenho acima da média e um desempenho abaixo da média. Os comentários objetivam demonstrar o que cada questão pretendia avaliar, seu grau de dificuldade e o desempenho médio nela alcançado pelos candidatos.

Questão 1

Os textos apresentados como suporte para a redação registram concepções diversas a respeito do tema *trabalho*. Há tanto avaliações positivas como negativas. São imagens contraditórias, características de um tipo de sociedade.

- a) Qual é o tipo de sociedade, retratada no texto de Paul Lafargue (fragmento 2 da coletânea), que convive com essas imagens contraditórias de trabalho? Qual é o trabalhador característico desse tipo de sociedade?
- b) Utilizando o texto de Pierre Clastres (fragmento 9 da coletânea), identifique um tipo de sociedade em que não existem tais imagens contraditórias de trabalho.
- c) A fotografia de Sebastião Salgado (fragmento 5) e o texto de Elio Gaspari (fragmento 7 da coletânea) fazem referência à questão do aviltamento do trabalho na sociedade contemporânea. Identifique neles aspectos degradantes da condição humana.

Resposta esperada

a) Neste item, esperava-se que o candidato percebesse que a sociedade referida no texto de Paul Lafargue convive com imagens contraditórias de trabalho, às vezes com conotação positiva e em outras vezes negativa. Assim, a melhor resposta seria a sociedade capitalista ou a sociedade burguesa. Aceitava-se também o uso direto do conceito de capitalismo. Ainda neste item, esperava-se a identificação do operário ou trabalhador assalariado ou proletário, como definição do trabalhador característico da sociedade capitalista.

(2 pontos)

b) Em oposição ao item anterior, esperava-se que o candidato percebesse que as sociedades primitivas, indígenas ou não, convivem com estas imagens contraditórias do trabalho. Evidentemente, a questão poderia suscitar outras respostas, porque as sociedades anteriores ao capitalismo não conviveram com imagens contraditórias do trabalho, mas o texto de Clastres faz menção direta às sociedades indígenas.

(1 ponto)

c) Neste item, o candidato poderia escolher inúmeros elementos para se referir ao aviltamento do trabalho. Na foto de Sebastião Salgado, que se assemelha às gravuras de Gustave Doré feitas no século XIX para retratar o Inferno na famosa *Divina Comédia* de Dante Alighieri, os trabalhadores se assemelham a animais de carga, enlameados e vivendo em condições de insalubridade. O texto que descreve as condições de trabalho em uma fábrica da Nike (patrocinadora da seleção brasileira) é auto-explicativo e o candidato poderia se referir aos insultos verbais, à exploração sexual das mulheres, bem como às coerções físicas, aos baixos salários, às restrições ao uso dos sanitários, etc.

(2 pontos)

Exemplo acima da média

a) A sociedade retratada é marcada por relações capitalistas, imperando uma visão positiva acerca do trabalho que é criticada ~~isto~~ por Paul Lafargue. O trabalhador característico neste tipo de sociedade é o trabalhador assalariado que vende suas horas à instituição ou empresas. No texto fala-se do operário.

b) Segundo o texto, trata-se das sociedades primitivas ~~em~~ que se caracterizavam por uma economia de subsistência. É o caso de Egito, Mesopotâmia entre outras da Antiguidade.

c) A exploração e degradação do ser humano com a finalidade de obter vultuosas quantias de lucro não identificadas, ~~mas~~ desde a falta de condições dignas - subemprego, falta de infraestrutura adequada (água, alimentação), até casos de coerção física e insultos.

Exemplo abaixo da média

- a) Uma sociedade pobre que se mata de trabalhar por tão pouco.
Os escravos.
- b) Uma sociedade de adolescentes, que trabalha 4 horas por dia.
- c) A falta de dinheiro faz com que as pessoas corram perigo de pegar doenças que podem até causar a morte.

Comentários

A questão foi elaborada para servir de transição entre a redação e a segunda parte da prova. Aparentemente simples, a questão exigia do candidato o conhecimento histórico das problemáticas condições do trabalho nas sociedades capitalistas que se formaram a partir do século XIX. Pretendemos também avaliar a capacidade de leitura dos textos e o modo como o candidato seleciona, qualifica e avalia as informações neles contidas. Observando-se o desempenho dos candidatos, podemos concluir que eles se saíram bem sendo que 27% tiveram notas 4 e 5 e apenas 7,7% tiveram nota zero. A nota 3 foi alcançada por 24% dos candidatos. Isto significa que mais de 51% dos candidatos tiveram nota superior a 3 colaborando com o aumento da média da nota da primeira fase do vestibular.

Questão 2

*Modernizar o passado é uma evolução musical
Cadê as notas que estavam aqui, não preciso delas!
Basta deixar tudo soando bem aos ouvidos
O medo dá origem ao mal
O homem coletivo sente a necessidade de lutar
O orgulho, a arrogância, a glória
Enchem a imaginação de domínio
São demônios os que destroem o poder bravio da humanidade
Viva Zapata! Viva Sandino! Antônio Conselheiro
Todos os Panteras Negras
Lampião sua imagem e semelhança
Eu tenho certeza, eles também cantaram um dia.*

(Chico Science, "Monólogo ao pé do ouvido".)

- a) Identifique três movimentos sociais do século XX a que o texto faz alusão, reprimidos por "demônios que destroem o poder bravio da humanidade".
- b) Alguns desses movimentos sociais ocorreram no Brasil; caracterize um deles.

Resposta esperada

- a) A resposta do candidato deveria identificar os movimentos sociais que tiveram os líderes mencionados na música de Chico Science. Os movimentos sociais são: a Revolução Mexicana, o movimento da Frente Nicaraguense de Libertação liderado por Sandino, assassinado em 1934, o movimento dos negros americanos contra o sistema de discriminação branca dos Estados Unidos e o movimento do Cangaço; movimentos sociais de amplas repercussões e implicações políticas, mas de características culturais e ideológicas distintas. Neste item, foi aceito também a resposta da Revolução Sandinista na Nicarágua ocorrida entre 1979-1990.

(3 pontos)

- b) Nesta questão, o candidato deveria perceber que o movimento de Canudos não poderia ser mencionado no item anterior porque se refere a um acontecimento do século XIX. Neste item, o movimento de Canudos poderia ser devidamente explicado em suas concepções religiosas milenaristas, congregando milhares de camponeses pobres que se insurgiram contra os grandes proprietários de terra do Nordeste. As explicações sobre este movimento são inúmeras e contraditórias, sendo a mais comum aquela que caracteriza o movimento de Antonio Conselheiro como

Resposta esperada

monarquista e anti-republicano. Todas estas informações foram aceitas, uma vez que a maioria dos candidatos ao vestibular não tem condições de avaliar interpretações conflitantes. O mesmo ocorre com a questão do Cangaco: este movimento, que existiu de forma endêmica nas primeiras décadas do século XX no Brasil, também tem interpretações conflitantes, sendo que algumas delas constroem uma visão heróica do Cangaco em que Lampião é interpretado como bandido social, que rouba dos ricos proprietários para dar aos pobres camponeses. Em outra vertente historiográfica, Lampião aparece de modo menos heróico, participando do jogo de poder entre os grandes proprietários, servindo-os de modo a permitir concentrações e seqüestros de propriedades rurais. Neste item, portanto, pretendíamos perceber a concepção histórica dos candidatos sobre estes movimentos sociais ocorridos no Brasil, principalmente porque eles trazem interpretações historiográficas divergentes e conflitantes.

(2 pontos)

Exemplo acima da média

a) O texto faz alusão aos movimentos sociais do século XIX como o cangaco ("Lampião"), Revolução mexicana ("zapala") e movimento contra o racismo nos Estados Unidos ("Pantelas negras")

b) O cangaco foi um movimento social que ocorreu no Nordeste, um de seus líderes foi Lampião. Esse movimento na luta as estruturas da época como os latifundiários. Eles se revoltam da indignação pela ~~condição~~ que os seus manifestações ~~permanecer~~. Lutar contra os "señores" que tinham e poder. O cangaco pode ser classificado como um movimento social de banditismo social.

Exemplo abaixo da média

a) Movimento I - guerra nos E.U. A por causa de religiões e etnias
 II - manifestações por causa de racismo, de cor e sexo.
 III - manifestações de pessoas contra ou à favor de partidos políticos.

b) Ocorreu os movimentos dos itens II e III. Do item 2, pessoas manifestaram nas ruas contra uma pessoa integrante do programa de TV "No Limite" em que a mulher falou mal dos Negros e rebaixou-os muito, assim um grupo de Negros processaram ela e assim fizeram uma grande manifestação acusando-a de racismo

Comentários

Como já foi mencionado acima, nesta questão pretendíamos avaliar o conhecimento dos candidatos sobre os movimentos sociais contemporâneos, que se caracterizam como revoltas, revoluções, milenarismos, etc. De modo indireto, a pergunta valoriza uma reflexão sobre a questão dos direitos e as formas de resistência social frente aos diferentes sistemas de dominação e discriminação. Além disso, procuramos elaborar a questão de modo a perceber as várias interpretações históricas conflitantes existentes sobre estes movimentos sociais. Observando-se o desempenho dos candidatos na questão, a dificuldade em respondê-la foi maior do que na questão anterior. Apenas 1,6% dos candidatos tiveram nota 5 e 14,5%, nota 4. Ao contrário da questão anterior, mais de 31% dos candidatos deixaram a questão em branco ou tiraram zero e 36% tiveram notas entre 2 e 3. Esta distribuição de notas revela um baixo conhecimento histórico sobre os movimentos sociais contemporâneos.

Questão 3

A indústria do entretenimento tem mostrado imagens ilusórias de robôs de ficção como o jovial R2D2 e o chato C3PO, de Guerra nas Estrelas, e o Exterminador do Futuro. Entre os brinquedos japoneses, há uma série de robôs que imitam movimentos de seres humanos e de animais. Isso deixa as pessoas desapontadas quando se deparam com os robôs reais, que executam tarefas repetitivas em fábricas. Eles não são tão esplêndidos como os anteriormente citados mas significam menos esforço muscular no mundo real. (Adaptado de James Meek, "Robôs mais baratos tomam fábricas européias", *O Estado de S. Paulo*, 23/9/2000.)

- a) Uma das diferenças entre robôs e seres humanos é que nos homens existem quatro grupos de moléculas orgânicas. Quais são esses grupos? Explique o que essas moléculas têm em comum na sua composição.
- b) O sistema robótico armazena energia em baterias. Indique dois órgãos ou tecidos de armazenamento de energia nos seres humanos. Que composto é armazenado em cada um desses órgãos ou tecidos?

Resposta

a) Os quatro grupos de moléculas orgânicas são: Gorduras (lipídios), Açúcares (carboidratos, glicídeos), Ácidos nucléicos (DNA e RNA) e Proteínas (protídeos).
Essas moléculas têm em comum em sua composição Carbono e Hidrogênio.

(3 pontos)

b) Os órgãos (ou tecidos) de armazenamento e os compostos armazenados podem ser:

Tecido/Órgão	Composto
Fígado, tecido hepático	glicogênio
Tecido muscular	glicogênio, ATP
Tecido adiposo	gordura
Pânículo adiposo (hipoderme)	gordura

(2 pontos)

Exemplo acima da média

A) Carboidratos, lipídios, proteínas e ácidos nucléicos. Elas possuem em comum átomos de carbono e hidrogênio.

B) O fígado armazena glicogênio (carboidrato) e o tecido adiposo lipídio.

Exemplo abaixo da média

a) Moléculas Cerebrais

b) A camada adiposa da pele, onde se armazena a gordura como forma de energia.

Comentários

Esta questão teve como objetivo avaliar o conhecimento geral de bioquímica celular e o papel biológico de moléculas orgânicas. Abordou, também, o papel de tecidos e órgãos no armazenamento de energia, usando para isso um tema atual. O assunto, de um modo geral, é abordado amplamente no ensino médio e podia ser respondido de maneira sucinta, como mostra a resposta do exemplo acima da média. Entretanto, o alto índice de respostas em branco e zero (36,6%) indicou que grande parte dos candidatos desconhecia o tema. Apenas as áreas de exatas e biológicas apresentaram respostas mais completas, sendo que a grande maioria dos vestibulandos obteve notas entre 2 e 3. A maior dificuldade observada foi a associação entre tecido ou órgão com o composto energético armazenado.

Questão 4

A cigarra e a formiga são personagens de uma fábula que enaltece o trabalho. A biologia dos grupos aos quais pertencem esses insetos explica o diferente papel desempenhado por eles na fábula. No verão, encontram-se cascas de cigarras presas nas árvores ou no chão. Há uma crença popular de que as cigarras “arrebentam de tanto cantar”.

- a) Que aspecto da biologia das formigas justifica sua associação com o trabalho?
- b) Qual a função do canto das cigarras?
- c) As cascas não são cigarras mortas. Explique o que representam essas cascas.

Resposta esperada

- a) Organização social com divisão de trabalho.
(2 pontos)
- b) Atração sexual (atrair a parceira).
(1 ponto)
- c) As cascas representam a muda ou ecdise, exoesqueleto, exuvia, revestimento quitinoso. Os insetos, para crescer, precisam eliminar a casca.
(2 pontos)

Exemplo acima da média

a) O fato de elas se organizarem em sociedades (as formigueiros), o que resulta numa divisão nas tarefas para sustentar a colônia. Isso passa a ideia de que cada formiga tem um "trabalho" dentro do formigueiro.

b) Sua função está relacionada com a reprodução, sendo que os machos usam o canto para atrair fêmeas.

c) As cigarras periodicamente sofrem a ecdise, ou seja, a muda do exoesqueleto de quitina para poderem crescer. Esse exoesqueleto é a casca que encontramos das cigarras.

Exemplo abaixo da média

a) As formigas passam o verão inteiro trabalhando quase sem parar conseguindo materiais orgânicos que as sustentará no inverno.

b) O canto das cigarras as deixa mais fortes para conseguirem quebrar a casca que envolve seus corpos.

c) As cascas são esqueletos externos, típicos de insetos como as cigarras, que quando crescem, ~~quebram~~ quebram suas cascas para continuar o crescimento que a casca estava impedindo.

Comentários

Esta questão teve como objetivo principal avaliar o conhecimento sobre a biologia de insetos utilizando, para isso, a fábula “a cigarra e a formiga” conhecida praticamente por todos os candidatos desde a infância. Este tópico, inserido no tema geral da prova da primeira fase, procurou mostrar a função biológica dos organismos no ambiente a partir da visão antropomórfica mostrada pela fábula. Pelo desempenho dos candidatos pode-se afirmar que esta questão apresentou um nível médio de dificuldade, pois 41,1% deles obtiveram nota entre 0 e 1 ou a deixaram em branco, enquanto que 19,4% obtiveram notas 4 ou 5. Esta questão foi adequadamente respondida pela grande maioria dos candidatos da área de Biológicas. Por estes indicadores pode-se afirmar que o assunto era do conhecimento dos candidatos e a questão adequada para avaliação da primeira fase. A maior dificuldade na resolução desta questão foi no item c, quanto ao significado biológico das cascas encontradas nas árvores. Um erro freqüente no item a foi descrever as formigas como insetos coloniais ao invés de sociais.

Questão 5

"Era uma vez um povo que morava numa montanha onde havia muitas quedas d'água. O trabalho era árduo e o grão era moído em pilões. [...] Um dia, quando um jovem suava ao pilão, seus olhos bateram na queda-d'água onde se banhava diariamente. [...] Conhecida a força da água, mais poderosa que o braço de muitos homens. [...] Uma faísca lhe iluminou a mente: não seria possível domesticá-la, ligando-a ao pilão?" (Rubem Alves, *Filosofia da Ciência*: Introdução ao Jogo e suas Regras, São Paulo, Brasiliense, 1987.)

Essa história ilustra a invenção do pilão d'água (monjolo). Podemos comparar o trabalho realizado por um monjolo de massa igual a 30 kg com aquele realizado por um pilão manual de massa igual a 5,0 kg. Nessa comparação desprezamos as perdas e considere $g=10 \text{ m/s}^2$.

- a) Um trabalhador ergue o pilão manual e deixa-o cair de uma altura de 60 cm. Qual o trabalho realizado em cada batida?
- b) O monjolo cai sobre grãos de uma altura de 2 m. O pilão manual é batido a cada 2,0 s, e o monjolo, a cada 4,0 s. Quantas pessoas seriam necessárias para realizar com o pilão manual o mesmo trabalho que o monjolo, no mesmo intervalo de tempo?

Resposta esperada

a) $W = mgh$

ou

$W_{\text{pilão}} = 5 \times 10 \times 0,6$

$W_{\text{pilão}} = 30 \text{ J}$

(2 pontos)

b) $W_{\text{monjolo}} = 30 \times 10 \times 2 = 600 \text{ J}$

$P_{\text{pilão}} = 30 \text{ J} / 2 \text{ s} = 15 \text{ W}$

ou

$P_{\text{monjolo}} = 600 \text{ J} / 4 \text{ s} = 150 \text{ W}$

$P_{\text{monjolo}} / P_{\text{pilão}} = 10$

(3 pontos)

Exemplo acima da média

a) O trabalho realizado por uma força F em uma distância d é dado por $\tau = F \cdot d \cdot \cos\theta$, portanto
 $\tau = m \cdot g \cdot h \cdot \cos 0^\circ \Rightarrow \tau = 5 \cdot 10 \cdot 0,6 \cdot 1 = 30 \text{ J}$
 O trabalho realizado em cada batida é de 30 J

b) $P = \frac{\tau}{\Delta t} \Rightarrow P_{\text{manual}} = \frac{30}{2} = 15 \text{ W}$

$P_{\text{monjolo}} = \frac{30 \cdot 10 \cdot 2}{4} = 150 \text{ W}$

$15 \cdot n = 150 \Rightarrow n = 10$

Seriam necessárias 10 pessoas para realizar o mesmo trabalho que um monjolo no mesmo intervalo de tempo.

Exemplo acima da média

monjolo massa igual a 30kg
 manual " " " a 5kg
 $g = 10 \text{ m/s}^2$

a) $h = 60 \text{ cm} = 0,6 \text{ m}$

$\tau = 5 \cdot 10 \cdot 0,6$

$\tau = 30 \text{ N} \cdot \text{m}$



b) $\tau_{\text{monjolo}} = 2 \cdot 10 \cdot 30 = 600 \text{ N}$

se o manual realiza 30 N

$\frac{600 \text{ N}}{30 \text{ N}} = 20$

portanto são necessárias 20 pessoas para executar o trabalho de um monjolo

Comentários

O exemplo de nota abaixo da média ilustra a importância do uso correto de unidades.

Questão 6

No início da Revolução Industrial, foram construídas as primeiras máquinas a vapor para bombear água do interior das minas de carvão. A primeira máquina operacional foi construída na Inglaterra por Thomas Newcomen em 1712. Essa máquina fornece uma potência útil de $4,0 \times 10^3 \text{ W}$ utilizando o próprio carvão das minas como combustível. A queima de 1 kg de carvão fornece $3,0 \times 10^7 \text{ J}$ de energia.

- a) A potência útil da máquina de Newcomen correspondia a somente 1% da potência recebida da queima de carvão. Calcule, em kg, o consumo de carvão dessa máquina em 24 h de funcionamento.
- b) Poderia a máquina de Newcomen alimentar uma casa com dois chuveiros elétricos ligados simultaneamente, caso sua potência útil pudesse ser convertida, na íntegra, em potência elétrica? Considere que em um chuveiro a corrente elétrica é de 30 A e sua resistência é de $4,0 \Omega$.

Resposta esperada

a) $P_{\text{tot}} = 4,0 \times 10^3 \times 100 = 4,0 \times 10^5 \text{ W}$
 $P_{\text{tot}} \times 86400 \text{ s} = 4,0 \times 10^5 \text{ W} \times 86400 \text{ s} = 3,456 \times 10^{10} \text{ W.s}$
 $P_{\text{tot}} \times 86400 / 3,0 \times 10^7 \text{ J/kg} = 1152 \text{ kg}$ ou 1,2 Ton

(3 pontos)

b) $P_{\text{elétr}} = i^2 \times R$
 $P_{\text{elétr}} = 3600 \text{ W}$
 $2 \times P_{\text{elétr}} = 7200 \text{ W} > 4000 \text{ W}$ A máquina de Newcomen não poderia alimentar 2 chuveiros ligados simultaneamente.

(2 pontos)

Exemplo acima da média

a) $\eta = \frac{P_u}{P_t} \rightarrow P_t = \frac{P_u}{\eta} \rightarrow P_t = \frac{4 \cdot 10^3}{0,01} = 4 \cdot 10^5 \text{ W}$

$P = \frac{E}{\Delta t} \Rightarrow 4 \cdot 10^5 = \frac{n \cdot 3 \cdot 10^7}{24 \cdot 3600} \Rightarrow n = 1152$

Em 24h de funcionamento são consumidos 1152 kg de carvão

b) $P_d = R \cdot i^2 \Rightarrow P_d = 4 \cdot (30)^2 = 4 \cdot 900 = 3600 \text{ W}$

2 chuveiros $\Rightarrow P_d = 7200 \text{ W} = 7,2 \cdot 10^3 \text{ W}$
 $7,2 \cdot 10^3 \text{ W} > 4,0 \cdot 10^3 \text{ W}$

Portanto a máquina de Newcomen não gera potência suficiente para alimentar 2 chuveiros simultaneamente.

Exemplo abaixo da média

A - $\eta = 1\% = 0,01 = 1 \times 10^{-2}$
 $P_u = 4 \times 10^3 \times 10^{-2} = 4 \times 10 = 40 \text{ W} \rightarrow P = \frac{E}{\Delta t}$
 $24 \text{ h} \cdot 3600 \text{ s} = 86400 \text{ s}$

$7,5 \times 10^5 \frac{\text{J}}{\text{kg}}$
 $86400 \text{ s} \frac{\text{J}}{\text{s}}$
 $x = \frac{864 \times 10^4}{7,5 \times 10^4}$

$x = 11,52 \times 10^{-6} \text{ kg}$

Res: O consumo total de $11,52 \times 10^{-6} \text{ kg}$

B - $i = 30 \text{ A}$ $P = i \cdot i \cdot R = 30 \cdot 30 = 900 \times 2 = 1800 \text{ W}$
 $R = 4 \Omega$

Res: não, pois a potência para os chuveiros é maior que a útil.

Comentários

No exemplo abaixo da média, um erro de cálculo leva a uma resposta absurda no item a. O cálculo da potência no item b está conceitualmente errado. Devido a esse erro e ao do item a, uma resposta final "não" não pode ser considerada correta.

Questão 7

A precarização do trabalho, a exclusão social, o ressurgimento do desemprego em escala crescente atingem, em graus variáveis, o conjunto de países ativamente envolvidos no processo de globalização, ou seja, todos os membros da OCDE, mais duas dúzias de países da Ásia e da América Latina. (Adaptado de Paul Singer, Globalização e desemprego: Diagnóstico e Alternativas, São Paulo, Contexto, 1999.)

Considerando o texto acima e o fragmento 7 da coletânea, responda:

- a) O que é a OCDE?
- b) Além dos Estados Unidos e da União Européia, vários países fazem parte da OCDE; cite três.
- c) Por que muitas empresas com sede em países centrais do capitalismo localizam suas unidades produtoras em países periféricos?

Resposta esperada

- a) Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico
ou
Organismo criado para apoiar o planejamento econômico e fornecer estatísticas para os países membros (que participam ativamente da globalização).
ou
Países que participam ativamente da globalização.
(1 ponto)
- b) Canadá, Turquia, Japão, Austrália, Nova Zelândia, México, República Checa, Coreia do Sul, Hungria e Polônia.
(1 ponto)
- c) Muitas empresas com sede nos chamados países centrais procuram instalar unidades produtivas na periferia, atraídas por:
 - Isenções fiscais e/ou tributárias/livre remessa lucros/ legislação ambiental menos ou pouco rígida;
 - Mão-de-obra relativamente mais barata;
 - Precarização mas relações de trabalho/ sindicalismo fraco ou inexistente/flexibilização das relações de trabalho;
 - Matéria prima ou insumos baratos.**(3 pontos)**

Exemplo acima da média

- a) A OCDE (a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) trata-se de um grupo que reúne algumas das maiores economias mundiais.
- b) O Japão, a Austrália e o Canadá.
- c) Denomina-se Nova Divisão Internacional do Trabalho os movimentos das multinacionais, com sede nos países centrais, de deslocar suas unidades produtoras para os países em desenvolvimento, buscando mão-de-obra barata, legislações ambientais pouco rígidas, benefícios fiscais e mercados em expansão.

Exemplo abaixo da média

a) É uma organização contra o desemprego e a exploração no emprego.
 b) Chile, Venezuela e Peru.
 c) Porque são nesses países periféricos que as leis de poluição não funcionam, as multas sobre a inversão ambiental são baixas chegando a nem existir as vezes. O controle sobre a matéria-prima é de fácil acesso, os resíduos industriais não tem um controle pelo governo desse país onde está instalada a empresa.

Comentários

Esta questão, distribuída em três itens, teve por objetivo principal demonstrar a imposição do mercado global, sobretudo das atividades econômicas, na maioria dos países, e seus desdobramentos nos mercados locais e regionais do trabalho. Os dois primeiros itens, **a** e **b**, exigiram do candidato um conhecimento específico: o que é OCDE, e a citação de três países, além dos EUA e da União Soviética, que fazem parte da OCDE. Estes dois itens geraram uma certa polêmica pois, inicialmente, foram compreendidos como um procedimento de memorização. Porém, além de cada um destes itens valer apenas 1 (um) ponto, não foi exigida a memorização da sigla, mas a compreensão do significado desta organização no mundo contemporâneo, lembrando que o texto apresentado oferecia os elementos necessários para o candidato trabalhar a sua resposta. Desse modo, a resposta que segue, por exemplo, cumpria perfeitamente bem o objetivo da questão: "OCDE é uma organização de países capitalistas inclusos no processo de globalização que estudam e analisam suas características". O item **c**, valendo 3 pontos, conduzia o candidato a elaborar uma reflexão articulada da geografia econômica do mundo globalizado, a partir dos interesses do mercado global nos atributos econômicos locais, tais como: mão-de-obra barata, contratos precários, fraca organização sindical, incentivos fiscais, matéria-prima barata, entre outros. Neste item, os candidatos facilmente atingiam os três pontos. No item **a** muitos candidatos, por não saberem o significado da sigla, não tentaram responder a questão.

No exemplo de resposta acima da média, o candidato cumpre bem a expectativa de resposta da banca. No item **a**, embora sem ter explicitado a sua compreensão sobre esta Organização, ele apresenta a denominação correta da OCDE. No item **b** ele aponta três países corretos e, no item **c** o candidato explica a atual divisão internacional do trabalho, vinculando-a aos interesses dos países centrais nos países periféricos.

Já no exemplo abaixo da média, apesar do candidato apresentar uma reflexão correta em relação ao baixo controle ambiental existente em muitos países periféricos, ele erra em relação aos países que fazem parte da OCDE e ao principal papel desta Organização.

Questão 8

O Brasil é reconhecido internacionalmente como um dos países que ainda mantêm a mão-de-obra infantil em atividades produtivas. Um dos casos mais significativos é o da produção do carvão vegetal em carvoarias no norte do Estado de Minas Gerais. Com relação a esse fato, responda:

- a) Que outro exemplo de atividade produtiva utiliza trabalho infantil no território brasileiro? Localize geograficamente essa atividade.
- b) Por que a produção do carvão vegetal, da forma como é realizada, conduz à degradação ambiental?

Resposta esperada

a) Qualquer atividade produtiva com a localização.
(2 pontos)

Observações:

Respostas muito genéricas não foram aceitas, por exemplo: atividade agrícola no nordeste do país. Como a pergunta especificava as atividades produtivas, as respostas que exemplificaram com o uso de trabalho infantil nas atividades do setor de prestação de serviços não foram aceitas.

b) Porque propicia o desmatamento do Cerrado, que tem como consequência o aumento dos processos erosivos e a perda dos solos férteis. A queima da madeira leva a um aumento da emissão de poluentes na atmosfera.
 O 3º ponto deste item também foi atribuído às menções sobre a destruição da biodiversidade ou do ecossistema.
(3 pontos)

a) No corte da cana-de-açúcar em lugares periféricos de São Paulo e no Nordeste.

b) Porque esse carvão vegetal, em sua maioria, é utilizada em Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais. Mas seu valor energético é baixo, necessitando de muito carvão.

Além de que, as árvores do cerrado brasileiro são derrubadas e depois queimadas para a fabricação do carvão, não sendo replantadas, deixando o solo sem proteção contra chuvas, causando erosões e deixando a terra pouco fértil. Além da poluição das queimadas.

a - Em São Paulo é muito utilizada mão de obra infantil em si maiores para venda de balas e outros.

b - Por visar apenas lucro e não se preocupar com os danos a natureza, os mineiros extraem o carvão sem um controle.

Exemplo acima da média

Exemplo abaixo da média

Comentários

Esta questão tratou de dois problemas muito atuais e recorrentes na mídia: a exploração do trabalho infantil na produção, e a degradação ambiental de determinadas atividades produtivas. Partindo da apresentação de um exemplo específico – a exploração do trabalho infantil nas carvoarias no norte do estado de Minas Gerais – o item **a**, valendo 2 pontos, pede a localização de um outro exemplo de trabalho infantil no território brasileiro. Foram considerados todos exemplos representativos, excluindo os que se referiam ao trabalho considerado “não-produtivo”, isto é, não vinculado aos setores primário e secundário da economia (“flanelinhas”, prostituição, venda de mercadorias nos semáforos, entre outros), os que generalizavam as suas colocações apontando apenas trabalho agrícola, por exemplo, e o trabalho familiar associado a agricultura de subsistência. Muitos candidatos apontavam corretamente um exemplo de exploração de trabalho infantil na produção, mas não localizavam a atividade no território, ficando apenas com 1 ponto. O item **b**, relativamente fácil, demandava uma associação entre a produção do carvão vegetal e o processo de degradação ambiental. Muitos candidatos confundiram a extração do carvão mineral com a produção do carvão vegetal, o que conduziu a um encadeamento de erros na resposta.

No exemplo de resposta acima da média, o candidato exemplificou e localizou corretamente, apesar de fazê-lo de forma sintética. No item **b**, além de apontar de maneira correta o processo que conduz à degradação ambiental, o candidato apresenta, ainda, outras informações não exigidas pela pergunta, tais como: a utilização do carvão nas usinas siderúrgicas, o baixo valor energético do carvão vegetal, e a exploração de uma área de cerrado.

Na resposta abaixo da média, o candidato confunde, no item **a**, a atividade produtiva com o comércio realizado nas cidades. No item **b** o candidato confunde a produção de carvão vegetal com a extração de carvão mineral, remetendo-se aos “mineiros” e a extração direta.

Questão 9

Segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), no período de julho de 2000 a junho de 2001, houve dez milhões, cento e noventa e cinco mil, seiscentos e setenta e uma admissões ao mercado formal de trabalho no Brasil, e os desligamentos somaram nove milhões, quinhentos e cinqüenta e quatro mil, cento e noventa e nove. Pergunta-se:

- a) Quantos novos empregos formais foram criados durante o período referido?
- b) Sabendo-se que esse número de novos empregos resultou em um acréscimo de 3% no número de pessoas formalmente empregadas em julho de 2000, qual o número de pessoas formalmente empregadas em junho de 2001?

Resposta esperada

a) $10.195.671 - 9.554.199 = 641.472$.

Resposta: No período referido, foram criados 641.472 novos empregos formais.

(2 pontos)

b) Se 641.472 corresponde a um acréscimo de 3% no número de pessoas empregadas em julho de 2000, então teríamos, nesta data, x pessoas empregadas, sendo x dado pela seguinte "regra de três":

$$3\% \rightarrow 641.472$$

$$100\% \rightarrow x$$

Então, $x = 641.472 \times 100/3 = 21.382.400$

Logo, o número de pessoas empregadas em junho de 2001 era $y = 21.382.400 + 641.472 = 22.023.872$ pessoas.

Alternativamente, $3\% \rightarrow 641.472$

$$103\% \rightarrow y$$

ou seja, $y = 641.472 \times 103/3 = 22.023.872$ pessoas.

(3 pontos)

a) $\text{NOVOS EMPREGOS} = 10.195.671 - 9.554.199 = 641.472$

R: Foram criados 641.472 novos empregos formais.

b) $641.472 - 3\%$ $x = 21.382.400$ empregos
 $x - 100\%$

EM JUNHO/2001, O Nº DE PESSOAS FORMALMENTE EMPREGADAS É:

$$21.382.400 + 641.472 = 22.023.872 \text{ pessoas}$$

R: Em junho de 2001, o nº de pessoas formalmente empregadas era 22.023.872.

10195667 → admissões no mercado formal
 9554199 → desligamentos

a) $10195667 - 9554199 = 641.468$ empregos criados

b) $641.468 \xrightarrow{\quad} 1$ $641.468 = \text{pessoas formalmente empregadas em 2000}$
 $x \xrightarrow{\quad} 1,03$

$$x = 641.468 \times 103 \times 10^{-2} = 660712,04 \approx 660712 \text{ pessoas formalmente empregadas em 2001}$$

Exemplo acima da média

Exemplo abaixo da média

Comentários

Os números que aparecem no enunciado, escritos por extenso, evidenciaram sérios problemas de transcrição. Vários candidatos apresentaram as respostas também usando números escritos por extenso, o que pode estar correto, mas não havia sido pedido. Muitas respostas para o item b se referiam ao número de pessoas empregadas em julho de 2000 quando a pergunta dizia, claramente, junho de 2001. Foram muitos os erros nas operações elementares envolvidas, geralmente por descuido no cálculo e interpretação da resposta.

Questão 11

A cana-de-açúcar, o engenho, o açúcar e a aguardente estão profundamente vinculados à história do Brasil. A produção de açúcar era feita, originariamente, pela evaporação da água contida na garapa, submetendo-a a aquecimento. A solubilidade do açúcar em água é de 660 g/litro de solução a 20 °C. A garapa contém, aproximadamente, 165 g de açúcar por litro e sua densidade é 1,08 g / cm³. Considere a garapa como sendo solução de açúcar em água.

- a) Qual é a percentagem, em massa, de açúcar na garapa?
- b) A que fração deve ser reduzido um volume de garapa a fim de que, ao ser esfriado a 20 °C, haja condições para a formação dos primeiros cristais de açúcar?

Resposta esperada

- a) $d = m/V \} \quad m = 1,08 \times 1000 = 1080 \text{ g}$
 $165 / 1080 = 0,15 \text{ ou } 15\%$
(2 pontos)
- b) $660 / 1000 = 165 / x \} \quad x = 165 \times 1000 / 660 = 250 \text{ mL ou } 0,25 \text{ litros}$
 Fração 0,25 ou $\frac{1}{4}$ ou foi reduzido $\frac{3}{4}$ do volume inicial.
(3 pontos)

Exemplo acima da média

a) $d = 1,08 \text{ g/cm}^3$
 $V = 1 \text{ litro de garapa}$
 $d = \frac{m}{V}$
 $1,08 = \frac{m}{1000} \quad m = 1080 \text{ g de solução}$

$1080 \text{ g} - 100\%$
 $165 \text{ g} - x$

$1080x = 165000$
 $x = 15,2\%$

Resposta:
 A) A percentagem em massa de açúcar é 15,2%.

b) solubilidade a 20 °C = 660 g → 1 L de água é 15,2%
 fração açúcar/água = $\frac{660 \text{ g}}{1000 \text{ g}} = \frac{66}{100} = \frac{33}{50}$

a garapa possui: $\frac{165 \text{ g}}{1000 \text{ g de água}} = \frac{33}{200}$ (fração açúcar/água)

Para formar os cristais de açúcar $\frac{33}{200} > \frac{33}{50}$, portanto, o volume da garapa deve ser reduzido a menos de $\frac{1}{4}$ do inicial.

Exemplo abaixo da média

a) $\% \text{ massa} = \frac{\text{parte}}{\text{todo}} = \frac{165}{1245} = 0,13 = 13\%$

$1,08 \text{ g} - 10^{-3} \text{ L}$
 $x \leq 1 \text{ L}$
 $V = 1,08 \times 10^3 = 1080 \text{ g} + 165 = 1245$

R: A percentagem será 13.

b) $660 \text{ g} \leftarrow 1 \text{ L}$ a garapa - 165g - 1L de H₂O
 $165 \text{ g} \quad x$

$x = 0,25 \text{ L} =$
 $x = 250 \text{ mL de água} = \text{solução saturada} \rightarrow 250 \text{ mL} = \frac{1}{4} \text{ do volume}$

R: Deve ser reduzida a mais de $\frac{1}{4}$ ou seja, $\frac{1}{5}$ de volume.

Comentários

Trata-se de uma questão relativamente simples de densidade e de concentração de soluções, contextualizada em produção de açúcar. Percebeu-se a dificuldade de muitos candidatos em tratar com tema tão simples como a densidade. Embora o cansaço possa explicar uma parte desta dificuldade, não deixa de ser preocupante que um conceito, tão simples, possa se transformar em um problema tão grande para candidatos a uma vaga na Universidade.

Item a

As confusões conceituais neste item envolvem basicamente o conceito de densidade e de composição de solução. Em relação à densidade, é comum os candidatos atribuírem o valor $1,08 \text{ g/cm}^3$ à massa de açúcar 165 g e encontrarem o resultado 152 . Este corresponderia, então, ao volume de 152 cm^3 em 1000 cm^3 de solução. Conseqüentemente, é obtida a porcentagem de $15,2 \%$, valor esperado. Se apenas se considerasse o valor final para atribuir a nota, esta solução, que é conceitualmente errada, seria computada como correta, o que não foi o caso.

Em relação à composição da solução, muitos candidatos "leram" a informação fornecida de que havia 165 g de açúcar em 1 litro de solvente (água) admitindo a densidade da água como $1,0 \text{ g/cm}^3$ concluíram, portanto, por uma massa total de $165 + 1000 \text{ g} = 1165 \text{ g}$, calculando a porcentagem de $14,1 \%$. Se estivesse sendo corrigida apenas a resposta final, os candidatos que fizeram este erro conceitual teriam pontuação, pois apenas seria descontado o ponto relativo ao erro de conta.

Os candidatos que calcularam a massa de 1 litro de garapa como 1080 g já receberam 1 ponto pois admitiu-se que deram o primeiro passo para a resolução correta da questão, além de terem demonstrado saber o conceito correto de densidade.

Um grande número de candidatos calculou a porcentagem como sendo $16,5 \%$, alguns informando que se tratava de relação massa/massa, enquanto que se trata de 165 g em 1000 mL de solução, ou seja, uma relação massa/volume. Estes desprezaram, ou não entenderam, o dado de densidade e forneceram a resposta em massa/massa apenas para ajustá-la à pergunta.

Item b

Daqueles candidatos que tentaram resolver a questão, muitos perceberam que o caminho era a relação entre 660 g e 165 g de açúcar na garapa. Mesmo assim, a dificuldade de expressar corretamente o raciocínio e, portanto, a resposta, foi grande. Muitos candidatos usaram a preposição **em** ao invés de **a**. Outros encontraram a razão **4** percebendo, no entanto, que se tratava de uma redução de volume. Contudo, usaram a expressão "**reduzir 4 vezes**", o que em Química pode ter outro significado.

Muitos candidatos, mesmo tendo resolvido corretamente a questão, preferiram se expressar em porcentagem. Assim, responderam: reduzir o volume a 25% ; reduzir o volume em 75% .

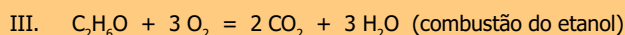
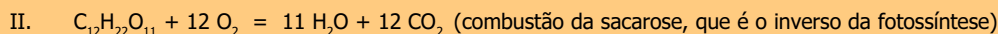
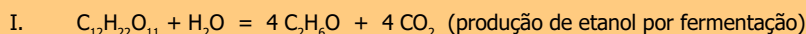
Em alguns casos, as respostas indicavam a porcentagem do item **a** como sendo 25 . Assim, a resolução do item **b**, elaborada com base na resposta do item **a**, levou ao valor $\frac{1}{4}$ no item **b**. Porém, trata-se, obviamente, de resposta errada.

Desempenho

O desempenho dos candidatos ficou muito abaixo do que se poderia esperar para uma questão deste tipo. A média geral de $0,91$, na escala de 0 a 5 , está muito abaixo do esperado. Mesmo em áreas mais disputadas como biológicas a média de $1,02$, apenas 12% maior do que a geral, denota que os candidatos encontraram dificuldade em resolver a questão. O elevadíssimo percentual de zeros e brancos foi surpreendente, considerando, dentre outros, o aspecto fundamental do conceito de densidade.

Questão 12

O etanol, produzido a partir da cana-de-açúcar, tem se mostrado uma interessante alternativa como combustível em substituição a derivados de petróleo. No que diz respeito à poluição atmosférica, o assunto é polêmico mas, considerando apenas as equações químicas I, II e III abaixo, pode-se afirmar que o álcool etílico é um combustível renovável não poluente.

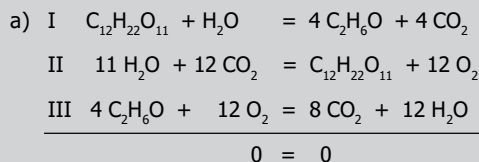


a) Use adequadamente as equações I, II e III para chegar à conclusão de que aquela afirmação sobre o álcool etílico está correta, demonstrando o seu raciocínio.

b) Na safra brasileira de 1997, foram produzidas 14×10^6 toneladas de açúcar. Se, por fermentação, todo esse açúcar fosse transformado em etanol, que massa desse produto, em toneladas, seria obtida?

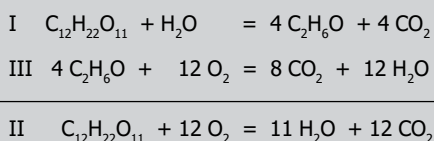
Massa molar do etanol = 42 g/mol ; Massa molar da sacarose (açúcar) = 342 g/mol .

Resposta esperada



Donde se conclui que o sistema é cíclico. Portanto o etanol não é poluente.

Ou



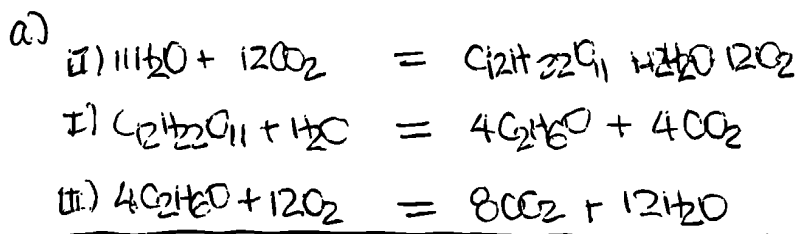
Temos como resultado da produção e combustão do etanol, a combustão do açúcar que é o inverso da fotossíntese. Portanto o etanol não é poluente.

(3 pontos)

$$\text{b) } 342 \cdot x = 4 \times 42 \times 14 \times 10^6 \quad \} \quad x = 7 \times 10^6 \text{ toneladas}$$

(2 pontos)

Exemplo acima da média



$12 H_2O + 12 CO_2 = 12 CO_2 + 12 H_2O$; ou seja, álcool cíclico é renovável pois sua matéria-prima é devolvida ao ambiente como no início e não é poluente, pois "emite" como resultado de seu uso água e gás carbônico, que serão utilizados para produção de mais açúcares pela fotossíntese, portanto "reabsorvidos pelo meio".

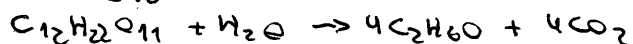
$$\begin{array}{l} \text{b) } C_{12}H_{22}O_{11} + H_2O = 4 C_2H_6O + 4 CO_2 \\ 1 \cdot 342g \quad \quad \quad 4 \cdot 42g \\ 14 \cdot 10^{12}g \quad \quad \quad m \\ m = \frac{14 \cdot 42 \cdot 10^{12}}{342} = 6,87 \cdot 10^{12} = \boxed{6,87 \cdot 10^6 \text{ ton}} \end{array}$$

Exemplo abaixo da média

a) A afirmação está correta já que para a produção de álcool etílico através da sacarose são produzidos 4 mols de CO_2 e depois para a sua combustão além de 3 mols de O_2 consumidos, são produzidos 2 mols de CO_2 . Demandando-se a quantidade total de mols de CO_2 obtém-se 6 mols dele, sendo que só a combustão da sacarose, que é o "combustível" do ser humano gasta-se mais, ou seja, produz-se mais (4 mols de CO_2). Assim a combustão do etanol polui menos que qualquer ser humano que respire.

b) Produção = $14 \cdot 10^6 \cdot 10^6$ g de açúcar

$$n = \frac{m}{M} = \frac{14 \cdot 10^{12}}{342} \approx 4 \cdot 10^{10} \text{ mols de sacarose}$$



$$4 \cdot 10^{10} \quad \quad \quad \times \quad \quad \quad x = 16 \cdot 10^{10} \text{ mols } \text{C}_2\text{H}_6\text{O}$$

$$m = 16 \cdot 10^{10} \times 42 = 672 \cdot 10^4 \text{ g etanol} \rightarrow 672 \cdot 10^4 \text{ t etanol}$$

At: Inicialmente obtida a massa de $67,2 \cdot 10^5$ t de etanol

Item a

A redação deste item não faz nenhuma referência à comparação entre o álcool e outra substância, no que diz respeito à poluição ou outro aspecto qualquer. Mesmo assim, muitos candidatos, para afirmar que o álcool não é poluente, o compararam ao açúcar. A maioria dos que assim procederam levaram em conta dois aspectos: 1) compararam as equações de combustão do etanol e da sacarose em termos estequiométricos, observando que 1 mol de álcool, quando reage com oxigênio, libera apenas dois mol de CO_2 , enquanto que a sacarose libera 12 mol; isto, segundo estes candidatos, faz com que o etanol seja menos poluente que a sacarose; 2) como os animais queimam sacarose e liberam CO_2 , a queima do álcool, também liberando CO_2 , é um fato "natural". Portanto a queima deste não pode ser considerada poluente. Neste caso, os candidatos não trabalharam sequer as equações fornecidas, baseando-se apenas na analogia com a respiração dos animais.

Muitos candidatos trilharam o caminho correto, em direção à resposta, esquecendo de concluir. Por exemplo, alguns se limitaram a cancelar, nas equações, reagentes e produtos, sem finalizar o seu raciocínio.

Dentre as resoluções consideradas corretas, podemos destacar, por exemplo: alguns candidatos, trabalhando adequadamente as equações, mostraram que, num ciclo, não sobram reagentes ou produtos; outros combinaram duas equações para, na soma, dar a equação da fotossíntese e, numa frase, explicaram a sua estequiometria.

Surpreendeu o número e candidatos que justificou o caráter não poluente da combustão do etanol, pelo fato de que há apenas a liberação de CO_2 e H_2O , considerando que estes não seriam poluentes. Ao usarem o "senso comum" não chegaram a usar as relações estequiométricas e, também, esqueceram-se de que o CO_2 é um dos responsáveis pelo "efeito estufa". Apareceram, inclusive, alusões ao fato de que o CO_2 seria apenas um poluente "quantitativo", querendo dizer que é apenas poluente se existir em grande quantidade, enquanto que o SO_2 é um poluente "qualitativo", entendendo que mesmo em pequenas quantidades ele é tóxico. Tem-se a impressão de que este assunto, ao ser tratado em algumas escolas de ensino médio, não foi abordado adequadamente.

Item b

Este item corresponde a uma questão clássica de estequiometria, ao contrário do item a que exigia um raciocínio mais amplo. A resolução do problema está na relação estequiométrica entre a sacarose e o etanol formado na reação. Alguns candidatos usaram a relação estequiométrica 1:4 como sendo a relação de massas. Assim, chegaram à conclusão de que 14×10^6 toneladas fornecem $5,6 \times 10^7$ toneladas de álcool.

Um número significativo de candidatos se esqueceu da potência de dez (10^6), encontrando respostas do tipo: 6 toneladas; 6,9 toneladas; etc.

Obs.: Devido a erro de digitação, a massa molar do etanol foi informada com sendo 42 g/mol, em lugar de 46 g/mol que é o valor correto. Isto não prejudicou nenhum candidato, quer o mesmo tenha usado o dado fornecido ou o correto.

Desempenho

Esta questão também mostrou um desempenho baixo, embora um pouco maior que a anterior. A maior média, como era de se esperar, ocorreu na área de biológicas, sendo igual a 1,16, porém apenas 17% acima da média geral. O elevado percentual de zeros e brancos foi surpreendente para uma questão deste tipo.

Comentários